

REVISTA

DA SEMANA

ADEMAR: BICAMPEÃO OLÍMPICO

A PARALISIA INFANTIL AINDA NÃO TEM CURA

MARILYN AGORA É INTELECTUAL





★ O famoso estadista soviético voltou à cena. Várias vezes caído em desgraça, de todas conseguiu escapar. Mas com a morte de Stalin, pareceu entrar no ostracismo definitivo. Quase 4 anos durou essa ilusão. Pois agora os telegramas informam que Molotov foi nomeado ministro do Contrôlo do Estado, um dos lugares mais importantes da Rússia Soviética. Vai exercer o controle econômico e financeiro sobre todas as atividades do governo. Incluindo o Exército e o Ministério da Segurança. Com essa nomeação parece que Tito perde terreno na Rússia, e que se recende a luta entre stalinistas e anti-stalinistas.

MOLOTOV RESSUSCITADO

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — Nº 49 — Rio de Janeiro — 8-12-1956

DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Ensida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Vacinar ou não vacinar: Eis a questão	4/7
Dois casamentos na família do rei	10/11
A princesa e o coronel	17/19
Festival do futebol	24/25
Marilyn — Nunca fui Santa	31/33
Crise no comunismo brasileiro	37/39
Helena Rubinstein já embelezou milhões	40/41
Vou provar que os 5 desertos são 3	48/49
Ademar — bicampeão olímpico	60/61

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00
O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.	

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

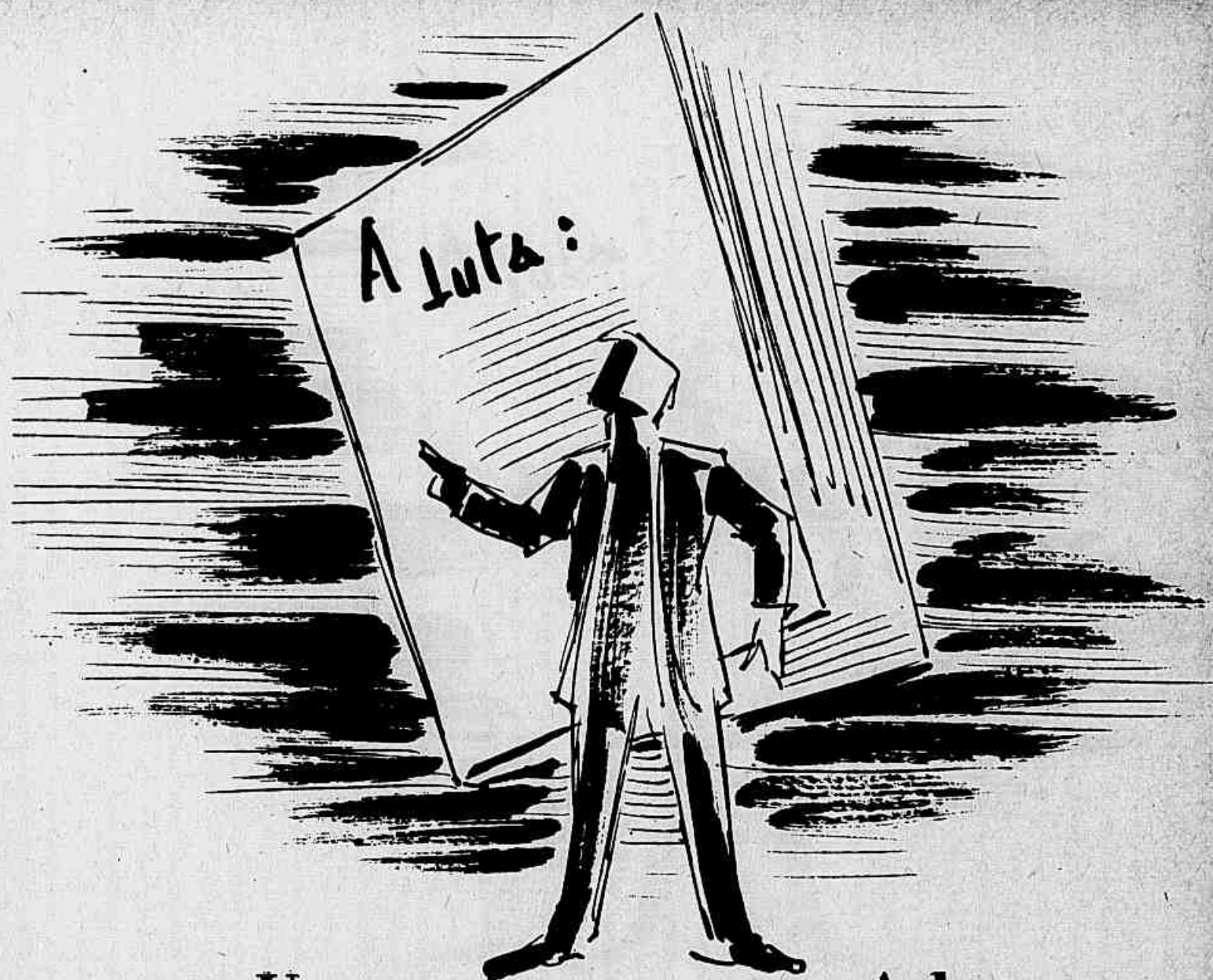
EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



CAPA

Debbie Reynolds (Kodachrome M.G.M. — Especial para a REVISTA DA SEMANA).



Vencer na vida

◆ Encontrei-o ontem naquele prezado «sebo» da rua S. José que vai ficar na história da literatura brasileira pelas suas realizações e pelo dono, «velho mercador de livros» que de colete traiega, diariamente entre as estantes e as mesas, entre livros velhos e novos, indo e vindo, numa louca atividade, mas que é capaz de saudar-nos com um grande carinho sempre e está sempre disposto a informar quantas obras já publicou fulano de tal, em que ano saiu a primeira edição de tal volume. Não preciso dizer, portanto, que meu encontro foi na Livraria S. José, do prezado Carlos Ribeiro. Devo no entanto declarar que o encontro foi com uma pequenina brochura dessas que Gertum Carneiro edita. Chama-se «Regras para Vencer na Vida» e é assinada por Lews Mill. Não sei se o leitor, leitora ou leitores, já tomaram conhecimento desses livrinhos que ensinam tudo: amar e ser amado, mandar recados com lenços ou flores, escrever cartas de amor ou respondê-las. O que constituiu meu encontro começa assim: A luta — Você que me está lendo, na certa andou brigando. E levou a pior. Por muito pouco não foi a nocaute.

◆ Anda triste, casmurro, sem ânimo, profundamente envergonhado. Bobagem! Não é o primeiro que apanha da vida, etc., etc. Acontece que não briguei, não levei a pior, não fui a nocaute nem estou triste — quando muito cansada; mas, se o livrinho não parece dirigido a pessoas como eu, continuo a leitura: «a saúde é o maior dos bens da vida. Nada — nem dinheiro, nem posição, nem inteligência — vale a posse de uma saúde perfeita.» Estou de acordo, se bem que um pouco de dinheiro e inteligência com saúde, me pareçam ideais magníficos. Manda o autor tomar banhos frios, coisa que não preciso discutir pois realizo com segurança diária, mesmo comprando a lata d'água num prédio em construção, a uns doze e quinze cruzeiros a lata. Coisa barata. Também o livro manda-me comer bastante banana e pimentões, estes últimos por ele chamados «campeões em matéria de vitamina C». Aqui para nós, acho que o excesso de pimentões, mesmo dando excesso de vitaminas, pode trazer conseqüências lamentáveis. Mas continuo aprendendo: para se vencer na vida devemos escovar os dentes (de acordo, de acordo), disciplinar a alegria, coisa difícil para a minha alegria anarquista, incapaz de aceitar disciplinas.

◆ Querem saber onde se encontra a alegria? Esse é um capítulo importante e delicioso. Começa assim: «Onde está a alegria? Nas coisas simples. É possível que você ria — diz o autor — dos prazeres e alegrias que lhe vou aconselhar. Não é buate, nem uisque e soda. Que é então?» Ai vêm os conselhos: passear no campo, criar um cão, um gato ou um canário, etc., etc. Não sei quem seja o autor desse opúsculo tão recheado de conselhos. Sei que sua leitura me divertiu numa viagem de lotação e me senti mesmo profundamente orgulhosa, pois seus ensinamentos estão de acordo com meus sentimentos. Pergunta: «Feliz para que?» e manda, para sermos felizes, que cultivemos um jardim, como o *Candide*, de Voltaire. Ah! senhor Mill se a gente pudesse, era bom. Mas com essa falta d'água as plantas morrem todas, o que torna muito tristes pessoas sensíveis como esta sua leitora. Uma coisa, senhor Mill eu lhe garanto: seu livro ajudou-me a suportar, na tarde de ontem, os solavancos, os quase atropelamentos, os horrores e perigos comuns a uma banal viagem de lotação. Pelo que agradeço.

ENEIDA



VACINAR OU NÃO VACINAR EIS A QUESTÃO

OS MÉDICOS NÃO SE ANIMAM A UMA OPINIÃO CONCLUDENTE SOBRE O ASSUNTO — 150 CIENTISTAS, REUNIDOS, NÃO CHEGAM A UM RESULTADO CONCRETO — PERIGO DE EPIDEMIA NO BRASIL — NÃO HÁ PREVENÇÃO CONHECIDA (E EFICIENTE) PARA A PARALISIA INFANTIL — VANTAGENS E DESVANTAGENS DA VACINA SALK — UNANIMIDADE: IMPOSSÍVEL UM DIAGNÓSTICO PRECOCE DA DOENÇA — DR. NOGUEIRA DA SILVA: «A VACINA SALK NÃO PREVINE, NÃO IMPEDE E NÃO EVITA A PARALISIA. PARA QUE VACINAR ENTÃO? — A CURA PELA HOMEOPATIA — SINTOMAS DA PARALISIA — MAIORES VITIMAS: CRIANÇAS ENTRE 3 E 5 ANOS DE IDADE — OS POBRES SÃO MENOS ATACADOS.

Reportagem de W. GUARNIERI



O dr. Salk, cuja vacina, provocou tanta celeuma nos EE.UU., não mereceu do I Simpósio Brasileiro resposta decisiva sobre seu emprego.

◆ DEVO VACINAR MEU FILHO CONTRA A PARALISIA?

Até às 11 horas e 45 minutos de sábado, 24 de novembro de 1956, a resposta era uma dúvida terrível. Para cada 10 cientistas a quem idêntica pergunta fôra formulada (reunidos no I Simpósio sobre a vacinação contra a Poliomielite no Rio de Janeiro), 8 deles pronunciavam-se cautelosos, recomendando o aguardo das conclusões da assembléia. **Havia grande esperança.**

Todavia, quando 10 minutos mais tarde, foram conhecidas as recomendações do magno certame — **a mesma dúvida perdurou angustiante na consciência dos próprios médicos participantes.**

INTERROGAÇÕES DOLOROSAS — Muito embora os grupos de estudos de epidemiologia, de virologia e de imunologia, formulassem 17 quesitos esclarecedores — interrogações dolorosas ainda pairam ameaçadoras para inquietar o espírito dos pais brasileiros.

Examinadas, com rigor, a viabilidade do emprego dos 2 tipos de vaci-

nas conhecidos (virus vivos e virus mortos), especialmente a da vacina Salk (justamente a que vem de ser recomendada pelas autoridades municipais cariocas para o emprego em massa na população infantil da capital) — **só o futuro poderá dizer se, realmente, todo o risco de seu emprego foi totalmente eliminado.**

1ª pergunta, sem resposta — Qual a duração da proteção da vacina?

2ª pergunta, sem resposta — Sabendo-se que há necessidade de uma revacinação, repetida todos os anos, o que acontecerá se essas revacinações não forem feitas?

3ª pergunta, sem resposta — Existirá o perigo de que a interrupção da vacina na criança possa levá-la, na idade adulta, a contrair a paralisia?

4ª pergunta, sem resposta — Existirá o perigo de uma lesão renal (ou de outro tipo alérgico) nos pacientes vacinados, e que se processe em evolução lenta?

5ª pergunta, sem resposta — É lícito, portanto, defender uma vacina-

MAIS FELIZ A CRIANÇA «FAVELADA»?

Pesquisas sorológicas, já praticadas sobretudo em regiões africanas, vieram confirmar recentemente, as conclusões dos estudos epidemiológicos:

— Nas áreas em que o povo vive sob condições primitivas, onde há pouca — ou nenhuma — higiene, e onde com frequência a água potável é fortemente poluída, a poliomielite aparece esporadicamente. Em tais comunidades, foi comprovado que mais de 90% das crianças abaixo de 6 anos formam anticorpos contra o virus. Em tais comunidades, as epidemias de pólio são totalmente desconhecidas.

A mesma conclusão acaba de chegar uma das nossas maiores autoridades na matéria — o prof. Martinho da Rocha — que fez parte do grupo brasileiro para acompanhar o último surto de pólio em Bue-

nos Aires. Ali, também, não se constatou um só caso de paralisia entre os favelados da cidade. Por outro lado, tornou-se também evidente que desde que o nível de vida seja melhorado, aumentará a incidência da pólio parálitica. Isso, evidentemente, pode constituir mais um fator de inquietação. Mas, o dr. Madureira Pará — um dos relatores mais brilhantes do I Simpósio — tranquiliza-nos quando afirma: — «É bem possível que a imunização natural constatada entre os favelados chegue até os filhos dos mais afortunados (que vivem em melhores condições asépticas) através do benéfico contacto diário com as domésticas suas babás, em geral oriundas dessas zonas de condições higiênicas deficientes, vivas portadoras dos anticorpos salvadores».

ção em massa com uma vacina que não oferece inteira segurança ou garantia de eficácia?

Como justificativa plausível, basta que se conheça que com bases nas experimentações feitas, até o presente momento nos Estados Unidos (onde mais adiantados se encontram os estudos sobre a pólio) **pode-se afirmar que a vacinação contra a poliomielite até hoje continua a ser, em larga escala, um problema científico, cuja evolução está na fase experimental.**

AS DÚVIDAS SOBRE A VACINA SALK — Desde 1951, as incessantes pesquisas nos Estados Unidos, embora alcançando grandes progressos, infelizmente deixam supor que a vitória final contra a pólio ainda não foi atingida. Como todas as outras medidas terapêuticas tenham sido ineficazes, não existindo ainda qualquer tratamento por meios químicos ou antibióticos, a vacina foi reclamada com urgência. A de Salk é uma mistura (inativada pelo formol) dos 3 tipos conhecidos do vírus da pólio, que foram cultivados em células renais de macacos. Os 3 tipos de vírus — após a inativação — perdem a sua capacidade de reproduzir-se, conservando, porém, a sua capacidade antigênica, isto é, a de provocar a formação de anticorpos, e com isso, dar ao paciente forças imunitárias.

Todavia, nas suas primeiras aplicações uma catástrofe de grandes proporções provocou pânico entre os pais que haviam vacinado seus filhos e que passaram a viver na incerteza. As vacinas distribuídas e aplicadas naquela ocasião **continham vírus ativo**, ao lado do **vírus inativado**. A busca febril da causa — atribuída a erros técnicos na produção industrial — levou a uma interrupção no programa da vacinação em massa. Hoje, todavia, a produção sob intensa e rigorosa fiscalização admite a possibilidade de uma garantia quanto a sua inocuidade, perdurando, não obstante, as dúvidas apontadas que só mesmo a experimentação futura poderá dissipar.

AS CONCLUSÕES DO I SIMPÓSIO BRASILEIRO — Acentuando que não são satisfatórios os registros estatísticos epidemiológicos disponíveis sobre a ocorrência da pólio no país, chegaram os cientistas à conclusão de que se impõe promover a melhoria desses serviços a fim de propiciar um melhor conhecimento da doença em nosso meio, que ocorre em caráter esporádico ou endêmico, com surtos epidêmicos ocasionais, de maior ou menor extensão.

PERIGO DE EPIDEMIA NO BRASIL — Depois de outras considerações sobre a necessidade de se aparelhar e organizar laboratórios regionais capazes de se encarregarem do estudo da pólio de molde a colher amostras representativas da população, **chegaram os cientistas à conclusão de que a poliomielite está se tornando mais freqüente e mais grave no Brasil!**

A resposta sobre a freqüência dos surtos foi deveras alarmante. Ela na íntegra:

— A freqüência de surtos epidêmicos mais extensos, que se vêm observando nestes últimos anos, em algumas áreas, como Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, e mesmo em centros menores do interior de alguns Estados, autoriza a admitir a possibilidade de estarmos caminhando no sentido da epidemização da poliomielite nessas áreas, tal como vem sucedendo nos outros países onde a doença, anteriormente, ocorria com os mesmos caracteres epidemiológicos aqui observados.

AS IDADES PERIGOSAS — Com relação à distribuição da pólio pelos diferentes grupos de idades, os dados disponíveis mostram variação na

incidência específica por idade, com grande concentração de casos (formas paráliticas) nas idades mais baixas (da ordem de 80% abaixo dos 3 anos e de 90 abaixo dos 5 anos de idade) conforme já verificado em certas áreas.

Mas — frisam — **não há, além da imunização, outros recursos eficientes de prevenção da doença**, isto porque a pólio, de acordo com os conhecimentos atuais, é uma doença que por suas características somente poderá ser prevenida mediante a imunização específica.

NÃO HÁ RESPOSTA DECISIVA PARA O EMPRÉGO DA VACINA SALK — Finalmente, depois de admitir que a vacinação deverá sempre obedecer a orientação das autoridades sanitárias, sob um planejamento adequado, a derradeira pergunta ficou sem resposta decisiva por parte das autoridades que se reuniram para estudar o problema.

— Durante um surto epidêmico deve-se ou não praticar a imunização pela vacina Salk na área atingida?

Resposta — Os conhecimentos atuais não autorizam uma resposta decisiva. Todavia, não parece haver contra-indicação quanto ao emprego da vacina por vírus morto em vigência epidêmica.

HÁ OTIMISMO TAMBÉM — Encerrado o simpósio, reunidos em vários grupos, numerosos médicos palestravam, comentando as suas resoluções finais. Sobre a total impossibilidade de se efetuar um diagnóstico precoce da doença as opiniões eram unânimes. De certo modo, porém, bastante otimista mostrou-se conceituado pediatra de vastíssima clínica nesta capital:

— Acabo de receber de um colega atualmente nos Estados Unidos, uma dose da vacina Salk, e que às minhas mãos chegou com instruções daquele pediatra para aplicá-la imediatamente em seus próprios filhos, que aqui residem. Agora, que acabo de conhecer o pensamento dos mais doutos reunidos neste Simpósio, pareceu-me suficientemente demonstrada a inocuidade e eficácia de sua aplicação. **Não terei dúvidas em aplicá-la também em meus filhos.**

«Embora reconhecendo que a aludida vacina não oferece uma **imunidade permanente** contra a doença (pois ainda muito longe está da eficácia da vacina antivariólica, por exemplo), acredito que muito em breve, quando surgirem as formas definitivas de vacina com «vírus vivos» — tenhamos dado resposta definitiva e cabal à poliomielite. Por enquanto, — como bem afirma a sabedoria popular — **mais vale prevenir do que remediar.**»

A HOMEOPATIA E A PÓLIO — De certo modo um tanto veementes foram as restrições formuladas pelo conhecido médico homeopata, dr. A. Nogueira da Silva, que esteve presente ao simpósio, embora dele não participando, senão como simples ouvinte.

Frisando que — como entendeu — se a vacina Salk **não preserva** o paciente do contágio, **não impede** a veiculação da doença e **não evita** a infecção, garantindo, apenas, o afastamento da forma parálitica, indaga:

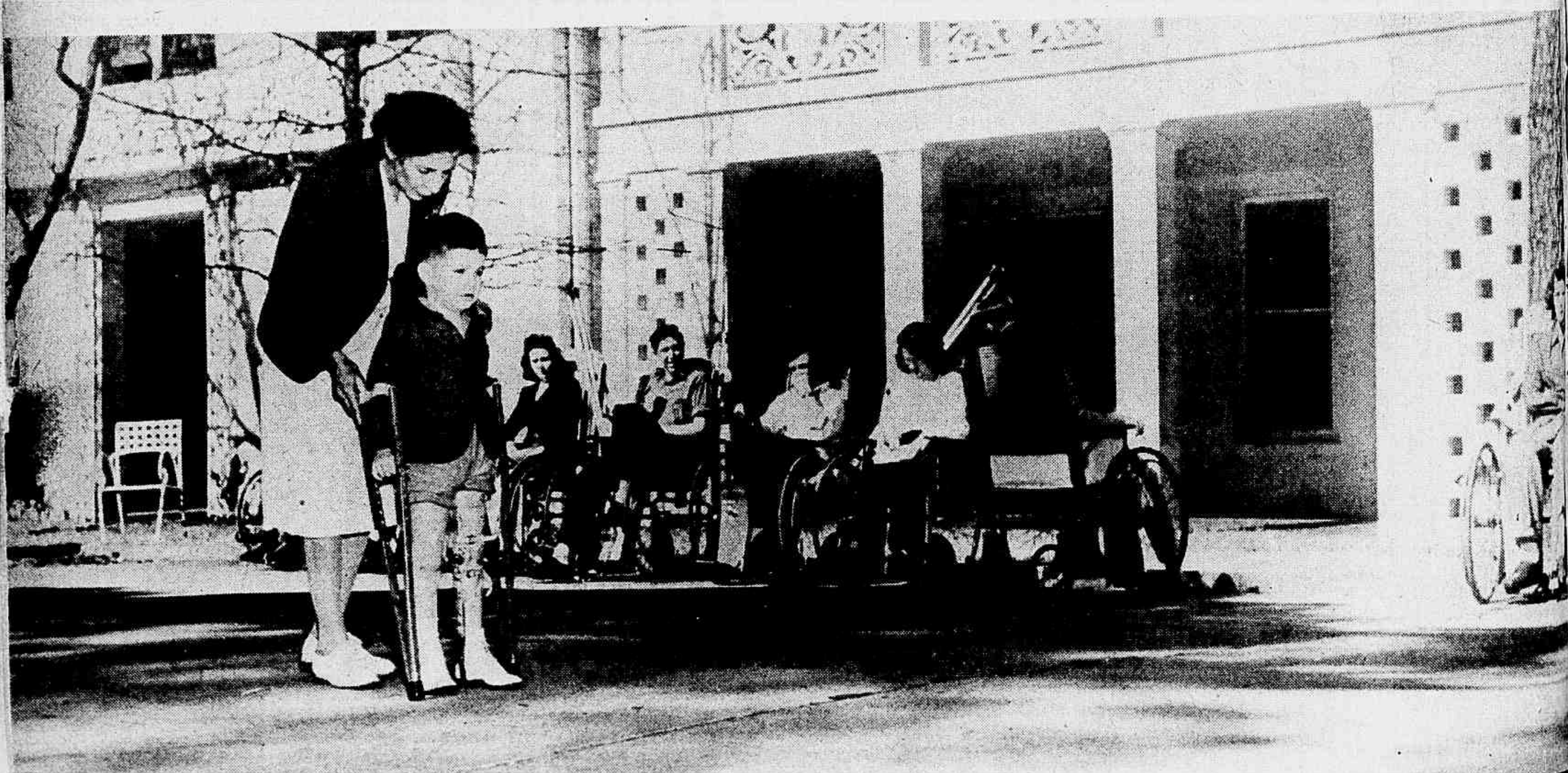
— Para que, então serve a vacina Salk?

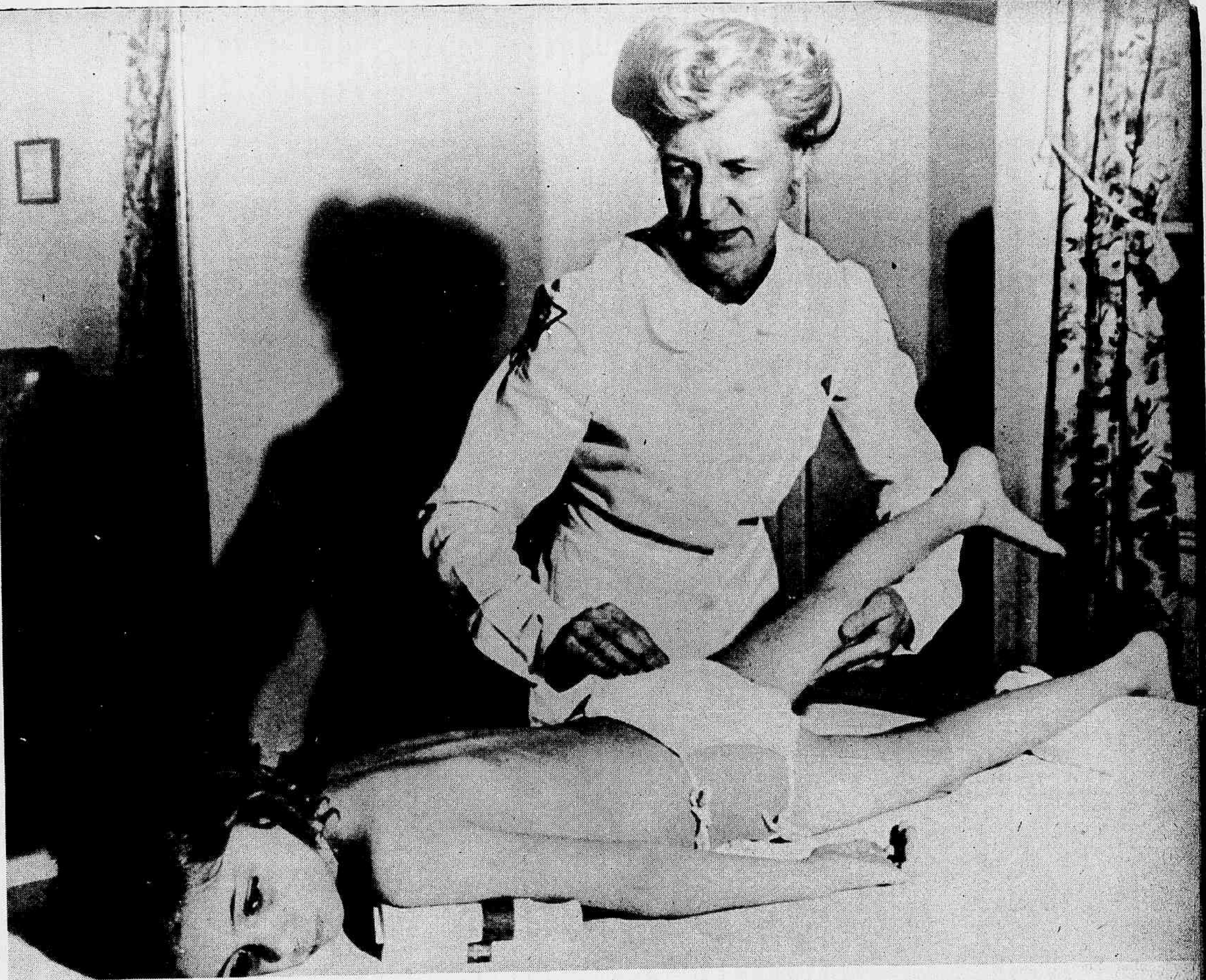
E ele mesmo responde de forma contundente:

— Serve, principalmente, para que os seus fabricantes a vendam como entenderem e, também, para que muitos a comprem para revender como quiserem...

Prossegue o dr. Nogueira da Silva afirmando-se surpreso «por não poderem os alopatas diagnosticar o aparecimento precoce da doença de Heim-Medin, isto é, no período pré-paralítico».

OS ALOPATAS NÃO DISPÕEM DE RECURSOS TERAPÊUTICOS PARA COMBATER O MAL, DEPOIS DELE INSTALADO NO ORGANISMO, MAS A HOMEOPATIA JÁ PROVOU QUE PODE CURAR A PARALISIA — AFIRMA O DR. NOGUEIRA DA SILVA.





SABE-SE QUE O TEOR DE ANTICORPOS OBTIDO PELA VACINAÇÃO CAI DEPOIS DE MESES. AS VACINAS PRECISAM SER REPETIDAS. MAS, QUE ACONTECERÁ SE AS REVACINAÇÕES NÃO FOREM FEITAS?

— Sem que possam preservar, nem curar a doença, eles cerceam a homeopatia que possui recursos profiláticos e terapêuticos apropriados e eficazes, tanto medicamentosos como físicos, para quaisquer dos períodos, formas e modalidades clínicas dessa doença. Isso é um fato sobrejuntamente comprovado. E no entanto, acrescenta, agarram-se às vacinas, aos soros, aos hormônios, aos antibióticos e a outros recursos terapêuticos racionais e naturais — **inteiramente subordinados à homeopatia!**

COMO RECONHECER OS SINTOMAS DE PARALISIA — Depois de insistir sobre a falta de atenção dos clínicos para o que lhe parece fundamental, frisa o dr. Nogueira:

— Quando uma criança ou adulto, febril ou não, com estes ou aqueles sintomas prodrômicos, vagos, inexpressivos ou indefinidos, apresenta, ao mesmo tempo sonolência e prostração, acompanhadas de hiperatesia (medo ao toque) assim como defesa ou reação contra movimentos (devido à hiperalgesia) e não raro, convulsões — pode-se firmar conscientemente o diagnóstico de paralisia infantil.

O TRATAMENTO HOMEOPÁTICO — Afirma o dr. Nogueira da Silva que a «homeopatia sempre dispõe de outros recursos profiláticos contra a doença de Heim-Medin», os quais vinham sendo preconizados pelos médicos homeopatas há vários anos:

— Já tive ensejo várias vezes de prescrever, segundo a Lei dos Semelhantes, o **Gelsemium sempervirens — 30ª dinamização centesimal — via oris** — 10 gotas em um pouco d'água pela manhã e a noite, durante 2 semanas, quer anualmente, quer no começo de algum surto epidêmico como preservativo da paralisia infantil. Esse medicamento tem sido usado largamente no Brasil e em outros países da América do Sul, assim como na do Norte e, também, na Europa, Ásia, África e Oceania, pelos adeptos da homeopatia. Que me tenha chegado ao conhecimento, até o momento presente, nenhuma criança ou nenhum adulto que tenha usado o **Gelsemium sempervirens**, como preservativo, foi acometido por essa doença. Será,

porventura, que todas essas criaturas referidas acima, já estavam anteriormente imunizadas contra a paralisia infantil, por infecções inaparentes ou abortadas? É muita coincidência...

RELEMBRANDO MIGUEL COUTO — Como estou porém certo — finaliza o dr. Nogueira da Silva — de que os médicos propugnadores da vacina Salk estão agindo de boa fé, tomo a liberdade de lembrar, como já tenho feito várias vezes em outras oportunidades, as apreensões do prof. Miguel Couto, quanto ao futuro de seus semelhantes, **quando se tornava necessário recorrer a determinadas inovações em medicina as quais lhe podiam ser mais prejudiciais do que benéficas.** Que eles meditem devidamente sobre os riscos e logros da vacina Salk, assim como sobre os perigos da vacina Sabin, conforme acaba de ser exposto, para que não se tornem algozes de crianças indefesas, quando a sua finalidade precípua é o bem da Humanidade.

EM CONCLUSÃO: DEVO OU NÃO VACINAR MEU FILHO? — O drama emocional em que se debate este repórter — que é pai também — e da mesma natureza em que doravante se irão debater também os outros pais brasileiros.

«No terreno da medicina profilática, sobretudo em se tratando de vacinações preventivas, nada é mais desastroso do que os reveses» — afirmam prudentes autoridades médicas. Esses abalam a confiança do leigo, que, a par de uma segurança a 100% também espera uma ação defensiva a 100 por cento.

Uma coisa é a criança ser vítima da poliomielite por destino e outra é a vacina ter provocado nela a doença, ou pelo menos contribuir, como acontece presentemente, para que ainda algumas dúvidas solapem a confiança na sua aplicação.

— Devo vacinar meu filho contra a paralisia?

— Devo. Mas ainda não vou vaciná-lo pois não tenho confiança nas vacinas que existem.



JUAREZ O PRISIONEIRO — Foi uma injustiça a punição sofrida pelo general Juarez Távora. Afinal o general nem foi violento. De outras vezes (com exibição de violência muito maior) tem dito coisas realmente contundentes. Desta vez até que nem. O general disse que «é preciso acabar com o domínio das pessoas que ganham 10 contos por mês, gastam 20 e economizam 100». Só se o general foi punido pela modéstia das cifras. Porque as pessoas a que êle se referiu, ganham 10 contos por mês, gastam 50 e economizam 500. De qualquer maneira a punição não atingiu a reputação do general. Seu prestígio continua. E até que êle ganhou uma oportunidade excelente de atualizar seus conhecimentos sobre Sherlock Holmes.

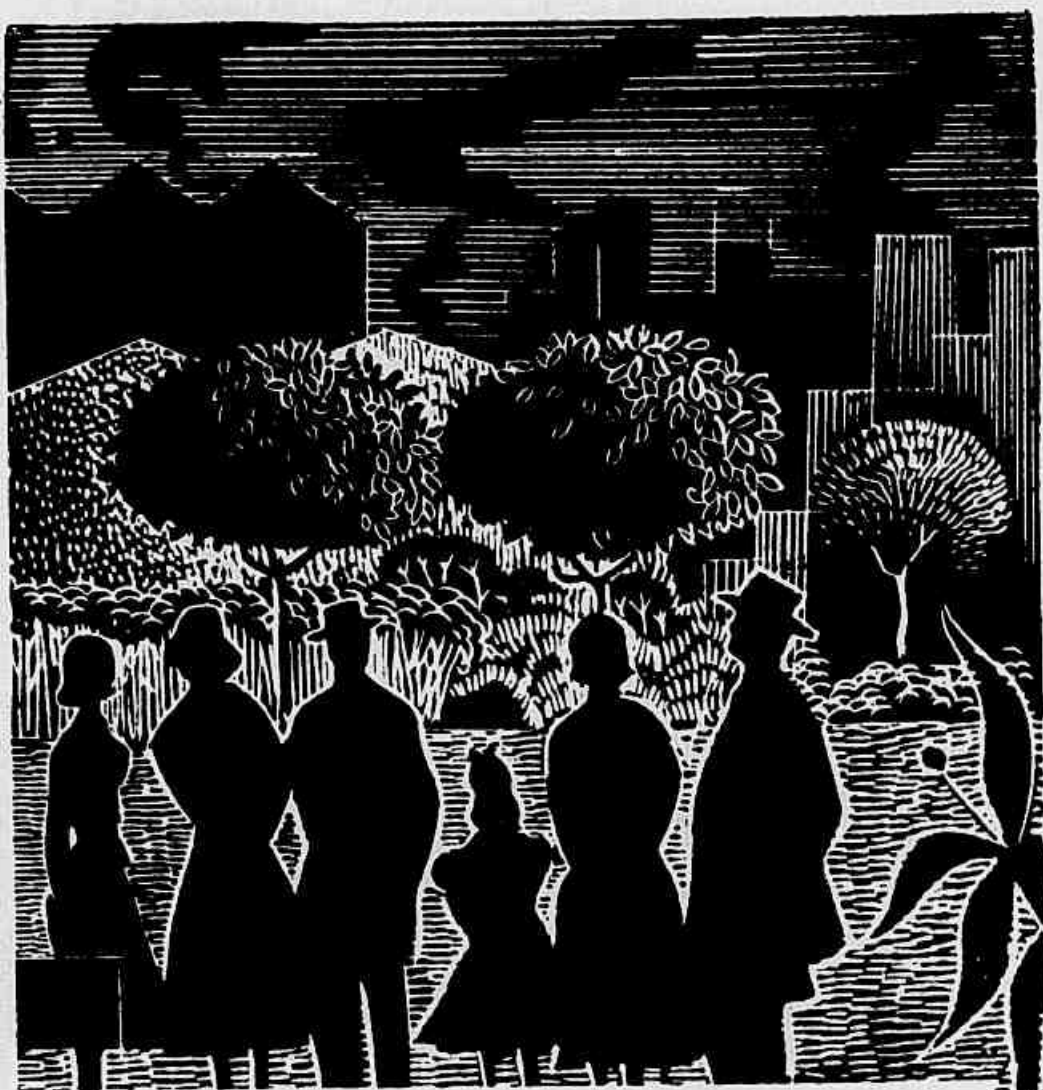
REVISTA DA SEMANA — 8

A SEMANA



EM REVISTA

O CASAL 20 PASSOU A 30 — Didu e Teresa (desculpem a intimidade) formam o famoso «casal 20» da sociedade brasileira. Ela é figurante assidua e diz-se que insubstituível das «mais 11» da elegância. Ele tem sido também um personagem obrigatório de todas as listas sobre homens elegantes. Agora a fama da família foi acrescida pois Lilian Souza Campos acaba de ser eleita «Glamour-Girl» de 1956. Não tem importância que a vitória de Lilian já fôsse conhecida antes da votação e que Eloísa Dolabela fôsse derrotada como uma represália a Ibrahim Sued. O que importa realmente é que Lilian desponta para a glória imortal do mundanismo. Tal pai tal filha. O casal 20 foi premiado. Passou a 30. É a glória total.



SOROCABA e SÃO ROQUE

**60 VIAGENS
POR DIA!**

**das 6,00 às 22 hs.
cada meia hora**

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

SOROCABA

Rua Mons. João Soares, 221 - 235 - Fone 654



VÁ PELO MELHOR!



AZASO - EB-8

**EXPRESSO
BRASILEIRO**

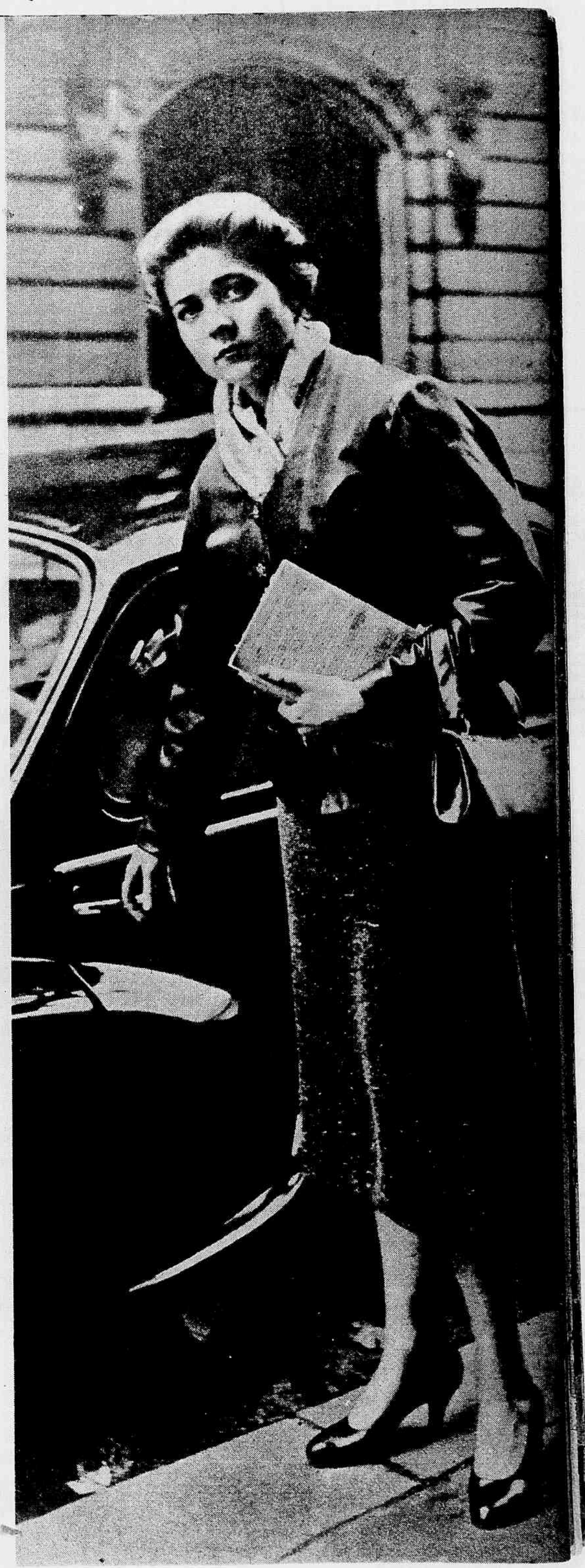
VIAÇÃO Ltda.



2 CASAMENTOS NA FAMÍ- LIA DO REI IMPOSSÍVEL

**DESCENDENTES DE 39 REIS E PARENTES DE 400
MONARCAS. EM SUAS VEIAS CORRE O SANGUE
DE LUÍS, O SANTO — POBRES MAS ORGULHOSOS**

★ São ricos, nobres e simpáticos. Se ocupam com dignidade de coisas absolutamente inúteis. Promovem e prestigiam festas de caridade que não rendem coisa alguma. Movem-se com absoluta liberdade e são olhados mais com curiosidade do que com ódio. E por que a República devia odiá-los? Pelos simples fato deles serem herdeiros do trono da França, um trono que é evidente que jamais será restaurado? Na última semana, Henri, o filho mais velho dos Condes de Paris anunciou seu casamento com Maria Teresa, duquesa de Wurtemberg, bela e romântica jovem. E sua irmã mais nova, a bela Helena também anunciou seu noivado, com o Conde Edward de Limbourg, engenheiro, pára-quedista e além de tudo milionário. Henri e Helena, têm uma renda mensal pequeníssima, andam de metrô, praticam esporte e se orgulham de descender diretamente de 39 reis, e serem aparentados com quase 400 monarcas, todos Orleans, Braganza e Bourbon.



O HOMEM E O TRAPÉZIO

Desenho de ZARCO

Romance de ARINO PERES

CAPÍTULO XXXI — PERDOE-ME, ROSA

OTÁVIO, você será liberado no fim da semana. Como resolveremos nossos problemas?

Interessante como certas perguntas naturalíssimas não encontram respostas imediatas. Rosa tinha razão; como resolveriam aquele caso? Em ocasião alguma firmara a maneira de ação a adotar após o regresso, não encontrava oportunidade para ele. Duas vagas abertas com seu acidente estavam preenchidas: a chefe da Seção de Compras e Vendas da EMPIRE S.A. e Teresa; Rosa era a disponibilidade permanente, mas não tinha sentido pensar no futuro comum da mesma forma como ouvir o violino despertado pelo homem de negro e mergulhar no decote ousado de Madalena. Não podia por si só alcançar ponto algum, e a cadeira de rodas exigia força estranha para conduzi-lo. O valor das pernas estava desfalcado de três pequenas parcelas: um presente para a esposa de Cícero, uma coroa de rosas vermelhas para o companheiro Edson e o carnaval de Valter; em que aplicaria o saldo?

Rosa só existia no uniforme branco. Otávio não pensava em desligá-la do complemento único.

— Então, Otávio, como faremos?

O egoísmo da mulher pluraliza os verbos. Não recusava a ternura carinhosa em que fora envolvido, chegara mesmo a formular a hipótese da continuidade, mas agora, no momento oportuno da decisão não se animava a concluir.

E o filho que nascia? Não o ligava, é verdade, indestrutivelmente a Madalena, pelo contrário, desplanificava-a, elevava-a do plano da mulher constante e possuída à posição unívoca de mãe. O filho anulava as posses espúrias, dignificava os pecados, destizera os desejos sensuais.

Temia igualá-lo, equipará-lo a um novo ser, desvirtuá-lo com a igualdade de outros filhos.

— Rosa, tenho algo muito importante a dizer-lhe.

— Talvez adivinhe. Isso foi apenas a camaradagem inconsequente surgida em seu isolamento, você não pretende difundi-la. Fui tola em sonhar diferente, eu devia saber que você apenas aceitava o que eu oferecia porque não tinha muitas oportunidades de escolha.

— Não, não é isso Rosa, não é verdade o que você está dizendo. Lembra-se da visita que Madalena me fez?

— Sim. Você nunca me contou o que conversaram. Ainda pretende voltar para ela, depois de tudo isso por que passou?

— Madalena não é culpada de nada. O acidente surgiu de uma precipitação, de um desejo incontrolado de fuga. Não precisava ter-me lançado com o sinal fechado, o trem atrasou cerca de meia-hora... mas isto não tem mais importância.

— Você dizia que Madalena era suas pernas. Que transformação brusca foi essa?

— Minhas pernas foram devolvidas; Madalena me dará um filho. Rosa percorreu cada milímetro quadrado do rosto de Otávio, buscando refletir o terrorismo da revelação.

— Isso o aproxima cada vez mais de Madalena.

— Não. Meu filho coloca-me à distância constante, recompleta-me. O desejo de possuir Madalena desaparece ante o significado novo, sublime de sua maternidade.

— Então ainda há lugar para mim.

Otávio visualizou o filho (tinha que ser dele, Sérgio fora burlado definitivamente) correndo sobre a grama fresca do jardim, perfeitamente equilibrado nas pernas, nas duas pernas que ele lhe dera.

CAPÍTULO XXXII — A ESCADA

DO pátio da frente Otávio olhava a rua que se alongava cinco metros abaixo. O carro de rodas, no início da rampa, imobilizava-se nos dedos longos de Margarida. Pouco restava dizer, não precisava de muitas palavras para a despedida.

— Margarida, parto amanhã. Mentiria se dissesse não sentir pesar nesse momento, você constituiu um pedaço dessa existência monótona em que estive ancorado, confortou-me nas depressões e despertou em mim o homem que eu julgava enterrado com minhas pernas. Lamento não poder encher o espaço do tempo que lhe resta. Há uma secreta esperança em cada homem, ainda que seja de um remoto naco de céu. Não posso crer que a vida para você se resuma a alguns dias, é muito fácil o erro da perícia; eu mesmo assisti a dois nesses últimos dias: Valter e Edson.

Que é do gênio expansivo de Margarida? As palavras fáceis, fluindo entre os dentes perfeitos, o seio elevando-se na gargalhada despreocupada, os olhos debruçados sobre as faces coradas?

Os dedos fechavam-se nas costas da cadeira, as unhas estabelecendo o cordão de sangue; os olhos lubrificavam um ponto distante, além dos olhos de Otávio; a boca entreaberta deixava escapar o hálito quente que acordara Otávio na Esquina da Saudade; o corpo rescendia a sexo, contido no vestido vermelho.

— Você vai embora, inutilizado, indefeso sobre a cadeira de rodas; ficarei acordada, arrancando as folhinhas à espera da morte. Não me restam mais de três semanas, você poderia esperar que eu fôsse, precisarei de você nesses últimos dias, quero vibrar neste resto de vida. Nasci para pertencer, Otávio, não encontro razão em viver para mim mesma. Não me agarro ao homem pelo desejo animal de ser satisfeita, é ansia de entrega, dáção sem mercantilismo. Talvez a doença me haja legado essa morbidez sexual, essa perversão, mas para mim é mais que isso, sinto-me liberta quando presa aos braços de um homem; perco-me isolada; se estou só, não consigo desligar-me de uma proteção. Embelezou-me, é verdade, pareço preocupar-me demais com o aspecto externo, mas não é vaidade nem egoísmo, preciso atrair para ter segurança, sozinho quebro-me, o medo me destrói. A morte, inutilizando-me, fez nascer em mim a vontade de ser necessária; iludo-me, forço aproximação, mantenho-me constante, porque não concebo ser objeto

As mãos de Otávio guardaram os dedos rubros. Pela primeira vez compreendia Margarida, sentia a angústia de seu drama; desvendava-lhe a falsa máscara da inconsequência. Percorreu com a vista os trinta degraus que o separavam da comunidade, da identificação quotidiana. Seria um fenômeno na multidão de miriápodos, desceria ao nível das centopéias.

Agora que se ia, recordava os incidentes ocorridos; o velho Leopoldo, Bento, Marcos, Alberto, Cícero, Edson, Valter, Rosa branca, o crucifixo da parede norte... Citada de Margarida... A beleza daquele corpo merecia prêmio melhor que as paredes azul-pálido do hospital — fora sua última aventura. O Filho de Madalena aplainava-lhe o caminho, misturava-se ao rosto do crucifixo da parede norte, despindo a coroa de espinhos e polindo o bronze azinhavrado.

— Otávio, você amou-me algum instante?

Era justo mentir naquele momento último? Criar a ilusão que se desvaneceria dentro de alguns dias?

— Só uma vez amei realmente. Tudo desapareceu com minhas pernas, e elas jamais poderão ser recuperadas... Nunca cheguei a subir estas escadas, não as descerei na realidade, passarei por elas sem tocá-las; não acha interessante?

Diante do largo portão de ferro desfilavam os miriápodos, apressados, na busca contínua que ele não realizaria.

— Não é justo que você se reintegre à vida e eu, que sou jovem, perfeita, fique passivamente à espera da morte. Você não tem onde ir, nunca mais poderá ir a parte alguma. Você ama a vida?

Otávio contemplou Margarida sem pressa. Pena aqueles lábios vermelhos, que vibravam em ânsias de beijos, serem emudecidos em breve; as formas abundantes no vestido vermelho serem inscritas no prisma irregular e opaco.

— Não, não amo a vida. Sou quase inútil, dependerei sempre de um binário para que as rodas possam mover-se. Mas gosto de apreciar as centopéias.

— Não é justo que você viva e eu tenha que morrer...

Os dedos deslizaram a linha de sangue que imobilizava a cadeira de rodas no início da rampa.

(Continua no próximo número)



ZARCA



O VENTO

Conto de ALOÍSIO G. BRANCO

Desenho de BENJAMIN SILVA

CALOR no rosto, na fronte latejante, no colarinho e nos punhos pegajentos de suor e pó das ruas. Traz ainda consigo a inquietação de todo um dia de verão decorrido entre parlamentações, telefonemas, corridas de táxis, consultas a livros e arquivos. Dia... — Ah, dia **multifário**. Louvou-se por seu zelo de precisão, sua preocupação profissional com as palavras, admirou-se de sua boa memória, mesmo após estar às voltas com numerosos requerimentos, petições e contestações ditadas às secretárias. A pasta repleta de livros, papéis, processos, distende-lhe doridamente os músculos do braço, o peso recurva-lhe os ombros, atrai-lhe para diante a cabeça: a gravata subitamente vai enforcá-lo, no justo momento em que ele desliza o laço e a lança fora, em cima da mesma poltrona sobre que se abate — de mãos trêmulas, donde já brota um cigarro para a avidez de seus lábios ressequidos. Pousada a pasta no chão, acaricia a poltrona com a intimidade que só se permite aos objetos domésticos. Mas a familiaridade com o tecido e as molas, o conforto tantas vezes experimentado no ângulo de «living-room» não lhe restituem agora a calma, nem o alheiam ao forte calor, à compulsório lassidão. Só então ocorre-lhe tirar o paletó. Levanta-se e já em mangas de camisa vai abrir a janela: as duas vidraças, impelidas inopinadamente para dentro, obrigaram-no a receber a brisa de braços estendidos e peito aberto; ela ondula amiga sobre o rosto, modela o nariz, compõe uma repousante máscara para o seu cansaço. E tem vontade de chamar-lhe doce, embora a saiba vinda do mar e a sinta salgada nas extremidades dos lábios. De olhos fechados, qual um menino recorda e sonha. Vislumbra o ar como uma anterioridade imprecisa e bulhosa, como aquêle da meninice, que agitava fôlhas de tinhorão, nos fundos de um quintal, imemorável, quase.

— Fifiili...

Já não sabe se o que lhe passa nos ouvidos é o vento ou o próprio assovio — pois assovia baixinho e sorri para um horizonte, que não vê, acima e além dos terraços dos edifícios: está mas é sorrindo para si mesmo, para a dádiva daquelas lembranças. Surpreende-se de repente num esgar nervoso, com que busca ignorar os passos atrás de si: é a mulher entrando na sala. Não a vê, adivinha-lhe porém os passos firmes, como a saber sempre o seu rumo preciso. Imagina-a uma claridade movendo-se na penumbra da sala. No entanto, preferiria considerá-la um zumbir, um rumor infra-humano, um ponto negrejante na sua vida.

— O jantar sai já, em dez minutos.

— Sei — disse — sem arredar da janela ou sequer voltar-se para a esposa, que já regressa para a copa.

Embora cansado ainda, e calorento, não procura água para se refazer. Antes gasta dos dez minutos restantes a pensar como expor à mulher a sua resolução de desquitá-la. A petição já está pronta. Ele mesmo a preparara há dias, e espantara-o a indiferença e lucidez com que o fizera, ditando-a à datilógrafa, atento só ao ritmo de seus dedos no teclado: as frases saíam-lhe maquinais, secas, sincopadas como a própria cadência digital que lhe acompanhava as palavras.

A invadir a sala, rajadas descrevem círculos ideais sobre sua cabeça. Deixa que sejam assim varridos os seus pensamentos fatigados, diluídos. Não é este um vento obsessivo a silvar entre frinças de portas, como sentira outras vezes, a soprar sobre o seu destino. É um vento largo, maduro e desdobrado como dois braços que o envolvem e o mergulham num passado semi-esquecido. A flor, ao seu lado, emergindo do jarro, bole as pétalas: é viva e sadia como aquelas recordações. E agora já não sabe dizer se recorda, está provavelmente sem memória, vivendo como um vegetal, totalmente identificado, à maneira dos móveis, do soalho — e ao perfume da flor.

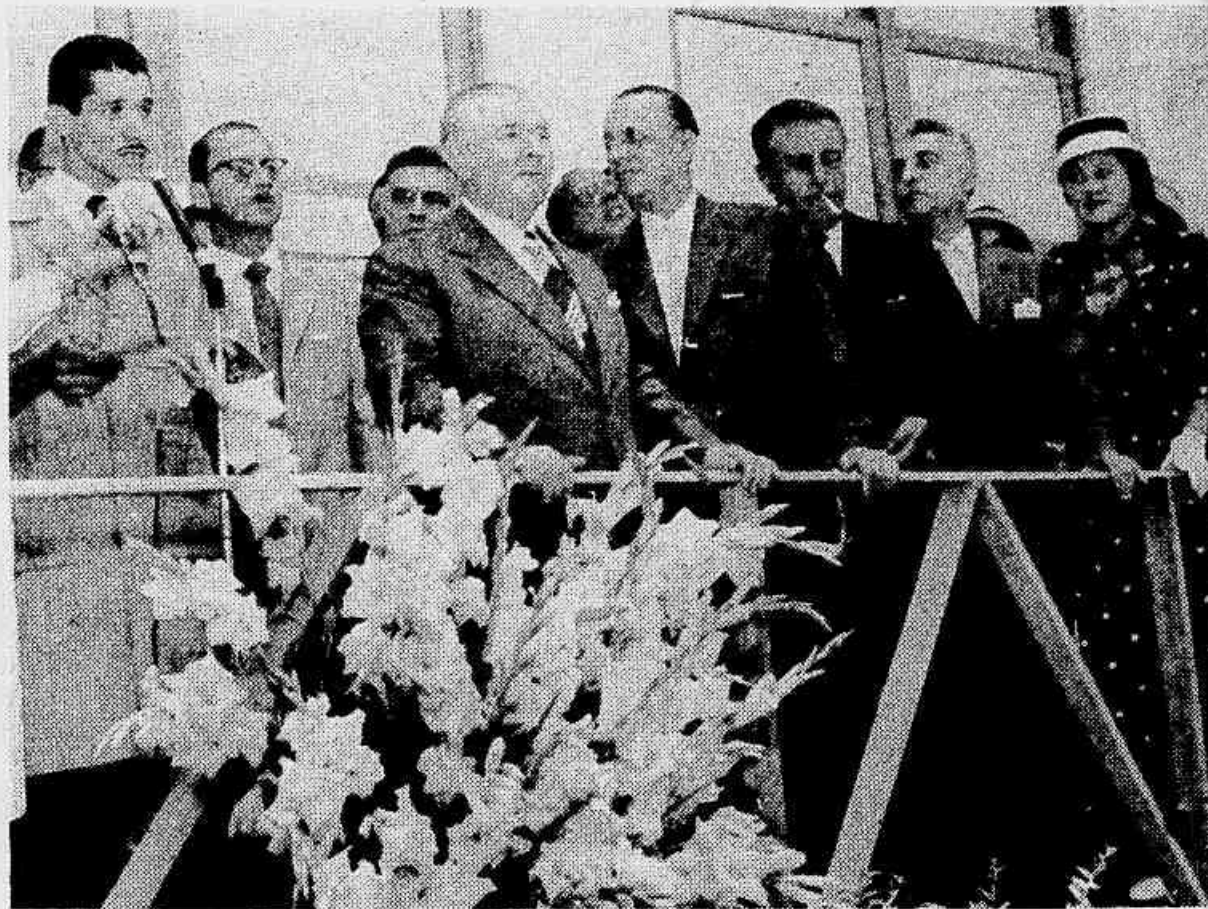
— Já está na mesa.

O torpor prolongou-se por todo o jantar. Ali o que sentiu foi só a ausência da poltrona. Ignorou a presença de Marilda, bem diante de si, e com quem não foi preciso trocar uma só palavra. Nem o gosto da comida existia para ele, a quem uma tarefa agora se impunha: a releitura cuidadosa do pedido de desquite. Apressou-se. E em seguida ao longo silêncio da refeição — que algum tinir de talheres só fazia aumentar — tornou ao seu lugar exposto ao alísio e abriu a pasta: «Sr. Dr. Juiz da Vara de Família...»

A leitura do seu próprio caso... E', é o quê? Um caso apenas, corriqueiro como tantos, e cuja sentença ouviria com menor emoção que a outras onde estariam envolvidos clientes seus. Talvez o caminho escolhido e os seus resultados fôssem terríveis para a mulher. Mas isso diria respeito à vaidade dela, tão somente. Que explicação daria aos amigos? — por certo seria esse o único problema a ocorrer a Marilda, o único imprevisto para ela.

Ergue o rosto, com uma espécie de repentino orgulho e pela primeira vez sente no ar a presença da maresia, enquanto entre os seus dedos o vento fuma-lhe um esquecido cigarro. Surgem dentro da noite esmaecidas paisagens remotas, descampados de sua infância. O mar, a três quarteirões de distância é um outro plano sobre que se desfaldam esperanças.

(Continua na página 58)



Falando, o deputado Geraldo Starling diz dos serviços que as Indústrias Reunidas Max Wolfson S./A. prestam ao Brasil. Na fotografia, à direita, aparecem os srs.: (de óculos) Eurico Paulo Valle, diretor secretário, Hermann Zuckermann, diretor superintendente, Mr. Max Abrams, presidente da Emerson Export Corporation; Max Lobo Filho, diretor presidente das Indústrias Reunidas Max Wolfson S./A., Mr. Joe Kattan, vice presidente da Emerson Export Corporation. Estiveram presentes à comemoração do jubileu das Indústrias Reunidas Max Wolfson S./A. inúmeros parlamentares, conhecidos, jornalistas, industriais, etc.

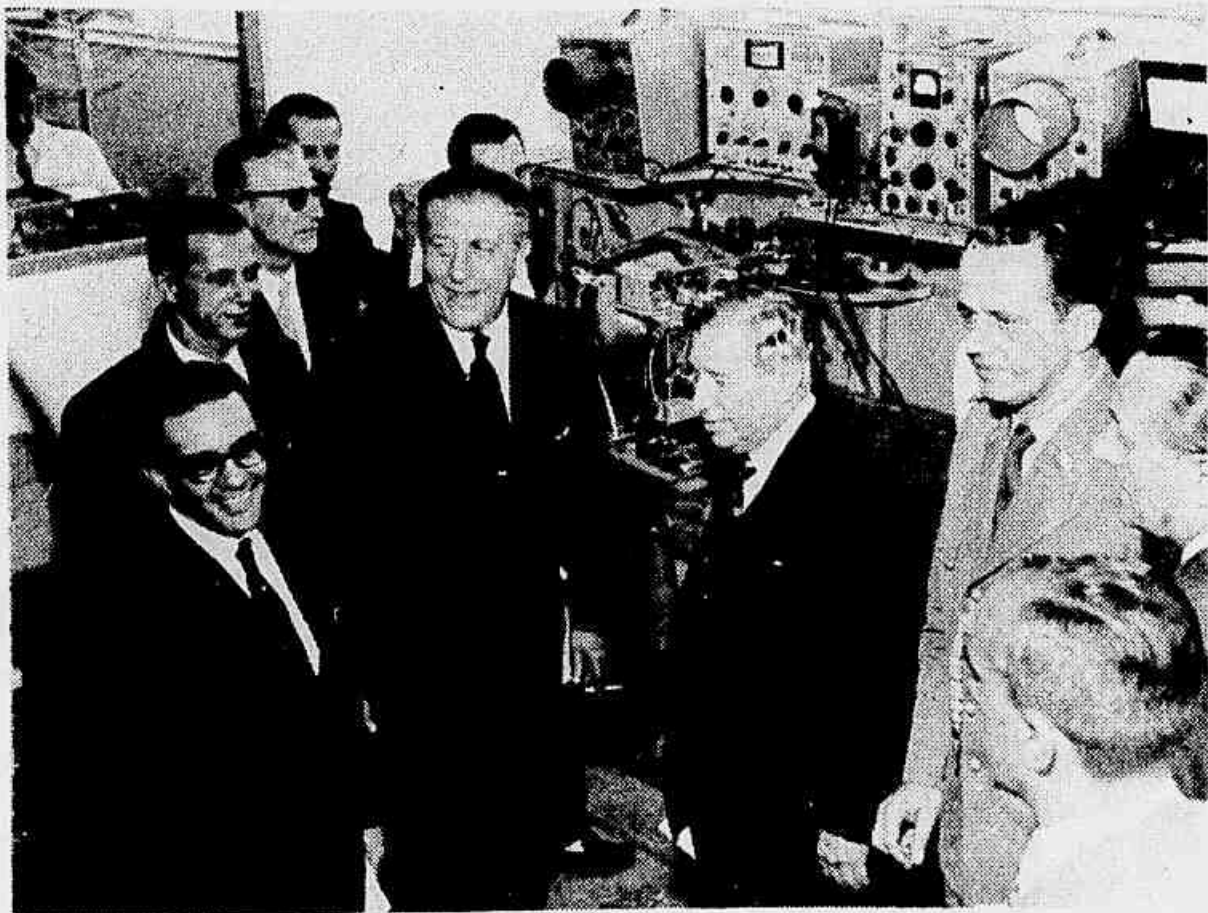
OS FRUTOS DA CAPACIDADE E DA PERSEVERANÇA

JUBILEU DE UMA FIRMA ELETRÔNICA NO RIO

O CUPANDO uma área de 4.000 metros quadrados, à rua Gerson Ferreira, 136/184, em Ramos, encontram-se as Indústrias Reunidas Max Wolfson S./A., que vêm de completar 25 anos de profícuos serviços prestados à indústria brasileira. Um quarto de século pouco representa na história da humanidade. Entretanto, duas décadas e meia oferecem tempo suficiente para mudar o destino de um punhado de homens e estes, por sua vez, podem alterar o futuro de toda uma população. A questão é saber como aproveitar estes vinte e cinco anos. O primeiro passo é escolher o ideal; em seguida, saber reunir homens capazes em torno desta aspiração. Isto, feito, tudo depende da dedicação sincera e do trabalho harmonioso desta equipe, desde que a mesma, acima de criar um meio de vida, tenha a pala-

vra «Progresso» como tema fundamental. A empresa que hoje denomina-se Indústrias Reunidas Max Wolfson S./A. seguiu esse caminho; para chegar onde está, tinha de segui-lo. Seu fundador escolheu o ideal e conseguiu homens que, dedicada e decididamente reuniram-se em torno dele. Trabalharam, durante vinte e cinco anos harmoniosamente, e tiveram à sua frente, sobre tudo e sobre todos, a palavra «Progresso»: uma palavra sagrada do País, que a tem na sua própria Bandeira Nacional. Seguindo a Bandeira, seguiram o rumo certo: do esforço do pequeno grupo, nasceu a organização que hoje possuem. O sr. Max Lobo Filho, iniciou suas atividades com modesta oficina de rádios, à Avenida N. S. de Copacabana, quando, certamente não era fácil prever que a firma individual, transformada posteriormente em socie-

dade limitada, com a admissão como sócios, de antigos auxiliares, e, finalmente, em 1950, transformando-se em uma sociedade anônima, pudesse atingir ao grau de desenvolvimento dos dias atuais, desenvolvimento esse, traduzido na instalação de novas fábricas e estabelecimentos especializados no ramo de material eletrônico. A iniciativa do sr. Max Lobo Filho viu-se coroadada de êxito e aí temos o resultado do seu intenso labor, do incansável desejo de participar com seu trabalho para a libertação econômica do Brasil, dotando o país com uma das mais modernas indústrias: a da eletrônica. E', pois, digno do maior realce que, ao comemorar o seu jubileu, vejam-se as Indústrias Max Wolfson S./A. justamente honradas com os elogiosos comentários da imprensa.



Sr. Max Lobo Filho, acompanhado do sen. Chateaubriand visitam as instalações da Max Wolfson S./A., em Ramos.



Vista geral das Indústrias Reunidas Max Wolfson S./A., que comemoraram recentemente 25 anos de intenso labor.

O "CENSOR" DO SEGUNDO REINADO

EDUARDO TOURINHO

NA política, no parlamento e na administração do Segundo Reinado, o nome e a ação de Zacarias de Góis e Vasconcelos ocupam destacado lugar.

Nascido a 5 de novembro de 1815, na Bahia, cumpriu as letras jurídicas na Faculdade de Direito de Pernambuco. Após ocupar uma de suas cátedras — 1840 — abraçou a política. Joaquim Nabuco traçou-lhe o perfil. Era Zacarias um espírito eminentemente combativo, apenas preso aos dogmas e preceitos da Igreja. Ríspido e irônico, nos debates parlamentares jamais perdoava — mesmo amigo ou correligionário — a quem claudicasse em matéria constitucional ou errasse na pronúncia de palavras de língua estrangeira. Era metódico e minucioso tal um burocrata. Era fanático do seu **Partido** — até 1861, o **Conservador** — a quem tudo sacrificava. Despido de sentimentalismo, mostrava-se sempre frio e distante... A raros partidários tratava como iguais. Mirava com sobranceira e desdém os políticos ambiciosos e os que à política chegavam cheios de pretensão.

Admirava o marquês do Paraná, com quem tinha algumas semelhanças. Paraná, no entanto, atraía e ele era um pólo de repulsão. Mas, como Paraná, era dominador e sabia medir os homens. E a Paraná suplantava pelas suas múltiplas aptidões, por mais ampla cultura de inteligência, pela sua capacidade de insular-se e por uma completa indiferença a negócios, interesses e influências que aviltam a política.

★

Presidiu as províncias do Paraná, Sergipe e Bahia. Em 1850 era deputado. No gabinete Rodrigues Torres — mais tarde visconde de Itaboraí — ocupou a pasta da Marinha como depois, no decorrer de sua carreira, ocupou a da Justiça e a da Fazenda.

Ao afastar-se dos **conservadores**, formou a **Liga Constitucional** que conduziu os **liberais** ao poder.

Seu primeiro gabinete — que durou alguns dias — é de 1862. Mas dois anos depois presidiu outro ministério que viveu seis meses. E quando ocorre a intervenção brasileira nos negócios da Banda Oriental e se dá a ruptura de relações do Brasil com o governo de Montevideo.

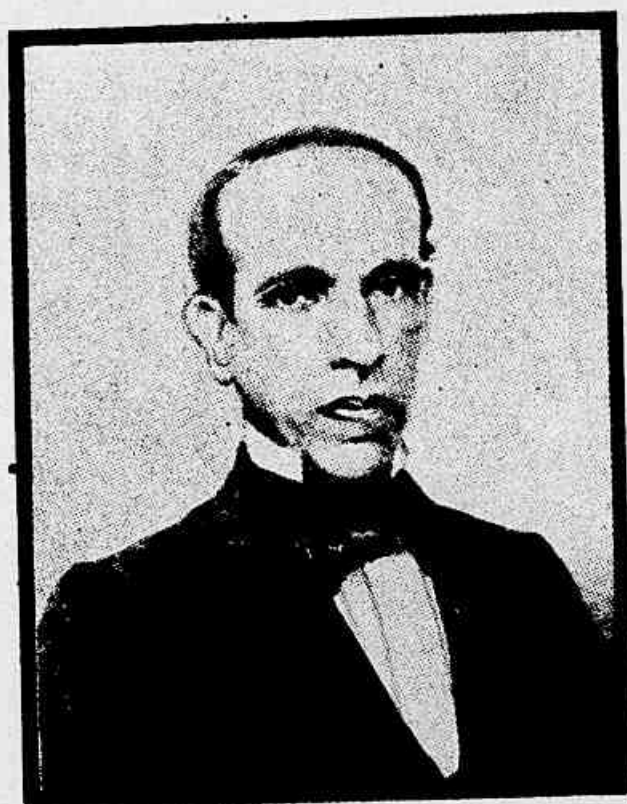
O novo gabinete que presidiu — entre 3 de agosto de 1866 a 16 de julho de 1868 — realizou obra profícua. Foi esse gabinete que, após o revés de Curupaiti, organizou o Exército e a Marinha para vencerem a resistência de Humaitá e abrirem caminho à vitória sobre Lopez. E foi também quando o Amazonas foi franqueado à navegação internacional e estudados

os projetos Pimenta Bueno sobre a abolição da escravidão.

★

Em 1869 Zacarias de Góis e Vasconcelos está na oposição e os **conservadores** estão no poder. Sob o ministério Rio Branco — um **liberal** que se tornara **conservador**, o que era comum na política imperial — vibrou o Congresso a eloquentes debates em torno da **Lei do Ventre Livre**.

A causa da Abolição ganhara, progressivamente, terreno. Em 1823 submeteu José Bonifácio à Constituinte um projeto sobre a extinção do tráfico negreiro e a libertação dos escravos.



Os revolucionários pernambucanos de 1817 defenderam tais princípios. Em 1850, projetos no mesmo sentido — sem que tivessem constituído objeto de deliberação — alvoroçaram a Câmara. Quatro anos depois, o barão de Cotegipe apresentara uma proposição restringindo o tráfico de escravos entre as províncias. Não logrou êxito, mas em certas regiões do norte do país deu origem a uma taxa sobre a saída de servos de um para outro ponto do território nacional.

★

A lei Rio Branco cindiu o Parlamento em dois campos opostos. A frente dos **liberais** e dos **conservadores** dissidentes — que a combatem sob o fundamento de não possuir o gabinete governamental autoridade para iniciativas dessa índole — está Zacarias de Góis e Vasconcelos. Só a rigidez de seu temperamento podia levá-lo a contrariar a proposição que se tornou a lei de 28 de setembro de 1871. Pois não nascera de um gabinete que ele presidia?

A sua potente voz e a de Paulino de Souza, Saraiva, Nabuco, José de Alencar responde —

do lado oposto — o verbo de Paranhos, de Sales Torres Homem, de Francisco Otaviano, de Cândido Mendes de Almeida.

Vibrava o Senado...

Mas a 26 de setembro as discussões em torno da matéria tocavam ao fim na Câmara Alta. Dois dias depois, era aprovada e no mesmo dia sancionada a **Lei do Ventre Livre**.

Das galerias repletas, flores e aplausos tombam... Rio Branco recebe estrepitosas palmas... Zacarias, vencido, deixa o Senado e passa — tal é seu valor — entre uma multidão que se conserva em respeitoso silêncio.

Mas a lei já não contenta a opinião e na reabertura das Câmaras, no ano seguinte, os **liberais** de Zacarias e os **dissidentes** de Paulino de Souza, larpeiam o governo... Para Silveira Martins — que, pela primeira vez, evocava um novo direito: o direito do Povo — a maioria vitoriosa de 71 era composta de «ilustres desconhecidos» e de «mercenários do poder».

★

Em 1872 tinha o Brasil 10.112.061 habitantes. Os escravos somavam 1.510.806. Mas em 1880 — trinta anos depois da entrada clandestina dos últimos 25.000 escravos no país — a lavoura delinhava à falta de braços. A Abolição — que Nabuco, Rui e Petrócio pregavam; que Castro Alves cantava — empolgara as massas. Cinco anos mais e as Fazendas — pela fuga de escravos — ficaram quase ao abandono. Em 1888 o derradeiro gabinete escravocrata deixa o poder. A 13 de Maio é a Abolição.

Zacarias de Góis e Vasconcelos — talentoso nesta cidade no dia 28 de dezembro de 1877 — não viu esta aurora: a extinção da escravidão. Mas não se perdeu a lembrança de sua contribuição a essas lutas memoráveis, como não se perdeu a memória dos trabalhos que publicou. Em 1850, foram as «Reflexões acerca do projeto de estatutos da Faculdade de Direito de Olinda». Em 57, a «Questão de limites entre a província do Paraná e a de Santa Catarina». Três anos depois, escreveu a respeito «Da natureza e limites do Poder Moderador». E em 1869, finalmente, o «Manifesto do Centro Liberal».

Homem eminentemente moral, consagrava-se às causas que lhe pareciam justas. Por ser como era, tornou-se o **censor** — a maneira romanesca do ambiente político do Segundo Reinado. Não teve — nesse particular — rival na tribuna parlamentar. E sendo como era, «inspirou uma admiração tanto mais valiosa, como testemunho histórico, quanto era desinteressada».

A FELICIDADE QUE NASCEU EM
UM PAR DE MEIAS — GENERAIS
EMPURRADOS E ESPREMIDOS NO
CASAMENTO DO CORONEL DUL-
CÍDIO CARDOSO — QUERIAM
QUE MARIA BEATRIZ ADIASSE O
CASAMENTO PARA DEZEMBRO
PARA MELHORAR AS VENDAS —
QUEM COMPRA MEIAS PODE
TAMBÉM VENDER O CORAÇÃO
— O EX-PREFEITO QUER ENVE-
LHECER EM PAZ — NUM APAR-
TAMENTO NO LEME, A LUA DE
MEL E A VIDA CONJUGAL.



Texto de Marcus Augusto Matas

Fotos de Orlando Alli

COMO UMA PRINCESA, MARIA BEATRIZ CASOU NO RELIGIOSO COM O SEU CORONEL ▶



Feliz como um passarinho poderia ser a legenda desta foto. O coronel ex-prefeito parece não agüentar tanta felicidade. E a sua gentil noiva, (já espôsa) acompanha o marido na satisfação.

◆ Vestida como uma princesa e distribuindo sorrisos para a multidão que lotava a pequena Capela do Colégio Militar, Maria Beatriz Chalomom a jovem vendedora de meias de uma loja da rua do Ouvidor, viu numa tarde calorosa a concretização de um sonho, ao encon-

trar-se com o seu noivo, o coronel Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, à beira do altar. Ela que embrulhara o seu coração com um par de meias, prendeu-o definitivamente com a aliança aourada dos casamentos.

Meiga e simples, Maria Beatriz subiu as es-

A igreja ficou lotada. Mais de quinhentas mulheres (e alguns homens) compareceram para assistir ao casamento do ex-prefeito com a moça que desbancou a cantora Ester de Abreu.



cadadas da capelinha pelo braço de seu pai, e ao ajoelhar-se em frente ao monsenhor Olímpio de Melo, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ao seu lado, o coronel Dulcídio Cardoso mais parecia um rapazola: ria, mostrando os dentes e irradiava felicidade.

VITÓRIA DE MARIA BEATRIZ

Mais de quinhentas mulheres e alguns homens assistiram ao casamento do discutido casal. Mais de uma hora antes de ter início a cerimônia já o pátio fronteiro à capelinha regurgitava de curiosas, que queriam ver a rival de Ester de Abreu, a cantora de fados. Soldados do Exército, faziam alas e aguardavam a chegada dos noivos. O coronel chegou e cumprimentando os seus conhecidos com naturalidade, encaminhou-se para o altar, com a sua farda de gala impecável e bem passada. Enquanto conversava com o monsenhor Olímpio de Melo, que recordava, também, a sua qualidade de ex-prefeito, o noivo parecia nervoso, ao ver o relógio alcançar às 18 horas e a noiva não aparecer.

Maria Beatriz, no entanto, atrasara-se com um motivo justo: estava se empetecendo e com graça desceu do automóvel enquanto seu pai segurava o buquê de antúrios e orquídeas silvestres. As mulheres apertaram o cerco para ver de mais perto a noiva do coronel, que aos trancos conseguiu chegar ao altar. Caminhava a sua frente, uma menina vestida de rosa, equilibrando numa cestinha as duas alianças. O calor terrível não impediu que os populares se acolovelassem, e em cima dos bancos alguns se encarapitaram para ver melhor a cena.

Monsenhor Olímpio de Melo, saudou o casal e com bom humor conduziu a cerimônia, a esta altura barulhenta. Um menino queria por todos os meios passar por baixo da perna do coronel Dulcídio, e a sua espada incomodava, pois o menino nela se segurava como ponto de apoio. Delicadamente, o coronel passou a mão pela cabeça do guri ousado e disse: «Agora não, menino, depois você vê». Maria Beatriz, mordida os lábios, apertava o buquê e quando teve de responder a pergunta do monsenhor, disse um sim em sussurro, tal a emoção. O coronel dominava a situação e na sua vez respondeu ligeiro. A seguir as alianças foram postas nos dedos convencionais.

Maria Beatriz, 24 anos, solteira e Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, 59 anos, coronel, ex-prefeito, viúvo, estavam casados, agora pela Lei de Deus.

AMASSADA E EMPURRADA

Maria Beatriz, não teve tempo para mais nada. Assinou o livro com o seu marido e logo em seguida houve uma avalanche de abraços. Ai começou o suplício. Generais austeros (Zenóbio da Costa, Ciro Pais Leme, Ciro do Espírito Santo Cardoso e outros oficiais) e senhoras volumosas foram apertados, e quando o coronel se dirigiu para a porta de saída, ao som da marcha nupcial, foi se arrastando, pois todos queriam cumprimentar e apertar a mão dos jovens esposos. Houve um momento em que os soldados de cacete em punho, obrigaram o povo a se afastar, pois os caçadores de lembranças queriam um pedaço do vestido de Maria Beatriz, orçado em mais de 60 mil cruzeiros.

Enquanto olhares alcoviteiros procuravam descobrir coisas, os casadinhos entraram no automóvel, que devagarinho foi saindo pelo portão do Colégio Militar, onde o noivo é catedrático de História, (do Brasil) e da sua própria. Os padrinhos, vereador Levi Neves e sra. (por parte da noiva) e negeral Vieira Peixoto (do noivo), ficaram abandonados, no meio da multidão, onde também estavam perdidos os pais da noiva.

Os comentários das curiosas logo se formaram: umas diziam que a noiva era bonitinha e que o coronel Dulcídio tinha gosto, outras eram partidárias da cantora portuguesa e encontravam defeitos. Todas, porém, eram unânimes em apontar o vestido da noiva como sendo bonito: confeccionado com renda «mariscot», bordado a «pailleté» de vidrilhos. Uma saia rodada de nylon em «plissé soleil», com aplicações da mesma renda do corpete, terminava com uma cauda curta (armada) que deslizava com so-



Monsenhor Olímpio de Melo (também ex-prefeito) abençoa o casal num gesto largo de mão. «Que tódas as bênçãos caiam sôbre vossas cabeças», diz o Monsenhor Olímpio de Melo. Ao lado o padrinho Levi Neves sorri.

briedade. Uma grinalda ornamentada por um véu formado de um chale espanhol de renda, dava a jovem comerciária a elegância necessária ao ato.

Tódas as companheiras de loja de Maria Beatriz compareceram ao casamento e estavam contentes em ver a felicidade da colega de balcão. Levaram-lhe presentes e a saudade de oito anos de convívio diário. A uma colega (confidente), Maria Beatriz havia dito e havia acertado:

— Aquêlê foi o último par de meias que ven-

di pois tenho a certeza de ter encontrado o homem que me compreende e me ama.

EXPLORAÇÃO

Cinderela de um pé de meia, Maria Beatriz foi quase vítima de uma exploração. Sem que nenhuma recompensa lhe fôsse dada ao abandonar o trabalho, alguém interessado, mostrou-lhe a conveniência em adiar para dezembro o seu casamento pois que a publicidade em torno das núpcias sensacionais serviria como incen-

tivo às vendas e seria melhor «promoção» do que um fantasiado Papai Noel na porta da loja.

O coronel Dulcídio, porém, foi severo e negou-se a tomar parte na especulação. E sempre que se lembra da proposta fica furioso. Maria Beatriz, é ingênua e não toma conhecimento. Quer ser feliz e não se importa com a maldade humana. Acredita no amor do coronel e espera ser uma esposa devotada, que num apartamento do Leme dará ao coronel Dulcídio os dias tranquilos de uma velhice que se aproxima a passos largos.



Esta foto é histórica para a Prefeitura: 2 ex-prefeitos e um candidato a prefeito, numa mesma solenidade de casamento, como noivo, oficiante e padrinho. Na foto quem está com ar mesmo de prefeito é o sr. Levi Neves. Afinal de contas, 1958 não está muito longe e a vontade é muita.



A princípio disseram que a família do ex-prefeito estava contra seu casamento. Mas depois ficou provado que tudo era boato. A família do sr. Dulcídio «fazia gosto», e compareceu em massa. E aí vemos o seu irmão, general Ciro Cardoso, ex-ministro da Guerra assinando o livro.

CINEMA
de ELY AZEREDO



O diretor George Stevens não viu em James Dean o tipo exato do Jett Rink de «Giant», mas precisava de um ator de grande talento. E Dean tomou a iniciativa de pleitear o papel, entusiasmado com a leitura do «script».

“GIANT”, O ÚLTIMO FILME DE JAMES DEAN

GEORGE STEVENS CONSOLIDA SUA POSIÇÃO ENTRE OS GRANDES CINEASTAS DE HOLLYWOOD COM UM FILME DE 3 HORAS E 18 MINUTOS QUE CONSAGRA DEFINITIVAMENTE O GENIAL ATOR DE «VIDAS AMARGAS».

♦ «Fita comercial para o público menos exigente», diria um observador superficial, tendo em mão os primeiros dados sobre «Giant»: esse filme — que traduzido literalmente seria «Gigante» —, leva três horas e 18 minutos na tela, custou cinco milhões de dólares, baseou-se em um **best-seller** (de Edna Ferber), e tem nos

papéis centrais o falecido James Dean, cuja popularidade nunca foi maior, Elizabeth Taylor, beldade de recursos duvidosos, e Rock Hudson, **bonitão** em moda.

Tal observador compreenderia o engano, imediatamente, se lesse o que a crítica americana vem dizendo sobre o filme, lançado agora nos

Estados Unidos. «Time», por exemplo, qualifica-o de «monumental peça de realismo social».

A filmagem terminou em 29 de setembro de 1955. No dia seguinte James Dean morria em um desastre de automóvel. Mas sua popularidade é hoje muito maior do que quando competia vivo com Marlon Brando, em desprezo às Boas Maneiras e em fascínio sobre a juventude. Esse fenômeno, que repete em circunstâncias mais eloquentes e desconcertantes a popularidade póstuma de Valentino, virá à cabeça de toda cobertura jornalística de «Giant», tornando secundária, a princípio, a importância de uma obra que, a julgar pelas primeiras recepções, ficará entre as mais vigorosas do cinema americano. E, provavelmente, será a obra-prima de George Stevens.

GEORGE STEVENS

George Stevens? A interrogação será automática no espectador médio. A escala da notoriedade cinematográfica, que tem nos pontos máximos o megalomaniaco Cecil B. de Mille, o Rei-do-Suspense Hitchcock, o genial Chaplin, o ex-marçiano Orson Welles, o sr. Ingrid Bergman (Rossellini) e poucos mais, praticamente não inclui o modesto Stevens. Poucos ouviram falar dele nos últimos 12 meses.

Enquanto outros cineastas de êxito dedicariam boa parte do tempo a entrevistas e atitudes de efeito publicitário, ele trabalhava na sala de montagem ou se preocupava com os problemas de lançamento de «Giant». Para Stevens, 25% do trabalho criativo tem lugar na sala de montagem, que a grande maioria dos diretores americanos não se preocupa em visitar. Filma cada cena em vários ângulos, reservando boa parte do orçamento para as despesas extraordinárias que o processo acarreta. Chamam-no, por isso, **perfeccionista**. E poucos merecem tanto o título.

HOLLYWOODIANO TÍPICO

Stevens (51 anos) é, sob muitos aspectos, um típico diretor de Hollywood. Baseia sua arte num artesanato sóbrio e consciencioso, sem in-

tenção de provocar paralelos literários ou propiciar achados sociológicos. Começou aos 19 anos como **camera-man** de comediazinhas de dois rolos e só dirigiu seu primeiro longa-metragem em 1933, após trabalhar como **gag man** (versão cinematográfica do que chamamos de piadista) e diretor de **shorts**.

Só chamou a atenção da crítica em escala

mundial com «Um Lugar ao Sol» (seu melhor filme anterior a «Giant») e «Os Brutos Também Amam» (Shane), mas observadores atentos já haviam sentido uma sensibilidade e uma ternura muito humana em personagens que desenvolveu em comédias interpretadas por Irene Dunne & Cary Grant («Serenata Prateada»), Katherine Hepburn & Franchot Tone («A Mulher do Dia»), Cary Grant, Jean Arthur & Ronald Colman («E a Vida Continua») ou Irene Dunne & Oscar Homolka («A Vida de um Sonho»). Nenhum desses filmes, diga-se de passagem, obteve no Brasil popularidade comparável à do seu «Gunga Din», aventura indiana que nunca é difícil encontrar num cartaz suburbano.

AUSTERIDADE

A austeridade profissional de Stevens tem um exemplo recente: a recusa de apoiar na crescente idolatria de James Dean a publicidade do filme. Na qualidade de co-produtor (com Edna Ferber e Henry Ginsberg), Stevens entrou em acordo com a Warner para apresentar o falecido apenas como «um importante intérprete do filme». Não levou em consideração a possibilidade imensamente lucrativa de utilizar os inúmeros James Dean Fan Clubs ou (como alguém sugeriu!) reuni-los numa **Fundação** de âmbito nacional.

CRITICA SOCIAL

Com «Giant» — a história de uma família durante 30 anos —, Stevens concentra no caso particular do Texas de Edna Ferber (preconceito contra os **párias** mexicanos, fortuna rápida na loteria do petróleo) suas críticas à idolatria do sucesso e à intolerância racial na sociedade americana.

Para quem viu Elizabeth Taylor em «Um Lugar ao Sol» e Alan Ladd em «Os Brutos Também Amam», não pode ser chocante a escolha da mesma atriz e de Rock Hudson para «Giant». E os críticos já informam que são perfeitos como tipos e têm boas atuações. No caso de Rock Hudson, galã de inúmeras xaropadas sentimentais, isso é particularmente impressionante.

O elenco também apresenta Mercedes McCambridge, a coajuvante premiada de «A Grande Ilusão» (All the Kings Men), e a jovem Carroll Baker, revelação teatral do Actors' Studio (onde estudaram Dean, Marlon Brando, Julie Harris), mas a grande figura é, na opinião unânime, James Dean. Um domínio perfeito dos tiques e da maneira de falar (anasalada) dos texanos e um envelhecimento gradual até os 50 anos, são as características mais superficiais de uma interpretação que o sóbrio crítico do «Time» considera genial.

A legenda de James Dean continua crescendo e, para alguns críticos, já situa esse jovem inquieto que não chegou a Salinas entre os mitos permanentes do cinema, como Carlitos e Garbo.

JAMES DEAN

um quebra-cabeças póstumo

- ◆ **RICHARD SHANNON**, colega de estudos — «Ele era como um arco-íris. A gente nunca vê uma obra: vê um labirinto de cores. Ninguém destaca em minha lembrança de Jimmy, exceto uma impressão de luz clara».
- ◆ **LEONARD ROSENMAN**, compositor — «Um autêntico contestão. Tinha uma personalidade tão obscura, que para cada pessoa era algo diferente».
- ◆ **ELIA KAZAN**, diretor, justificando a entrega do papel de «Vidas Amargas» — «Ele era Cal Trask. Era contra todos os pais. Era vingativo. Tinha um sentimento de solidão e de perseguição. Era desconfiado. E, além disso, tremendamente talentoso».
- ◆ **LEE STRASBERG**, diretor do Actors' Studio — «Parecia fugir a qualquer aproximação íntima. Tinha medo de que chegassem a conhecê-lo realmente».
- ◆ **MERCEDES McCAMBRIDGE**, atriz de «Giant» — «Podia-se sentir sua solidão pulsando e atingindo a gente como uma onda. Conhecía muito sobre interpretação do que qualquer outro ator que conheci».
- ◆ **ELIZABETH TAYLOR**, estrela de «Giant» — «Era tão maravilhante de brilha e de gênio, que dava a impressão de que ia explodir».
- ◆ **NATALIE WOOD**, estrela de «Juventude Transviada» — «Era um gênio, mas nunca esqueceu como ser simples. Sabia falar tão facilmente com brilhantes personalidades, como a nós adolescentes».
- ◆ **STEWART STERN**, scripter de «Juventude Transviada» — «Quería que os outros provassem gostar dele aceitando-o sob os piores aspectos. Isso tornava a amizade quase impossível».
- ◆ **GEORGE STEVENS**, diretor de «Giant» — «Quando se punha a meditar, uma doçura estranha e inconsciente se irradiava de toda a sua pessoa. Nesses momentos, e porque eu o sabia desde a primeira infância, sentia que andava sempre à procura de ternuras perdidas».
- ◆ **ARLENE LORCA**, atriz — «Passávamos horas improvisando personagens, como, por exemplo, um negro. Jimmy se identificava com qualquer minoria, porque sentia que seu talento o tornava uma espécie de minoria. Às vezes sua sede de conhecimento o impedia de viver. Amava a vida com dolorosa intensidade. Como me sentia em companhia dele? Eu tinha a sensação de que devia abrir as janelas e dizer: Voa, passarinho!».

PÁGINAS DO GALO BRANCO

MERGULHO os olhos na água do poço — e descanso o espírito atribulado. Nunca me senti tão só neste mundo e tão resignado e mesmo satisfeito em estar só. Desejo que na hora da morte me assista — este amor pela solidão tão raro em mim, e que experimento surpreendido neste momento.

Despojado de lembranças, de ambições, de angústias, desligado de séres e coisas, repouso, olhando a água escura. A noite é límpida. Uma lua magra bóia leve num céu ferido por muitas estrelas. «Quem sou eu», pergunto-me sem formular, nem mesmo interiormente, nenhuma só palavra? «Que tenho a ver com tantas inquietações, angústias e agitações?» Vêm-me à lembrança as últimas palavras de Proust, escritas num pedaço de papel alguns momentos antes de morrer, e que Mme. Mante-Proust mostrou-me em Paris, no seu apartamento em frente ao Sena:

«A grande frivolidade dos Moribundos...» é o que traçou o escafandrista da desoladora alma humana, com letra trêmula, antes de se imobilizar para sempre a mão de onde brotaram tantos personagens que vivem, que atravessam o tempo com os vícios e as virtudes, com as crueldades e as características que lhes soprou o criador doente, macerado, marcado pelo monstruoso dom da análise.

Se eu morresse neste exato momento, não me ligaria ao mundo nenhuma frivolidade... Estou realmente desligado de tudo. Mesmo do que há de mais doce, de melhor, de mais puro nas minhas lembranças. Recebo a noite nos olhos e sinto uma espécie de carícia interior. Os ruídos do mundo cessaram por encanto. Não amo, não odeio, não desejo mais nada, não pretendo mais nada. Se me viessem presentear com um reino, se a glória maior se oferecesse à mim, eu receberia tudo isso como alguém que na certeza da morte próxima recebesse o projeto de um passeio no campo no verão próximo, quando não existirá mais para ele o mundo sequer... A grande frivolidade do mundo não está porém, comigo. Mas o que é essa grande frivolidade que se prende até aos moribundos?

Em que terá pensado Proust ao escrever, com esforço, as suas estranhas palavras finais? **A grande frivolidade dos moribundos** será a conservação, diante do mistério da morte prestes a desfazer-se, de idéias, de ligações, de vaidades desprezíveis em face de uma posteridade que não nos pode interessar, uma vez que dela estaremos desligados e totalmente ignorantes? Pensar na glória, em alguma coisa que não se fez e deveria ter sido concluída, pensar-se num ente querido, num amor cuja ausência nos torturou, quando entes queridos, mortes não existem na realidade tanto que não nos acompanharão na nossa passagem para o outro lado?

NÃO penso em ninguém. Estou só. Não lamento a minha serena descrença. Não sofro e não me agito. Sou igual à água do poço; minha alma se assemelha neste instante ao líquido escuro que dorme, que pausa, que apenas reflete a noite porosa, impassível e feliz. Sei que amanhã tudo mudará, que virá o vento e me perturbará de novo. Que voltarei à crer e descrever, a desejar e entediar-me, a achar-me e perder-me. Que conhecerei o medo da morte e ao mesmo tempo a ambição de mergulhar a cabeça dolorosa no mistério temido e suspirado. Sei que conhecerei a frivolidade dos moribundos, dos tristes, dos angustiados, a terrível frivolidade dos que pensam em vaidades e em amores enquanto — feita a colheita — a noite final se vai aos poucos aproximando, envolvendo as coisas.

Amanhã tornarei a ser o que sempre fui desde que tenho consciência de mim mesmo. Mas, neste instante, repouso; sinto-me como uma flor lacustre adormecida numa superfície líquida parada. Não há nenhum vento a agitar-me. Sou uma alma adormecida na noite que antecedeu à criação. M. soltava a cabeleira longa e escura. Era religiosa, austera, intocável — mas vendo-a agitar os cabelos, oferecê-los a secar ao sol, mover-se de um lado para outro com uma toalha de linho ao redor do pescoço, sentia eu, desprender-se do seu corpo uma volúpia brusca, cega, quase dolorida.

Diziam todos que entraria para o convento; e ela portava-se, de fato, como se isso fôsse acontecer. Desejá-la, amá-la, querer possuí-la parecia-me um pecado. Nunca levantava M. os olhos para fitar alguém, olhava baixo, recatada, pudica. Seria dissimulada, hipócrita ou seu procedimento antigamente correspondia realmente a seu estado de espírito. Minha tia Tetéia tratava-a com o maior cuidado e carinho. Fechava venezianas e portas para que não houvesse correntes de ar. Mas preocupava-se Tetéia muito mais em policiar conversas. Não se podia falar, diante de M. de outro amor que não fôsse Deus... Lembro-me do constrangimento que houve quando uma visita, certa vez, falou de amantes numa história, aliás, quase inocente.

Vendo agora M. dançar num clube noturno, tôda saltitante, tendo por par um tipo de aparência duvidosa, senti o mistério das linhas dos destinos humanos. A mulher que se substituíra à jovem candidata ao convento conhecera muitas aventuras, viajara em companhia de homens sem escrúpulos, vivera muitos episódios, enfrentara a sociedade, portara-se com uma insolência incrível... Vendo-a passar bailando, levada nos braços de um desconhecido de aparência desagradável, procurei eu redescobrir nela a jovem tímida e tão discreta de outrora, que não se assentava à mesa para as refeições sem antes rezar e persignar-se.



UM "FESTIVAL DO FUTEBOL" SÁBADO À TARDE, NO LEBLON



O deputado Coaracy Nunes (PSD) também joga futebol na areia. Numa «pelada», de zagueiro central, dando uma rebatida.

O PROGRAMA, PARA TODOS, É FUTE-
BOL NA AREIA — O DEPUTADO DO P.S.D.
CONTRA O CENTRO AVANTE DA U.D.N.
— A VOVÓ VAI VER O NETO JOGAR —
«BACALHAU», O «CRAQUE» QUE MOR-
REU — COPACABANA TEM MEDO.

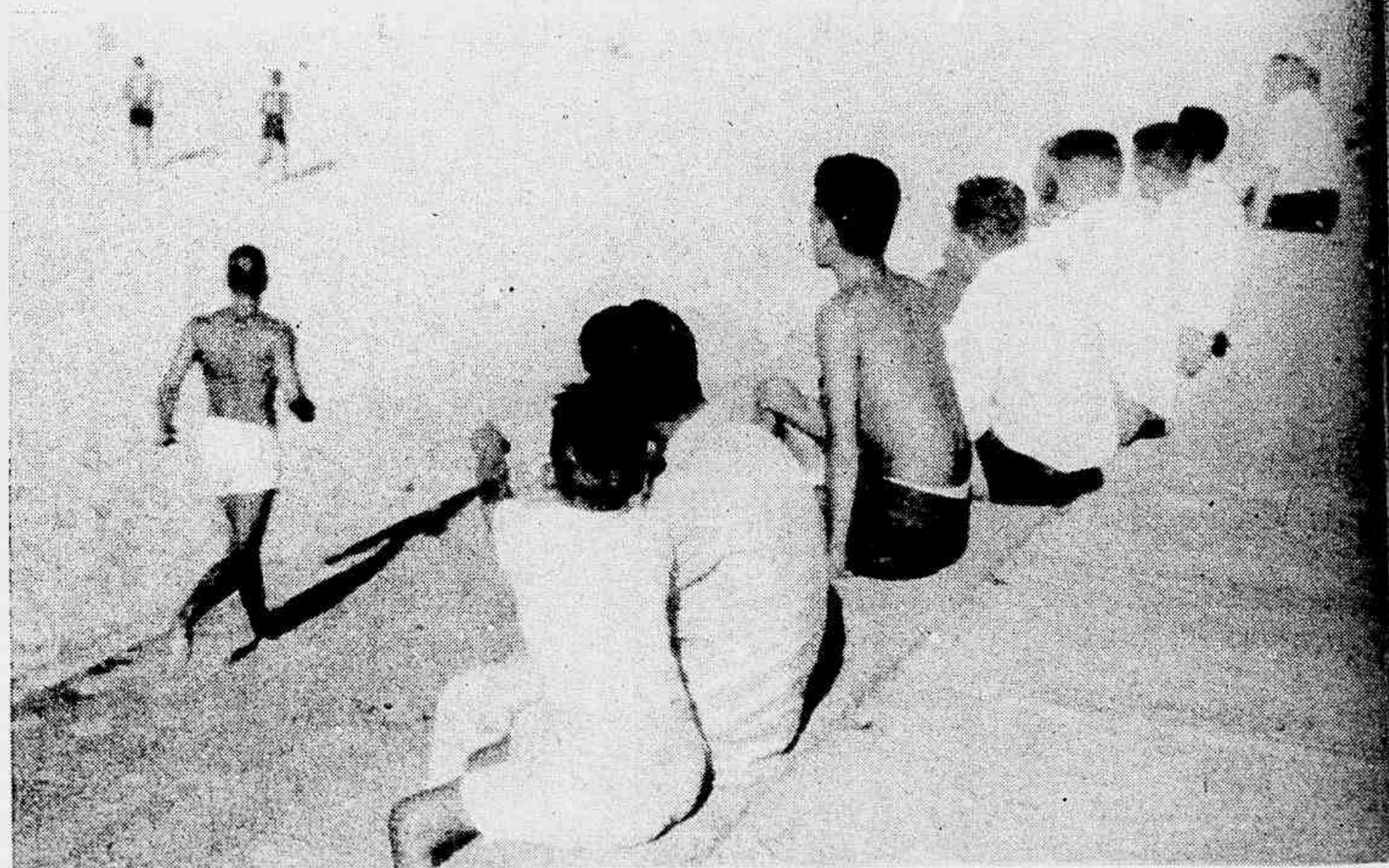
Texto e fotos de CARLOS LEMOS

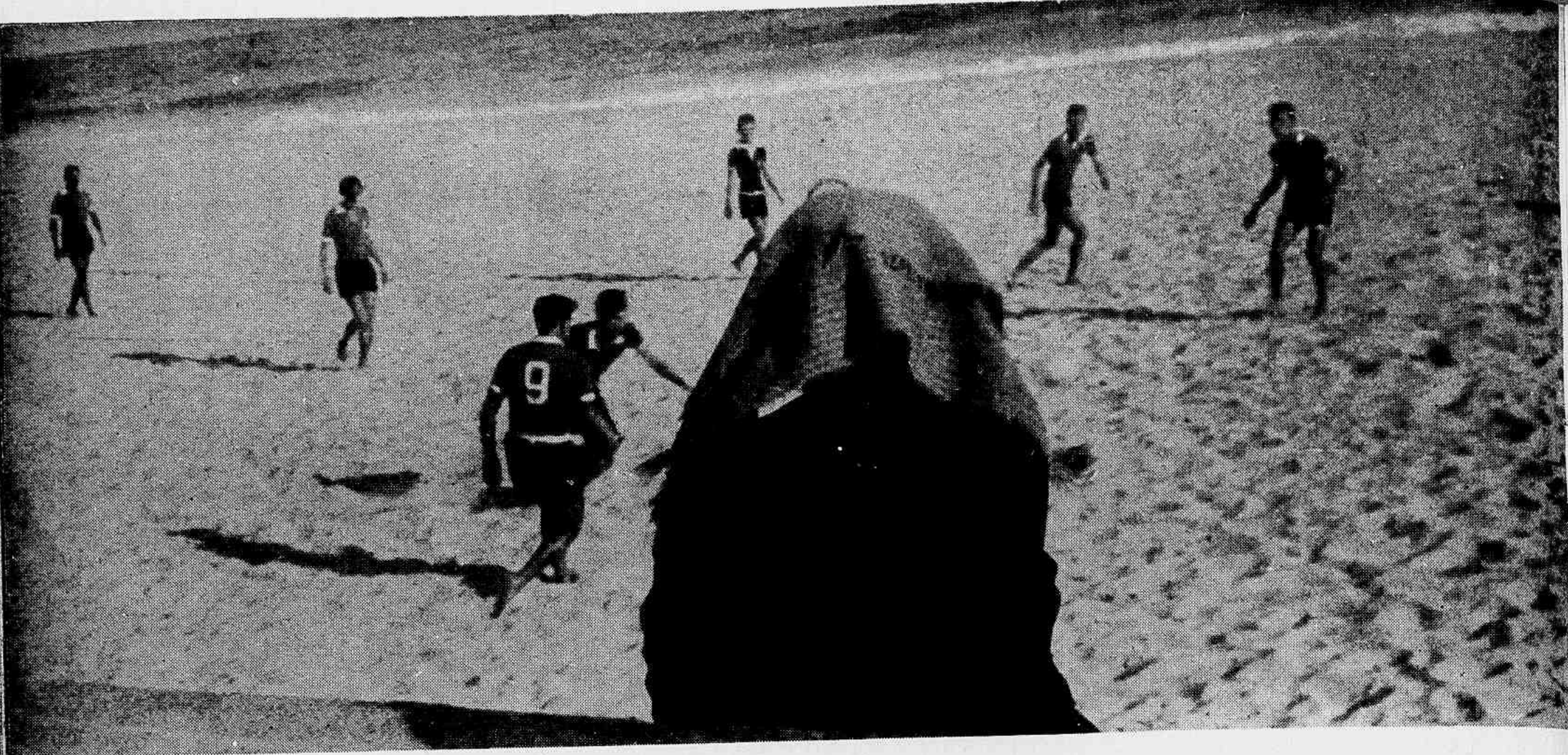


O entregador deixou as compras na casa da freguesa e, depois foi assistir ao futebol na areia. Sábado, à tarde, no Leblon. Os brotos, sábado à tarde.



no Leblon, só têm um programa: futebol na areia. No futebol de areia, o juiz corre no cimento, para não cansar. Só entra em campo em último recurso.





O neto jogava naquele dia e a avó, que talvez não vá ao Maracanã, foi ver o futebol na areia.

Um autêntico «Festival de Futebol» é o que se realiza todos os sábados, à tarde, nas areias do Leblon. São 11 campos, um em seguida ao outro, onde os times, controlados pela Liga Esportiva do Leblon, fazem suas exibições, carregando, para assisti-las, o bairro quase inteiro. Os jogadores variam desde o estudante até ao deputado federal. A torcida não é diferente da dos grandes jogos do Campeonato Carioca. Discute, briga, acha que um gol foi ou não em impedimento, tem opinião formada sobre esse ou aquele «craque» e chama o juiz de ladrão.

Talvez tenha até, alguns direitos a mais: xinga o juiz e ele ouve, pode chegar junto do técnico e dar sugestões e opiniões, a invasão do campo é mais fácil, tem contacto mais íntimo com os jogadores, assiste mais de perto. E os torcedores renitentes acompanham seus clubes preferidos seja em que campo fôr.

♦ UM ENCONTRO POLÍTICO — Um encontro político foi assistido, pelo repórter, quando encontrou o deputado Coaracy Nunes, do PSD do Amapá, jogando de zagueiro central, marcando o jovem José Bonifácio Tamm de Andrada, filho do deputado José Bonifácio, da UDN de Minas Gerais. PSD e UDN, sempre, um contra o outro. Disputavam uma «pelada» —

que na praia se caracteriza pela falta de camisa e improvisação dos quadros — no campo que fica encostado ao Canal do Leblon, no fim da praia.

— «Como é deputado? Jogando seu «racha»?»

— «Claro. Não posso perder a forma.»

— «E os inimigos?»

— «Não podem falar. Isso só prova que ainda estou em boa forma física e que me dou bem com a rapaziada.»

— «O centro avante é duro?»

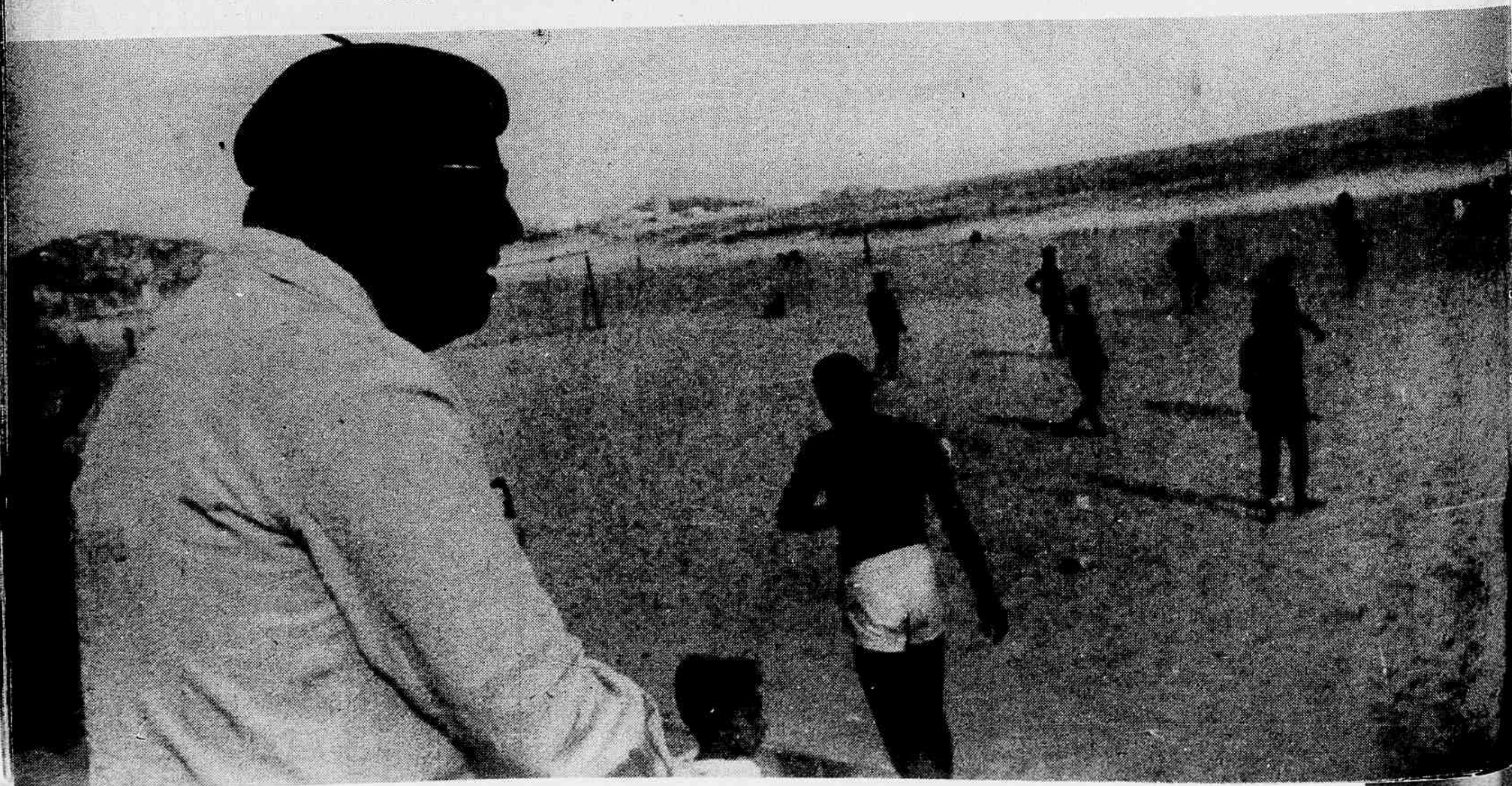
— «É o filho do Zêzinho. Joga bem mas tem que se esforçar para levar vantagem.»

No mesmo quadro, jogavam três filhos do deputado. E como velho torcedor de futebol posso testemunhar: o deputado é um zagueiro mais ou menos. Pelo menos para jogar um tempo.

Mas isso é na «pelada», sem organização e sem camisa. O importante é o futebol dos outros clubes da praia, organizados, que têm craques, técnicos e torcida.

♦ A VOVÓ — Torcida como a da senhora idosa que assistia a um jogo do Grêmio, um dos clubes. O sol forte fez com que usasse um chale na

O senhor de boina coçou o queixo e a cabeça. Só riu quando o seu time fez um gol.



cabeça. Assim, assistiu todo o jogo, batendo palmas quando o neto fazia uma boa jogada, dando sinais de aborrecimento quando o adversário atacava. E no Leblon, sábado, à tarde, todos vão à praia, para ver o futebol. O entregador deixa a mercadoria em casa do freguês e para a bicicleta na calçada, para ver um pouco. A «babá», que levou o menino para dar uma volta de carrinho, senta nos degraus de cimento e assiste. Os «brotos» de vestidos elegantes ou de «blue jeans» passeiam para lá e para cá, até encontrarem o campo onde o namorado está jogando. Na praia marcam os encontros para as festas da noite. Os namorados, entre um carinho e outro, vêem quando o meia direita, num pulo de dois metros, dá a bicicleta e faz o gol.

O casal de estrangeiros, já idoso, para e, de pé ou sentado nos degraus de cimento, assiste ao futebol em sua forma mais pura. Um senhor gordo, de boina, chega a chamar a atenção: coça o queixo, a cabeça e o nariz. Ri quando gosta. Os vendedores de pipoca, sorvete, biscoitos e balas fazem ponto nos campos. A freguesia está ali mesmo.

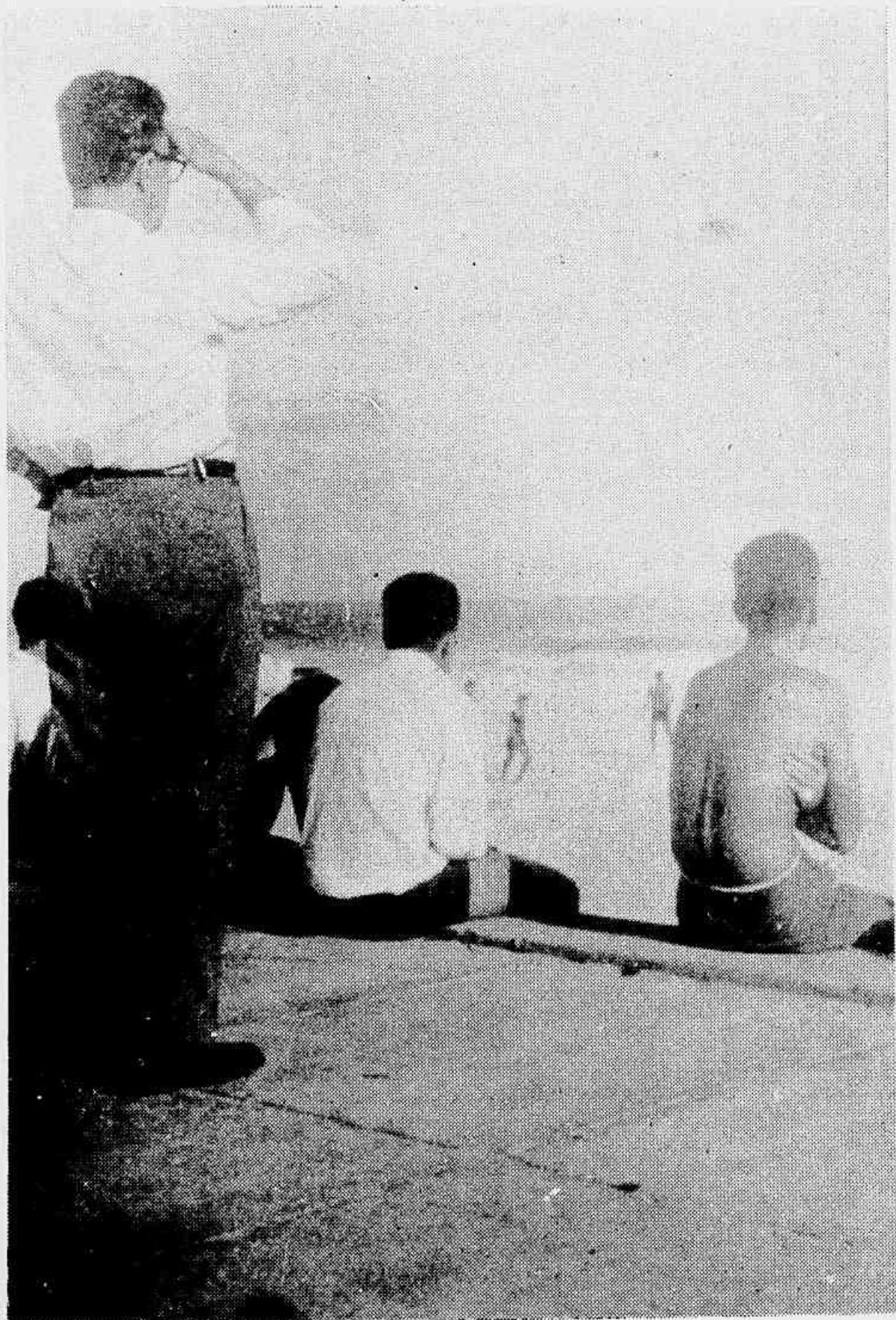
E explica:

— «Jogamos muito em 1940, quando eles estavam bons. O melhor time de lá era o «Pôsto 4», com uma linha famosa — Mauro Mico, Bacalhau, La Mana, Paulo Tôres e Cazuza — e o nosso era o «Atlântico», do pôsto 9, que acabou. Foram partidas famosas. Agora não querem mais.»

♦ **OLHA O PÊNALTÍ** — De longe, um torcedor puxa o braço do outro e diz: — Olha o pênalti lá no campo do Pinguins.»

Como soube? Simples. Na areia, a torcida pode fazer o que talvez deseje no Maracanã e não pode. Na hora do pênalti todos correm para trás do gol, para ver de perto.

♦ **O «ZIZINHO»** — Dos jogadores diga-se que não estão obrigados a concentração, mas que dormem cedo na sexta-feira. Ronaldo, o meia armador do Grêmio, é apontado pelos entendidos como o maior craque da



Olhos atentos na areia, a torcida do futebol, no Leblon, sábado, à tarde, sofre e discute como no Maracanã. De costas, pulando para cabeçada, o deputado Coaracy Nunes, do PSD do Território do Amapá. O atacante é o filho do deputado José Bonifácio, da UDN. Sábado, à tarde, no Leblon.

Os carros vêm de longe e estacionam do lado da praia. Saltam marido, mulher, ama-sêca e os filhos. Vai assistir ao jogo. Um rádio ligado informa o resultado do Maracanã e das corridas. Os interessados, em volta, ouvem enquanto prestam atenção à areia. E' por isso que sábado, à tarde, no Leblon, o programa é futebol na areia. Quem não joga vai assistir.

♦ **O CRAQUE QUE MORREU** — A areia já deu craques ao futebol carioca. Destacaram-se Heleno de Freitas e os irmãos Tovar. A maior esperança, o maior em todos os tempos, foi «Bacalhau», meia direita bom, com 19 anos, com tôdas as características do craque.

Quando, em 1941, trocou a areia pelo Fluminense, jogando no aspirante, morreu atropelado por um ônibus da Light.

♦ **COPACABANA TEM MÊDO** — «Vocês não jogam contra os times de Copacabana?»

— «Raras vêzes. Eles sabem que somos melhores e têm medo» — respondeu um entendido.

areia. Um verdadeiro Zizinho. São amadores e o único pagamento — quando existe — é o da «rodada» de cerveja, no bar da esquina. Depois do jogo tomam sorvete. O autor do gol da vitória recebe, na hora, o beijo da namorada.

♦ **TORNEIO NOTURNO** — Dos clubes registre-se que só podem entrar para a Liga pagando a taxa de Cr\$ 20,00 e tendo campo, balisas, rédes e uniformes. Não cobram passes quando das transferências — os jogadores mudam de time quando lhes dá vontade. Quase todos possuem sedes, mas o quartel general é o bar da rua. Estão disputando um torneio noturno, à luz dos refletores.

♦ **TRIBUNAL DE JUSTIÇA** — O futebol na areia é dirigido pela Liga Esportiva do Leblon, presidida pelo comandante Euzébio de Queiroz. Tem Tribunal de Justiça Esportiva e tudo mais que a F.M.F. possa ter. Os clubes filiados são: Tatuís, Nacional, Grêmio (campeão de 1956), Marlim, Monte Castelo, Leblon, IAPETC, Pinguins, Lagoa, Caiçaras e Torino. Existem outros, não filiados.

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA



Poema

Nem sol nem concha aberta
ressuscitam
o mar gelado em facas
e recusas:

É necessária a palavra
ocultada
dolorosamente
no sonho

é necessário escrevê-la
no universo
de todos os silêncios
que esperam

e inventar
o som de rosa dos peixes
transformados
em inevitável tributo
de espumas.

NONATO MACHADO

BATE-PAPO

COM SÍLVIO CASTRO

(autor de «Infinito», poesia)

1. Que influências poéticas julga ter recebido?

R. Se é possível correlacionar influência e admiração, citaria: Cruz e Souza, admiração inicial, que me fez ver de perto todo um mundo até então insuspeitado; Rilke, Fernando Pessoa, Sá-Carneiro, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira.

2. Que acha da poesia concretista?

R. Uma tentativa de expressão tão válida como qualquer outra. Pessoalmente, não vejo razão para delimitar a entrega poética, enquanto poema, apenas ao sentido visual. Creio que a emoção não poderá ser subordinada jamais a qualquer condicionamento apriorístico.

3. Que pensa da moderna poesia brasileira?

R. Em poesia, penso que atingimos a finalidade da obra de arte: a universalidade. A poesia atual, como feita entre nós, existe marcante, projetada sem delimitação estética.

4. Como conciliar o binômio "Funcionário - Público - Escritor"?

R. A conciliação será conseguida ganhando-se a cons-

ciência de que não devemos deixar escapar de nosso universo pessoal as impressões poéticas; entregando à comunhão apenas aquilo que nos alterou de tal modo, que desejáramos a participação de muitos, nesta alteração. Toda ação quotidiana é possível ao escritor, contanto que ele não se subordine a ela, a ponto de passar a viver somente em função sua.

5. Acredita na inspiração?

R. Não. A única fonte de emoção poética é a ação, a participação.

6. Que representa a infância, para o poeta?

R. A infância é a espontaneidade perdida. O poeta debruçar-se-á sobre ela, para procurar amplamente, em poesia, a Espontaneidade.

7. Quais seus planos futuros?

R. Desejo expressar-me com o máximo de harmonia em relação ao sentido da comunicação, não querendo fixar-me em um determinado gênero. A objetivação da obra ficará subordinada à natureza e à intensidade da vivência. Tenho pronta uma coletânea de contos, "As Noites", e termino um volume de ensaios, "Sele Vacas Gordas".

UM LIVRO

DA LIBERDADE DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA

♦ O TERCEIRO volume da «Biblioteca de Divulgação Cultural», em boa hora idealizada pela direção do Instituto Nacional do Livro, é o pequeno ensaio do poeta Antônio Rangel Bandeira intitulado «Da Liberdade de Criação Artística». Ensaio dividido em dez curtos capítulos, examinando esse problema tão atual e controvertido, sua finalidade primordial é refutar as idéias do conhecido teórico soviético Andrei Zhdanov, para quem a arte é não uma finalidade, porém unicamente uma arma a mais na luta pelo socialismo. E' bastante conhecida a crítica de Zhdanov aos modernos compositores soviéticos — e aos modernos compositores de todos os países, em geral: — o ensaísta os acusou de menosprezarem, deliberadamente, em suas obras, o povo como fonte de inspiração, preferindo nelas consagrar emoções individualistas apenas perceptíveis por um grupo privilegiado de estetas. Como remédio a tal estado de coisas, indica ele justamente a via contrária: o povo deverá ser a fonte de toda obra de arte, e também seu único destinatário; a tradição clássica, que no dizer de Zhdanov os modernos abandonaram, deverá ser retomada; a música popular ganhará um lugar de honra. Só assim, no dizer do esteta soviético, Prokofiev, Shostakovitch e Katchaturian, entre outros, serão músicos verdadeiramente grandes.

Antônio Rangel Bandeira rebate, um por um, os pontos essenciais da tese zhdanoviana, provando que é justamente das fontes populares, cristalizadas pelos grandes compositores do passado, e desabrochadas hoje em dia, que emana a música daqueles grandes compositores. Será possível taxar o autor de uma «Sinfonia Clássica», Prokofiev, de anti-clássico? O de «Bachianas Brasileiras» de ter esquecido a lição de Bach? E

os motivos populares armênios, não percorrem toda a obra de Aram Katchaturian? Em que se baseia, pois, a crítica de Zhdanov?

Não: o que quer Zhdanov, o que desejava Plekhanov, e tantos, tantos outros teóricos soviéticos, é que a arte — seja ela a música, a literatura ou as artes visuais — seja apenas um instrumento totalmente a serviço dos «interesses das massas populares». Como praticar a arte pela arte, numa época em que os Rosenberg são torturados? — pergunta Jean Kanapa, em nota citada pelo ensaísta (1); impossível: a arte a serviço da sociedade deverá ser subordinada, deverá servi-la humildemente, sendo aceita, na medida de sua utilidade, e repudiada, ou mesmo esmagada, em caso contrário.

Parece-nos (e ao ensaísta) haver em tudo isso um jogo de palavras. A arte estará a serviço da sociedade, de que é uma emanção, consciente ou inconscientemente. Porém, subordiná-la ao interesse de uma classe, de uma idéia, de uma religião, é matá-la, é tirar-lhe a frescura e a espontaneidade, é sacrificar às conveniências partidárias a essência mesma da obra de arte. Foi o que desejou fazer a Igreja Católica ao colocar no Index tantas obras artísticas que de algum modo se chocavam com os seus preceitos; foi o que determinou a Hitler queimas de livros e banimento de artistas; foi o que levou Chaplin a abandonar os Estados Unidos e Bela Bartók a não ir morar...

E' verdade que Platão, no segundo da «República» (2) desejava uma censura para as obras literárias, censura que aprovasse a edição de livros úteis à coletividade, e rejeitasse os inúteis. Mas foi igualmente Platão quem determinou a expulsão, de sua República ideal, de todos

SOUSÂNDRADE

AO ESTUDAR, complementarmente ao vulto de Castro Alves, algumas outras figuras de poetas românticos do Brasil, o jovem e lúcido crítico Fausto Cunha cita o nome do estranho e fascinante poeta maranhense Joaquim de Sousa Andrade — ou Sousândrade, como assinou seus últimos trabalhos. Sousândrade nasceu em 1833 e faleceu em 1902. Assim se refere Fausto Cunha ao autor de «O Guesa Errante»: «A respeito de Sousândrade poderíamos falar em Hölderlin, Baudelaire, Lautréamont, em Gerard de Nerval, talvez em Blake — se a todos esses nomes não estivesse adstrita uma linha de pressupostos que invalida a aproximação; além do fato de que, em nível estético, o maranhense lhes é sempre inferior». Pelo que nos fala Fausto Cunha, Sousândrade foi um poeta desequilibrado, que não sabia distinguir um poema superior de uma trivialidade qualquer. Por isso sua obra («Harpas Selvagens», 1857, «Impressos», 1866, «Eólias», 1868, «Obras Poéticas», 1874 — com três cantos iniciais de «O Guesa Errante», «O Guesa Errante», em doze cantos, «Novo Eden», 1893 (que F. Cunha denomina de *ininteligível*), e «A Casca da Caneleira», incompleto, 1866 (prosa), onde há de tudo, desde o romantismo piegas de um Casimiro *avant la lettre* até aos arroubos híbridos de um Joyce — pois Sousândrade, como o irlandês, andou inventando palavras a seu bel prazer, para isso utilizando os vocabulários das inúmeras línguas que sabia falar, e que aprendera em suas peregrinações

intermináveis pelo mundo —, resente-se de unidade, dançando sempre entre o «Tabor e a vala comum», na expressão de seu moderno exegeta.

Escusado dizer que a poesia de Sousândrade não foi compreendida, em sua época. Como poderia tê-lo sido, se em certos instantes ela recorda o tom poético de um Eliot, de um Ezra Pound? O próprio poeta tinha consciência do fato, e chegou a escrever: «Ouvi dizer já por duas vezes que «O Guesa Errante» será lido cinquenta anos depois; entristeci — decepção de quem escreve cinquenta anos antes. Porém se — *Life, not form; work, not ritual, whas what the Lord demanded* — diz um swedenborgiano pregador, falando da Religião: não poderíamos dizer o mesmo da poesia?». Ainda em princípios do século, o arguto Veríssimo, o qual nunca entendeu verdadeiramente a poesia, classificou Sousândrade como um pré-simbolista; e Humberto de Campos taxou-o, burramente, de «futurista»...

O advento do Modernismo veio render alguma justiça a Sousândrade; alguma, apenas: pois o desconhecimento do poeta é quase total, e mister se faz que um crítico, como Fausto Cunha, já autor de interessante ensaio sobre Sousândrade de resolva fazer por completo a reabilitação do maranhense, o primeiro poeta brasileiro que teve a intuição de uma poesia universal, liberta de indianismos e de descrições da terra, baseada na meditação e no conhecimento.

os poetas, gente nociva em república ideais... Aristóteles, discípulo de Platão, acolheu a idéia em sua «Política» (3); Agostinho, também a Platão filiado, entoa hosanas ao filósofo por haver excluído, sumariamente, de sua República, os poetas (4); Hobbes, reconhecendo a influência de certos livros antigos sobre os jovens — livros que falavam de regicídios e tiranídios, sendo portanto sumamente perigosos e desaconselháveis — recomenda que eles não sejam publicados ou lidos em um Estado politicamente bem organizado (5). Por vezes, artistas e filósofos não se desejam submeter aos catecismos do dia, e é preciso então sofregá-los, é necessário pôr-lhes um freio à boca, sem o que subverterão os escravos e tentarão incendiar o templo...

A tese do senhor Antônio Rangel Bandeira sobre a liberdade de criação artística parece-nos oportuna e bem realizada, de leitura atraente e baseada em sólidos conhecimentos, sem descambar para a erudição soporífera; se o autor extrai quase todos os exemplos de que necessita para expor seus pensamentos do campo da arte musical, nem por isso se pode dizer que todos os seus raciocínios não são válidos também para os demais domínios da Arte. Apenas nos pareceu que ele empresta, ao mediocre Andrei Zhdanov, uma importância que o russo efetivamente não possui; ao dizer, porém, que a influência de Zhdanov ainda é grande, mesmo no Ocidente, Rangel Bandeira de certo modo se justifica e justifica o seu excelente trabalho.

NOTAS:

- 1) «Da Liberdade de Criação Artística», por Antônio Rangel Bandeira. Biblioteca de Divulgação Cultural. Instituto Nacional do Livro, volume III. Rio de Janeiro, 1956. Nota 9, página 87.
- 2) «A República», de Platão, parte II da edição americana de *Encyclopaedia Britannica*. Chicago, 1955, página 321.
- 3) «Política», de Aristóteles, livro VII, capítulo 17.
- 4) «Cidade de Deus», de Santo Agostinho, livro II, capítulo 14.
- 5) «Leviathan», de Hobbes, para segunda, «Of Commonwealth».

ATIVIDADES DA "PETITE GALERIE"

Prosseguem as reuniões mensais do grupo de «Amigos da Petite Galerie», já em número de cento e vinte. Todos os dias cinco, em sua aprazível sede — ao lado do Rian, na Avenida Atlântica —, os «Amigos» acorrem em grande número, a fim de ouvir palestras, ver filmes de arte, concorrer ao sorteio de gravuras e entradas de teatro, ou simplesmente conversar. Gente séria, que ama sobretudo a Arte, está sempre promovendo iniciativas que visem o seu maior conhecimento e prestígio. Foi por exemplo o caso do Concurso de Cartões de Natal por ela instituído, e que teve por vencedor Rossini Perez — escolhido pelo júri composto de Campofiorito e Pedro Manuel Gismondi. Não só as Artes Visuais estão todavia limitadas as atividades dos «Amigos da Petite Galerie» — e assim é que eles agora estão organizando também audições musicais, para isso tendo obtido o apoio da «Maison de France», que lhes franqueou sua discoteca. As quintas-feiras, no restaurante da Associação Brasileira de Imprensa, os «Amigos» realizam um almôço de confraternização, muito e muito concorrido sempre. Constituem, em suma, uma turma unida e inteligente, que deve ser apoiada e engrossada com a participação de todos — de ti, caro leitor, que certamente te interessas pelas Artes Visuais e gostarias de pertencer a uma sociedade cuja única finalidade é difundi-las, num ambiente de refinamento e camaradagem.

NOTAS

DESENHOS DE Enrico Bianco estão sendo expostos na Petite Galerie, desde o dia 16 de novembro.

SORENSEN, ARTISTA bastante conhecido do público carioca, pretende expor em fins do corrente no salão do Ministério da Educação e Cultura, suas derradeiras criações no campo da gravura, da pintura, da cerâmica, da tapeçaria, etc.

NO ÚLTIMO número de «Prisme des Arts» chegado ao Rio, interessante artigo de José Geraldo Vieira sobre o desenhista paulista (de adoção), de coração cearense, Aldemir Martins, prêmio de Desenho da última Bienal de Veneza.

ANO PASSADO, coube a Rossini Perez organizar a Árvore de Natal tradicionalmente armada pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, como presente aos associados. Esse ano, caberá a Lígia Clark e a Franz Weissmann — ambos componentes do Grupo Frente — fazê-la.

ATÉ TRINTA e um do corrente, a secretaria do Museu de Arte Moderna de São Paulo receberá os originais que concorrerão ao Concurso de Cartazes por ela instituído para a IV. Bienal Paulista, que se aproxima. Dez trabalhos serão escolhidos, e a cada um deles caberá um prêmio de quatro mil cruzeiros. Entre os dez, então, surgirá o vencedor, que receberá mais vinte e cinco mil cruzeiros. Os originais deverão ser mandados para a rua Sete de Abril, 230, segundo andar — São Paulo.

IMPORTANTE EXPOSIÇÃO de gravuras italianas contemporâneas modernas foi inaugurada em São Paulo, no Pavilhão das Indústrias do Parque Ibirapuera. São duzentas peças, aproximadamente, que dão uma completa noção do que seja o desenvolvimento daquela arte, nos dias que correm na península itálica.

NA BIBLIOTECA Nacional, grande exposição comemorativa do 150º aniversário do nascimento de Manuel de Araújo Porto Alegre.

PARA TODOS, ótima publicação cultural editada quinzenalmente, comemorou em um de seus últimos números o 75º aniversário do pintor espanhol Pablo Ruiz Picasso.

DI CAVALCANTI está na Europa, em Roma, até onde foi a fim de presenciar a transferência, para a pinacoteca do Museu de Arte Sacra do Vaticano, de uma tela sua, adquirida por ocasião da última Bienal veneziana.

JENNY BATLAY, uma francesinha de apenas 15 anos, é a versão — em artes plásticas — do que Minou Drouet representa para a poesia. Agora mesmo está sendo apresentada ao público de Paris, na galeria Bernhein, uma grande mostra de seus desenhos e óleos, em que alguns críticos já descobriram a mão de um artista «genial».

EM DETROIT foi descoberta, ao que parece, uma tela de Van Eyck. Vários peritos nela descobriram a marca inconfundível do grande pintor. Acontece que a obra está assinada e datada de 1442 — ano em que o grande Jan van Eyck não mais existia. O impasse continua.

CELITA VACCANI, que venceu recentemente o concurso de provimento da cátedra de Modelagem da ENBA, foi homenageada pela União Feminina Universitária com um chá, na Casa do Estudante do Brasil.

É fácil verificar...

...o tempo e o esforço que a eletricidade
lhe poupa e os serviços inestimáveis que
lhe presta... Compare a sua conta mensal
de eletricidade com as outras despesas do-
mésticas...



Você se convencerá de que
as tarifas de energia elétrica
são **REALMENTE** baixas.



A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL



Marilyn Monroe como aparece em seu último filme nos EE.UU. (Bus Stop) «Nunca fui Santa» que provavelmente êste ano não será exibido entre nós.

MARILYN-“NUNCA FUI SANTA”

O TÍTULO DE SEU ÚLTIMO FILME EM HOLLYWOOD, PARECE TAMBÉM UMA EXPLICAÇÃO PARA O SEU PASSADO

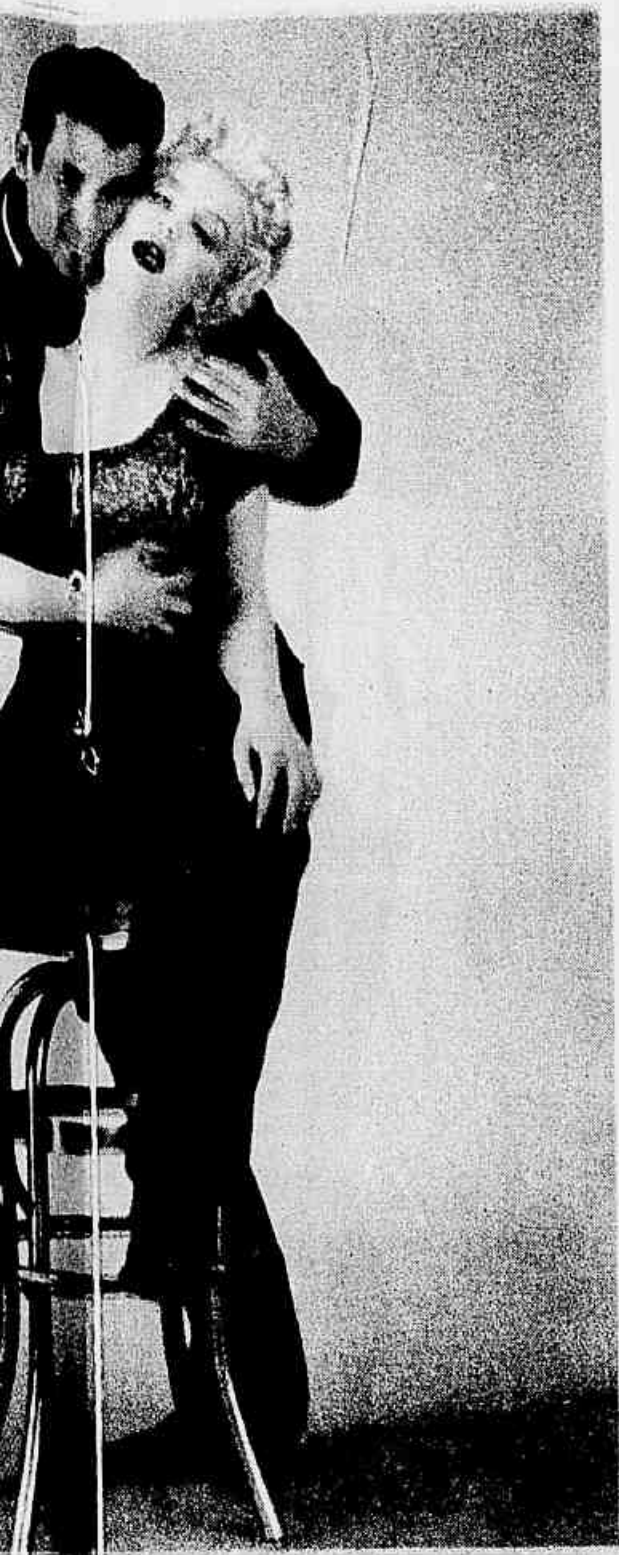


Tôdas as fotos desta página
mo filme de Marilyn en Holl

"NUNCA FUI

(Kodachromes T

MARILYN Monroe voltou ao mundo todo. Agora, porém, chama-se por três fatos: seu casamento com o famoso dramaturgo Arthur Miller, sua decisão de se transformar numa atriz séria e estudo de problemas internacionais de penetrar no mundo de seu país. Ela sabe estêve envolvido nos EE.UU. com a comissão que investiga as c

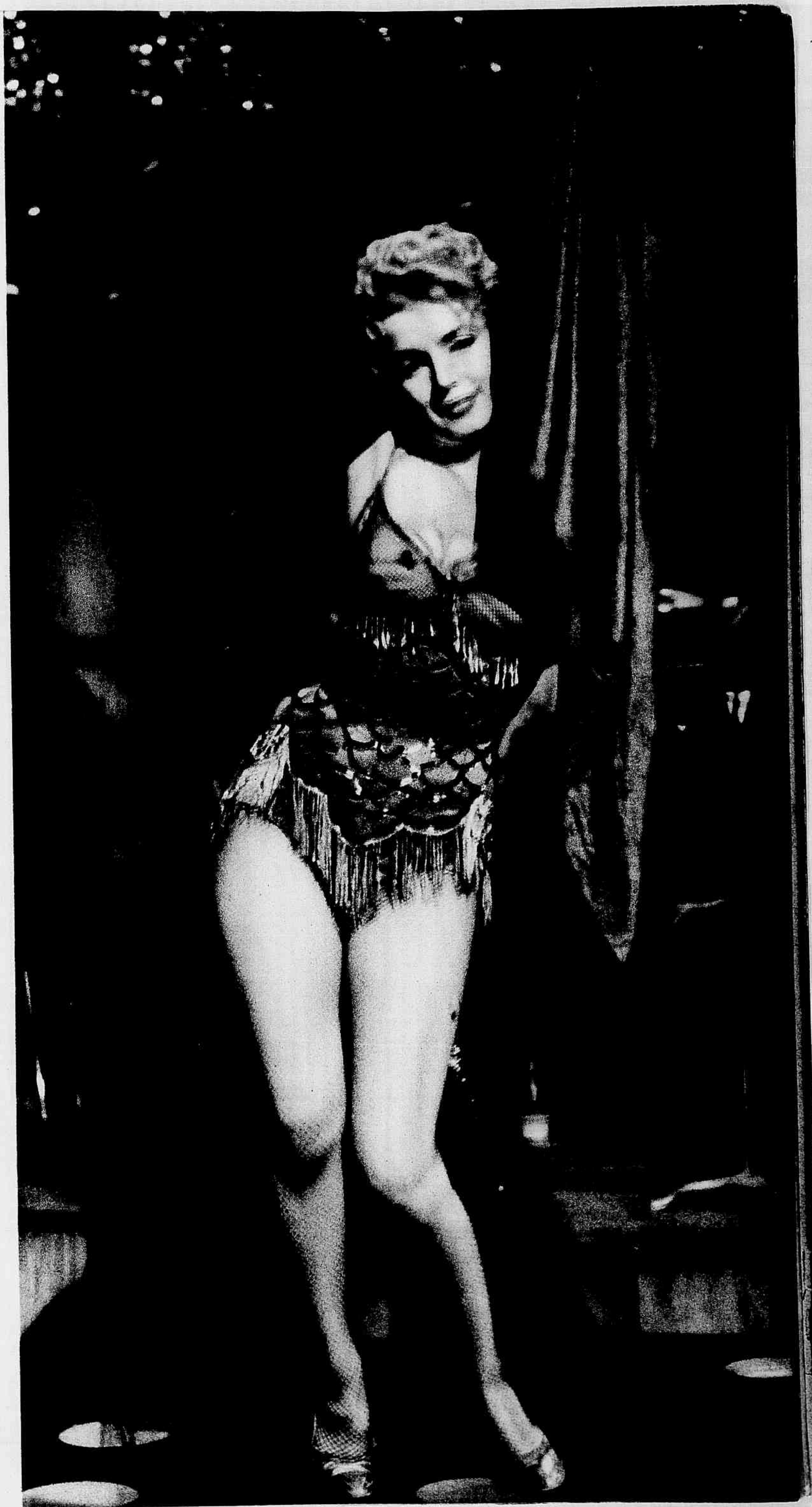


Esta página são também do último filme de Marilyn em Hollywood, «Bus Stop».

FUI SANTA"

(dachromes T.C. Fox)

...voltou ao cartaz. Aliás, a bem da verdade, não se pode dizer que nunca saiu dele. Depois de um desempenho espetacular (consequência de estar nua para uma folhinha) Marilyn noticiou para os jornais e revistas do mundo, porém, chama a atenção do mundo por seu casamento com o teatrólogo de New York, sua ida a Inglaterra para trabalhar com Sir Laurence Olivier; e seu casamento com um intelectual. Pois Marilyn não se preocupa com os seus antigos não lhe interessam mais e os seus grandes prazeres é a leitura. Leitura de problemas importantes. Talvez uma tentativa de entender seu atual marido, que como se sabe, nos EE.UU. em casos complicados investiga as atividades anti-americanas.





ESTE É UM DOS EXTRAORDINÁRIOS EFEITOS DE CÔR CONSEGUIDO POR GISELA MACHADO EM «RIO DE JANEIRO A JANEIRO».

REPORTAGEM PROIBIDA

QUEM É GISELA, A FIGURINISTA? ★ AS DUAS MENTIRAS DE CARLOS MACHADO ★ O «SHOW» É UM ACIDENTE SUPERADO ★ «TENHO UMA ANGÚSTIA PERMANENTE E APENAS QUATRO AMIGOS» ★ O MARIDO É DONO DE UM IMPÉRIO NOTURNO E ELA É DONA DE SUA PRÓPRIA SOLIDÃO ★ «É PRECISO ENCONTRAR ALGO ALÉM DA NUDEZ» ★ GISELA MACHADO DESCOBRE AMARELO DENTRO DO VERMELHO E DIZ QUE NÃO CONHECE ÁRVORE SEM FÓLHAS ★ HORROR A ENTREVISTAS.

Reportagem de HERON DOMINGUES

AS DUAS MENTIRAS — Nunca vi Gisela Machado em qualquer estréia dos espetaculares «shows» que o seu marido produz à custa de milhões e milhões de cruzeiros, e periodicamente lança nos palcos dos «night clubs» do Rio. Duas vezes, perguntei por ela, em momentos particularmente significativos para a carreira e obra do chamado «Rei da Noite». A primeira foi numa noite de maio deste ano, no Béguin, quando, em nove dias, dirigindo um exército de 40 costureiras, conseguiu «vestir» a revista que haveria de manter o fogo sagrado dos espetáculos da madrugada, depois que outra espécie de fogo, a 1ª de maio, destruiu todo o guarda-roupa do «Night and Day». Um dos melhores públicos que já vi, a um tempo, numa «boite», lá se encontrava, prestigiando a ressurreição do «show». E havia lágrimas nos olhos de muitos artistas. A última pessoa que deveria estar ausente era Gisela.

Carlos Machado disse-me, simplesmente:

— Gisela está lá em cima, com as costureiras, terminando os vestidos que vão entrar nos próximos minutos.

Era mentira...

A segunda vez, dois meses depois, Carlos Machado recebia a maior consagração do público mais «snob» do Rio — o do «Golden Room» do Copacabana Palace — quando estreava «Humoresque», preparado em poucos dias, depois que um incidente entre o produtor Silveira Sampaio e o sr. Otávio Guinle ameaçara o maior salão de espetáculos do continente de ficar sem atração na gorda época do «sweepstake». O público, de pé, todo em «smoking» e em vestidos decotados, aplaudia Machado e o chamava para o palco.

Machado disse-me:

— Gisela está muito cansada; ficou em casa, esperando notícias, para saber se tudo saiu bem.

Era a segunda mentira.

OS MOTIVOS — Aquela que nasceu Gisela Manzebo Vasconcelos, numa casa pobre da Rua Buarque de Macedo, no Flamengo, e que se educou no «Andrews», sendo boa aluna e muito aplicada, conseguindo notas ótimas que eram, sempre, de 80 a 100, continua a ter, hoje, as mesmas notas excelentes, já então como figurinista dos grandes espetáculos da madrugada do Rio. Entretanto, se queixa da «obrigação» de fornecer sempre boas notas e explica porque não comparece às bombásticas estréias:

— Meu pai simplesmente assinava os boletins, sequer olhando para as notas, tão naturalmente confiava em mim e tão simplesmente esperava que fossem boas notas. Nunca, também, falava sobre o assunto. Meu marido, hoje, de uma certa forma, assina os meus boletins, de olhos fechados. Vivo dentro de uma angústia permanente, em busca da beleza. E a mensagem que procuro enviar, através da côr e do bom gosto e de tantos outros detalhes que fazem um espetáculo, quando concretizada, não me interessa mais. Tenho horror às estréias. E o «show», depois de pronto, é um acidente superado. Na busca da beleza, eu me encontro e me realizo. Não tenho necessidade da imediata e material reação do público diante da obra, porque esta só a mim interessa e, assim mesmo, apenas quando ela é um plano e uma idealização. Por isso, na vulgar acepção da palavra, julgo-me um zero, em função do público. É a única atitude é me apagar, voluntariamente, na hora luminosa das estréias.

O PAI — O pai, professor José Matos de Vasconcelos, catedrático universitário, cultor do Direito e estudioso incansável, desapareceu do mundo sensorial de Gisela, numa tarde de março de 1950, depois de um trágico acidente. Desde então, a sua presença física foi substituída por uma lembrança obsessante



do que era aquele homem como artista nato, possuidor de um profundo senso de beleza, que o poderia levar, por exemplo, como muitas vezes aconteceu, a largar todos os afazeres, para apreciar uma obra de arte, quer fosse uma pintura, um monumento ou uma simples canção nas cordas do violino de um cego, no Largo da Lapa.

— Conheci Paris antes de ir a Paris. Seus museus, sua topografia, sua vida, sua intelectualidade tantas vezes me foram retratados por meu pai, que nunca fôra a Paris. E há dois anos e meio, quando encontrei Paris, foi como se tivesse desembarcado na palma da minha mão.

O pai é o seu tipo inesquecível. E quando faleceu, numa rua carioca, tinha, na cabeça, os planos para viajar, daí a dois meses, com Gisela, sozinhas, a Paris. Ele, que era primo de José de Alencar, sabia que a filha o ajudaria, como ninguém, a mergulhar nesse fervoroso artístico que é Paris. Ela, que era filha desse homem excepcional, sabe que, hoje, ele seria o único homem a compreendê-la nessa incessante busca da beleza e no indiferentismo sistemático ao estrondo das estréias.

A FILHA DO PROFESSOR — Foi a filha do professor Matos de Vasconcelos, intransigente perseguidor da beleza, que se rebelou contra a forma vulgar de beleza que se aplastava nos primeiros espetáculos da madrugada do Rio, quando o marido vencia a crise do término do jogo que estrangulava a vida noturna, e inaugurava, timidamente, no Monte Carlo, a semente do que seria, poucos anos depois, o mais poderoso império noturno (Sacha's, Béguin, Arpège e Night and Day) da América do Sul.

— É preciso localizar algo além da nudez, dizia Gisela Vasconcelos Machado. — A beleza nada tem a ver com a fórmula brutal da nudez escancarada. Carlos, que rosas feias! E, por que aquele azul misturado com verde?

OS MISTÉRIOS DA CÔR — Essas observações devem ter calado tão fundo no espírito de Carlos Machado, quanto no espírito do repórter, que se encontra no «living» do apartamento do casal, na ocasião em que

é convidado pela entrevistada, a olhar as almofadas vermelhas e a forração da «bergère».

— Que é que você pode me dizer desses vermelhos?

O repórter passeia os olhos na côr e confessa que o melhor é ficar calado, porque será incapaz de dizer muitas palavras sobre as pequenas diferenças de tonalidade.

— Pequenas? — ri Gisela. — Mas, meu amigo, o vermelho da «bergère» contém côr-de-rosa; e o das almofadas, amarelo.

Nesse exato instante, compreendo porque a solidão é companheira dessa mulher.

— A solidão é a minha mestra. Com ela, fervem, dentro de mim, novas energias para procurar a beleza de mim, novas energias para procurar a beleza.

Sei, agora, que Gisela nunca estará tão só, pois as côres do mundo ambiente têm para ela, exclusivamente para ela, um sentido diferente e lhe oferecem uma vista fervilhante de interesse imperceptível para os nossos olhos comuns.

ALÉM DA SOLIDÃO — Além da solidão, não tenho mais do que quatro amigos e a preocupação pela educação dos meus filhos.

Djenane, de 9 anos, e José Carlos, de 6, fixaram-se em Gisela que é a eterna preocupada por eles:

— Procuro dar todos os caminhos aos meus filhos.

O mundo de quem vive só é mais dispersivo do que o de quem se dispersa nas grandes aglomerações. Gisela foge e o repórter inicia a caçada a Gisela em função do «show». E eis uma revelação:

BRASILIDADE — Faço brasilidade a meu modo nesses «shows» que têm categoria internacional. Infiltra-lhes o Brasil. Aqui, o verde é verde e o azul é mais azul. Não conheço árvores sem folhas e a audácia repele o cinza.

A CHAVE — O embalo da conversa vai nos levando a uma encruzilhada. Está surgindo a necessidade de uma definição. Haverá um determinado momento em que a côr terá de encontrar um denominador comum. Gisela descobre a obsessão e revela o que já sabe de côr:

— Jamais pude fazer um «show» a distância. Trabalho e crio, em função da música. A côr é escrava da música, e através desta pode ser libertada e interpretada.

FLORES — Gisela não desenha, ou melhor, desenha mal. Por isso vai pessoalmente às compras de material para o fabuloso guarda-roupa dos espetáculos.

E, à medida que ouve, «vê» as criações, já em movimento, se incorporando à idéia geral do ambiente musical e literário do espetáculo.

Suas costureiras são, efetivamente, suas melhores colaboradoras, desde que abandonaram o mau trato do teatro, em que se acostumaram a ser vistas como escória. E até recebem flores, sendo lembradas na hora comum do esquecimento.

FECHO — Que mais poderia ser dito da mulher, filha, esposa, mãe e artista que é a figurinista Gisela Machado?

Talvez, as palavras da coreógrafa argentina Ana Itelman sejam o melhor fecho para esta reportagem proibida:

— Você, Gisela, foi a única figurinista que conseguiu, até hoje, vestir, funcionalmente, o «ballet» moderno.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

Cynegon



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baldo, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 648 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

QUER TER BOA LETRA?

matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA "DE FRANCO"

Rua General Osório 724 — São Paulo

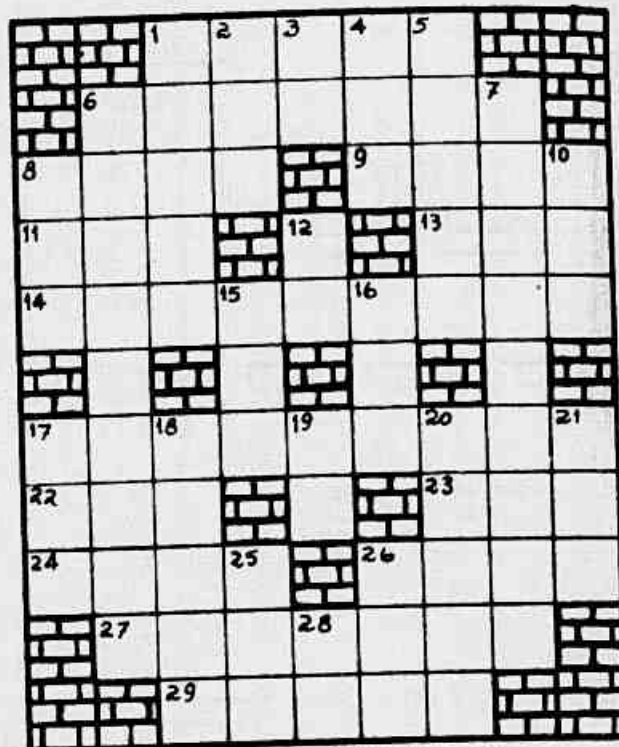
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 148

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Bastante — 6. Mal dispostos — 8. Chefe de pescadores, em Malabar — 9. Soltar gritos de dor — 11. Arvore da Índia Portuguesa — 13. Atualidade — 14. Lameiro (de pasto) — 17. Andar a pé — 22. Associa — 23. Planta da família das Leguminosas - Papilionáceas — 24. Espécie de canoa — 26. Terra inculta que passa a ser cultivada — 27. Massa de borraça que se coagula no solo depois de sangrada a seringueira (pl.) — 29. Prontas.

VERTICAIS: — 1. Conversão de um iníel ao maometismo — 2. Peixe plectognato — 3. Símbolo do metal raro de peso atômico 150,4 — 4. Nome de mulher — 5. Ser inferior na escala animal — 6. Cinto asiático (pl.) — 7. Macaco da família dos Cebíades (pl.) — 8. Parte da códea de pão que termina em aresta — 10. Povoação de Portugal — 12. Sufixo designativo de prolissão — 15. Ilha do Oceano Índico — 16. Cidadela — 17. Pé de malva próprio para transportar — 18. Mortífero — 19. Pai de Hupim e Supim — 20. Oportunidades — 21. Relento — 25. Espécie de maçã vermelha — 26. Cativa — 28. Medida romana de peso.

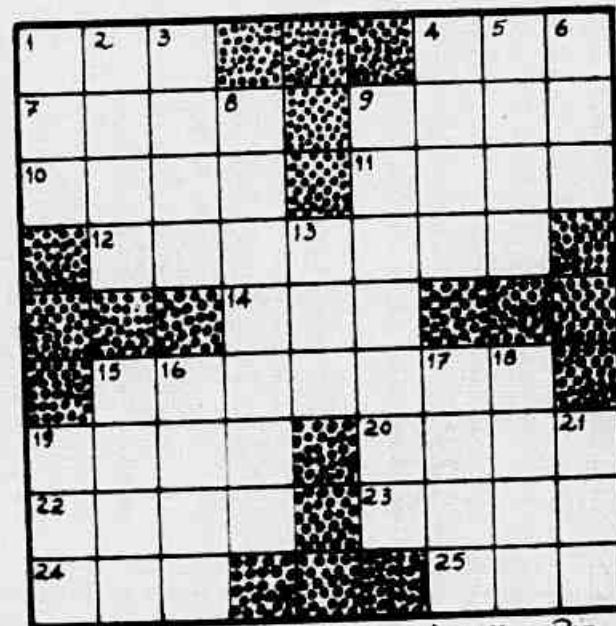


atanh - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Reza — 4. Óxido de cálcio — 7. Leito — 9. Rosto — 10. Lavar — 11. Ligar — 12. Muniras de armas — 14. Divisão de peça teatral — 15. Conjunto das cartas de jogar — 19. Dei pancadas — 20. O mesmo que iri — 22. Destampo — 23. Compartimento principal de uma casa — 24. Curso de água natural — 25. Pêlos de certos animais.

VERTICAIS: — 1. Vazia — 2. Extraordinária — 3. Querer bem — 4. Procura — 5. Pedra do altar (pl.) — 6. A casa — 8. Móvel com prateleiras e portas — 9. Pessoas muito beatas — 13. Pinha — 15. Sectário do babismo — 16. Tenebroso, negro — 17. Relativo ao osso hioide — 18. Debrum, margem — 19. Botequim — 21. Seguias.



atanh - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 147

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: miar — goma — aam — rim — frenético — rada — Agar — rusti — toscano — Neyra — ceto — iriz — araucairo — tir — ora — axas — usar.

VERTICAIS: mata — iara — amedrontara — originários — mica — amor — me — nauseou — tataria — Scy — acata — azoar — erix — irra — Ci.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ária — cama — via — iam — ar — sal — lo — caber — amadurece — lilás — ha — oas — ré — ama — dar — Roma — rosa.

VERTICAIS: avacalhar — rir — ia — ai — mal — amolecera — cabular — sadio — lerás — cal — rés — amo — ras — AM — dá.

A MORTE DE STALIN PROVOCA



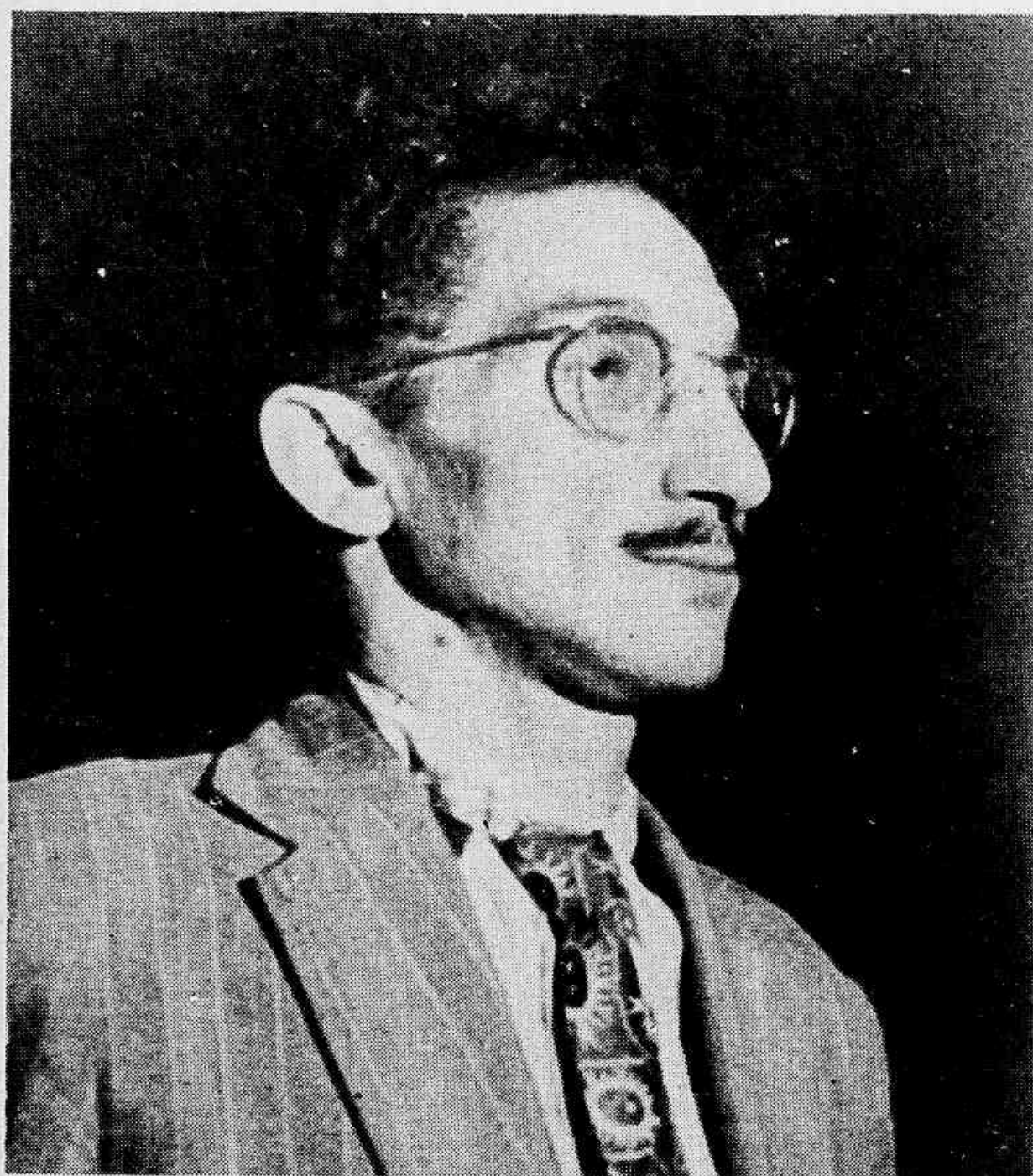
LUÍS CARLOS PRESTES, luta por manter o domínio do partido comunista. Tem inúmeros adeptos e adversários.

CRISE NO COMUNISMO BRASILEIRO

ARROGANCIA, AUTO-SUFICIENCIA E MANDONISMO NO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO — A LUTA PRESTES x CRISPIM — PRESTES CONTINUA SENDO O LIDER INFALIVEL PARA CERTO GRUPO — OUTRO GRUPO PODERO-

SO: A "TROIKA" DE MAURICIO GRABOIS, DIÓGENES AR-RUDA E JOÃO AMAZONAS — A POLICIA GARANTE A LI-BERDADE DOS LIDERES COMUNISTAS — AUTO-CRITICA EM QUANTIDADE, PARA TODOS OS GOSTOS E IDADES

REVISTA DA SEMANA — 37



JOSÉ MARIA CRISPIM
Do ostracismo ao primeiro plano.



MAURÍCIO GRABOIS
A «troika» tenta derrubar Prestes

Reportagem de HERMANO NOBRE ALVES

O comitê central do Partido Comunista do Brasil critica severamente o secretário do partido, sr. Luís Carlos Prestes. Seu nome não é citado mas a carapuça foi feita à sua medida.

O projeto de resolução do comitê central, publicado na "Imprensa Popular", afirma:

— "Um excessivo centralismo, a arrogância e a auto-suficiência dos dirigentes, um sistema de mandonismo de cima a baixo, **uma disciplina algo militar** em vez de disciplina consciente e voluntária, uma falsa e injusta política de quadros, críticas violentas e intempestivas, que criavam um ambiente de intimidação, predominavam em nossa atividade, caracterizando mesmo a vida do Partido, e levavam ao afastamento muitos quadros e militantes.

"Tal sistema e tais métodos tolhiam a democracia interna, liberdade de opinião e de crítica e o desenvolvimento do pensamento criador em todo o Partido.

"As causas principais de tudo isto estão no próprio processo de formação do nosso Partido, nas influências ideológicas pequeno-burguesas, **nas tendências caudilhescas ainda muito vivas** e nos restos patriarcais existentes na sociedade brasileira".

O comitê central faz auto-crítica mas prossegue no ataque a Prestes:

— "A responsabilidade dos graves erros e debilidades que ora começamos a examinar cabe, fundamentalmente, ao comitê central e, em particular, ao Presidium e ao secretariado.

"O Presidium e o secretariado do comitê central tornaram-se órgãos hipertrofiados. Caíram num demasiado afastamento das massas do Partido e da vida real".

Qual a solução?

O projeto de resolução sugere:

— "É chegado o momento de travar em todo o Partido uma luta persistente pela correção desses males, sem esquecer jamais que se trata de desarraigar toda uma tradição e que

isto não será conseguido sem vencer sérias e obstinadas resistências, ainda que se apresentem sob as formas mais sutis".

Será muito difícil aos adversários de Prestes desalojá-lo da chefia do Partido Comunista que ganhou impulso graças à adesão do "Cavaleiro da Esperança". O Partido Comunista, no Brasil, nunca se distinguiu pela sua pureza ideológica. Sempre dependeu das diretivas do Partido Comunista Francês, que eram transmitidas por intermédio de Prestes. A disciplina algo militar a que se refere o comitê central foi imposta pelo capitão Prestes. Hoje, quando os comunistas reaprendem a discutir, Prestes está sendo criticado. Mas, destruir um mito não é fácil. Prestes, no Partido Comunista, é como o brigadeiro Eduardo Gomes na União Democrática Nacional ou como era Getúlio Vargas no Partido Trabalhista Brasileiro. No Partido Comunista há mais prestistas do que comunistas. Sempre se falou mais na Coluna Prestes do que no "Capital" de Marx. E Prestes sempre usou o velho truque de Stalin de se afirmar autor das boas decisões e culpar algum subordinado pelas más.

Neste momento, no Partido Comunista há várias tendências em choque. Há os prestistas que não abrem mão do seu líder bem-amado e infalível. Há o grupo da "troika", que se reúne em torno dos srs. Diógenes Arruda, Maurício Grabois, e João Amazonas. Há os titóistas brasileiros, agrupados em torno do sr. José Maria Crispim, que faz um esforço inútil para conseguir o controle do Partido. Há a "velha guarda", com o sr. Octavio Brandão. O sr. Minervino de Oliveira, para o espanto dos que já o acreditavam morto, ressurgiu dando apoio a Brandão. Em São Paulo, enquanto um grupo mais jovem de burocratas do Partido procura transformar o sr. Roque Trevisan em líder, outro grupo — este de "velhos bolcheviques" — chegou a pensar, seriamente, em trazer o sr. Hermínio Zacchetta de volta ao Partido. Às vezes, duas ou mais frações se unem para fazer política contra uma terceira. Enquanto isso, a aristocracia do Partido — os burocratas e os "eternos simpatizantes", os intelectuais e estudantes profissionais que viajavam

pela Europa às custas do Partido — procura não tomar decisões precipitadas e ficar em cima do muro para ver, na hora, para onde deve pular.

Prestes já fez sentir aos seus homens de confiança que está disposto a livrar-se da burocracia partidária, especialmente dos dirigentes que o serviram até bem pouco, como Graboïs, Amazonas e Arruda, e fazer uma recomposição política, com novos e velhos elementos, dentro das normas de "democratização interna". A "troika", no entanto, oferece a mesma coisa, com sinal trocado. Ficamos nós e Prestes sai. Não querem que o "Cavaleiro da Esperança" deixe o Partido mas chegam a discutir a hipótese de, em comum acordo, entregá-lo às autoridades. Dizem, claramente, que Prestes preso é melhor que solto. O mito se manteria intacto, e talvez até crescesse com o martírio. E, sobretudo, o Partido se veria livre de um secretário testa-rudo, intransigente, mandão.

Enquanto se discute, no Partido Comunista, continua a cômoda perseguição que a polícia política faz aos dirigentes partidários. Desde o governo do falecido presidente Vargas que a polícia tem ordens para seguir os passos de Prestes, de Arruda, de Graboïs e outros, sem prendê-los. A coisa já se tornou escandalosa, pois, de vez em quando, Arruda é visto em plena Avenida Rio Branco enquanto que a passagem de Prestes é assinalada em vários pontos do interior. Ao governo — seja ele de Vargas, de Café Filho ou de Juscelino Kubitschek — não interessa transformar Prestes em mártir. O coronel Luna Pedrosa, chefe da polícia política, disse isto, com todas as letras, recentemente, em entrevista à imprensa do Rio. Por outro lado, o Partido Comunista apoia o governo atual, com o qual fez um acordo político, no ano passado, depois de se oferecer aos candidatos Ademar de Barros e Juarez Távora.

Durante anos, o que se viu no Partido Comunista foi uma verdadeira luta de classes. De um lado, os militantes sinceros, intelectuais que se arriscavam a cair em desgraça, operários que eram presos pela polícia quando pixavam paredes, estudantes que eram surpreendidos quando faziam comícios-relâmpagos, as eternas mulheres das comissões de espôsas de marítimos, de operários do Arsenal de Marinha, de trabalhadores, de suboficiais presos. Era a gente comum do Partido. Do outro lado, os burocratas, os intelectuais que escreviam o que se mandava, os estudantes profissionais, os antigos operários, como o sr. Roberto Morena, que se transformaram em "pelegos" do Partido. Estes últimos brilhavam nos salões, nas conferências, nos "cocktails" das representações estrangeiras, conversavam, politicavam, consumiam grandes quantidades de uísque no "Grande Ponto", compareciam às pré-estréias de filmes russos ou a peças escritas por elementos da "linha auxiliar". Ocupavam postos estratégicos no "Vermelhinho" e na "Gôndola", mostrando o seu entusiasmo pela causa do proletariado.

Os militantes eram obrigados a comer o "prato feito" enviado pela direção do Partido. Comiam e calavam. Defendiam posições indefensáveis e teses impopulares. Um militante que sáísse para doutrinar elementos operários, era obrigado, via de regra, a trazer um abaixo-assinado de solidariedade a Ho-Chi-Min ou Joliot-Curie.

Quem protestasse ou se opusesse era vítima de uma sarai-vada de baldões. Surgia logo um dirigente para chamá-lo de policial, provocador, trotskista, titoísta, crispinista, traidor, lacaio ou fascista. A espionagem — especialmente aquela mandada fazer por Arruda, Graboïs e Amazonas — era uma constante.

Tudo isso foi provocando o descontentamento e acirrando os ânimos. Por qualquer coisa um militante era expulso, por anti-stalinismo ou anti-prestismo, por desvios nacionalistas, por oportunismo, por idéias pequeno-burguesas. Muitos militantes se perguntavam porque motivo ainda estavam no Partido.

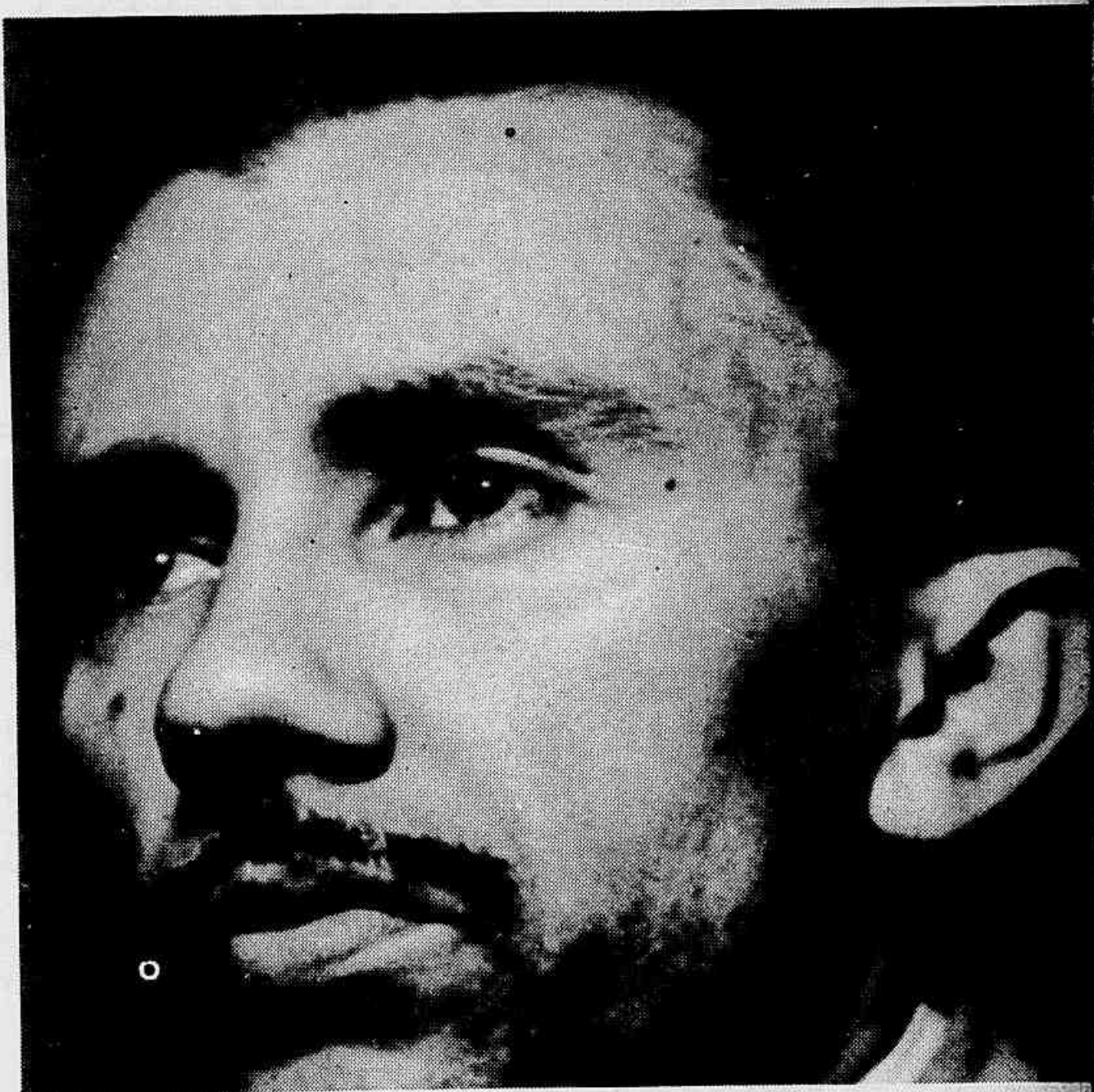
A coisa se agravou quando começaram os sintomas de "desestalinização" na União Soviética. Os militantes liam informações em jornais de todas as tendências, em notícias mandadas pelas agências norte-americanas, em revistas estrangeiras, da França, dos Estados Unidos, da Inglaterra. Abriam as páginas

da "Imprensa Popular", de "Problemas", da "Voz Operária" e nada encontravam. De repente, a imprensa norte-americana publicou uma versão do relatório secreto de Krushev sobre o stalinismo. A imprensa russa não desmentiu, embora se tratasse de um documento fornecido ao Ocidente pelo Departamento de Estado.

A grita começou, de baixo para cima. Todos pediam a discussão do relatório Krushev e das posições próprias tomadas pelo Partido Comunista da Itália. Os dirigentes prometeram que o debate se iniciaria imediatamente.

Esse imediatamente durou oito meses. Por fim, os militantes explodiram, com a cumplicidade tolerante do grupo — evidentemente oportunista — que controla a "Imprensa Popular". Começaram a ser publicadas críticas ferozes aos dirigentes partidários. A mais pungente foi a de Octavio Brandão, que decidiu 34 anos de sua vida ao Partido Comunista e nada mais teve do que amargura e decepções. O comitê central, apressadamente, fez publicar um projeto de resolução, criticando Stalin abertamente e Prestes veladamente, fazendo auto-crítica e dizendo que é indispensável a livre discussão e a direção coletiva.

É ainda prematuro dizer o que vai acontecer no Partido



JOÃO AMAZONAS
A luta pela direção comunista

Comunista do Brasil. A crise é evidente. As tendências nacionalistas são incontrolláveis. Muita gente pergunta porque o Partido Comunista não se transforma numa agremiação nacional e volta à legalidade. Os dirigentes não sabem responder.

O sintoma mais grave é a discussão aberta no que devia ser um aparelho monolítico. Stalin costumava dizer que o Partido Comunista devia funcionar como uma "correia de transmissão". Os cabeças pensavam e os outros passavam adiante, sem discutir, as decisões geniais, para a turma de baixo cumprir com o risco de ir para a cadeia ou de ficar com a cabeça quebrada. Agora, todo mundo quer saber porque as coisas devem ser feitas.

No projeto de resolução, o comitê central diz que o Partido Comunista deve confiar "na força revolucionária da verdade". O Partido Comunista, sendo uma organização totalitária, está em perigo. A livre discussão leva, inevitavelmente, muita gente a pensar com as suas próprias cabeças.

O comitê central tem toda a razão. A verdade é subversiva. E vai subverter a ordem reinante dentro do próprio Partido Comunista.



HELENA RUBINSTEIN JÁ EMBELEZOU MILHÕES DE MULHERES EM 5 CONTINENTES

NASCEU NA POLÔNIA, ESTUDOU NA AUSTRÁLIA, CONHECE O MUN-

DO TODO E TEM APARTAMENTO EM NOVA YORK E PARIS — GOSTA

DE PINTURA MODERNA E MOBILIÁRIO CLÁSSICO — VIÚVA HÁ 1 ANO,

TEM DOIS FILHOS, E ACHA QUE É MUITO RICA MAS NÃO SABE (NEM

DE LONGE) QUANTO TEM — SEUS TIPOS DE BELEZA PREFERIDOS: GLO-

RIA SWANSON (MORENA), MARILYN MONROE (LOURA), RITA HAY-

WORTH (RUIVA) E VIVIEN LEIGH (CABELOS ESCUROS E TEZ CLARA).



Reportagem de ANTONIO CARLOS NOGUEIRA

◆ No momento em que o programa de televisão «O Céu é o Limite» alcança o auge da popularidade, está no Rio a sua patrocinadora, Helena Rubinstein. Considerada a maior autoridade mundial em assuntos de beleza, essa senhora de 84 anos irradia jovialidade e simpatia e sua fisionomia lembra uma madona do renascimento.

Helena Rubinstein revela-se uma personalidade vibrante, incansavelmente interessada nas coisas que a rodeiam, suspirando ante a paisagem carioca e tudo querendo saber sobre o Brasil e principalmente a Bahia. Ninguém ainda se lembrou de levá-la a um terreiro de macumba. Pelo jeito ela gostaria muito. Declarou, mesmo, numa entrevista, que entre as suas muitas coleções, a de arte negra é a que maior interesse lhe desperta.

CASAS DE BONECA — A famosa criadora de produtos para a beleza feminina, toma ares de inocência infantil quando fala de suas bonecas. Ela guarda até hoje, com um carinho comvente, bonecas do seu tempo de criança. São bonecas caríssimas, reunidas em ambientes, segundo as suas origens.

ARTE MODERNA — No seu apartamento em Nova York, Helena Rubinstein abriga uma pinacoteca de fazer inveja a muitos museus. Suas

pinturas modernas já estiveram emprestadas ao Museu de Arte Moderna de Nova York e seus autores se chamam Matisse, Picasso, Duffy, Modigliani e muitos outros. Só do brasileiro Portinari ela tem 16 quadros!

AMIGA DO BRASIL — Não é esta a primeira vez que Helena Rubinstein vem ao nosso país. Aqui esteve em 1939, 1943 e 1949. Desta vez pretende se demorar uma quinzena, devendo visitar também São Paulo. Helena Rubinstein fala com extraordinária vivacidade de suas atividades comerciais. Não teme a concorrência, achando que o mercado é bastante grande para todos, o que no seu ramo, é uma grande verdade. Começou há muitos anos na Austrália, a sua tarefa de ajudar a beleza da mulher. Tendo estudado química, foi-lhe fácil atender à clientela de cremes que ela mesmo preparava. Associou-se depois a médicos especialistas e abriu suas primeiras casas de beleza em Londres e Paris. Daí a sua fama se espalhou para o mundo. Helena Rubinstein diz, sem falsa modéstia, que o seu cartão de apresentação era o seu próprio rosto.

A maior autoridade mundial em assuntos de beleza feminina aconselha o uso moderado de maquiagem. Diz Helena Rubinstein: «a verdadeira beleza é interior. Para o rosto pós e cremes em quantidade mínima. O que importa é a beleza que vem de dentro, do coração».



avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada com o uso desse maravilhoso produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira do couro cabeludo; esta, com uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente perfumada.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso postal. Distribuidores: SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO

Fundada em 1935

JÓIAS E RELÓGIOS
ANEXO: DENTAL ROSARIO

ARTIGOS DENTARIOS EM GERAL
PREPARAÇÃO DE METAIS PRECIOSOS
PARA ARTE DENTARIA

Serviço de Reembolso Postal

JOALHERIA CARIOCA

Deseja aos seus clientes um Feliz Natal e próspero Ano Novo

SOARES, CIOCI & CIA. LTDA.
RUA DO ROSARIO, 147 TELS.: 52-9191 - 52-8893

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS - NOVIDADES
- IMPORTADORES -

mil

ELETRICIDADE
FREIOS HIDRAULICOS
LIMPADORES PARABRISAS

mil RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144
- ATENDEMOS ENCOMENDAS POR REEMBOLSO AEREO -
- A MILIONARIA DO CASTELO -

CIDADE NUA

Por SÉRGIO ROBERTO

Existem vários manifestos correndo as forças armadas em busca de assinaturas. Há um na Aeronáutica, patrocinado pelo brigadeiro Guedes Muniz. E outro na Marinha de iniciativa do sr. Amorim do Valle.

★

Detalhe importante: o sr. almirante Amorim do Valle cai na compulsória no dia 1º de janeiro de 1957. Provavelmente estará aí a chave de muitos atos nervosos do ex-ministro.

★

Há um trabalho de bastidores visando a fusão dos partidos Trabalhista e Socialista. O sr. João Goulart (naturalmente) é contra. Mas há entusiasmo pela aliança, em ambos os lados.

★

Se o Botafogo for campeão, Bauer, Didi e Newton Santos vão enriquecer em 30 dias. Pois há tanto movimento para premiá-los, que pelo menos uns dois milhões de cruzeiros sobrarão para cada um.

★

O coronel Nemo Canabarro vai dar uma entrevista coletiva depois que terminar a punição que lhe foi imposta.

★

Cresce diariamente o prestígio do coronel Sizen Sarmento dentro do Exército. É um oficial de altíssimo conceito e que ainda vai desempenhar importante papel na vida brasileira.

★

Maurice Vaneau terminou a primeira leitura da peça de João Bitencourt, «As provas do amor». Impressão: gostou. Por falar em Bitencourt: foi um sucesso absoluto a apresentação de «Um Sargento das Milícias».

★

Notícias de Paris dizem que serão sensacionais os novos lançamentos de Dior. Fala-se que jamais a moda mundial atingiu padrões tão revolucionários.

★

O sr. Assis Chateaubriand, se prepara para lançar mais 15 estações de televisão no Brasil. A propósito do senador: sua nomeação para embaixador em Londres está encontrando tropeços quase invencíveis.

★

Notícias escritas pelo sr. David Nasser não se cansam de apontá-lo como o maior repórter brasileiro. É preciso uma retificação a essas notas do próprio punho: Dentro da própria revista «O Cruzeiro» existem uns 10 repórteres melhor do que ele. E no jornalismo brasileiro pelo menos uns 30.

★

Ângela Maria (o maior cartaz do rádio brasileiro no momento) está faturando mais de 200 contos mensalmente.

★

Entre prêmios e comissões, Manoel Bezerra da Silva, o jóquei mais popular da Gávea, já ganhou este ano perto de 3 milhões de cruzeiros. Média de quase 300 mil mensais. Acrescente-se ainda que tem 18 anos de idade.

Estrada de Ferro Central do Brasil

VIAJE COM CONFORTO E SEGURANÇA — Estão circulando entre Rio-São Paulo e Rio-Belo Horizonte os trens de luxo, dotados de todas as condições de conforto moderno. As composições são de aço inoxidável, com amortecedores hidráulicos, dispoendo de carros-restaurantes, dormitórios, etc., providos de ar condicionado. O preço do leito nos trens «Vera Cruz» e «Santa Cruz» é de Cr\$ 120,00 para os inferiores e Cr\$ 100,00 para os superiores — as cabines de dois leitos. Para as cabines individuais o preço é de Cr\$ 150,00. Nos trens «Noturnos» comuns o preço do leito é de Cr\$ 90,00 para os inferiores e Cr\$ 70,00 para os superiores. O percurso reduzido de uma hora e vinte minutos, obedecerá ao horário abaixo:

HORÁRIOS (Com as últimas alterações)
1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
— I D A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	22.40
Barra do Piraí	0.41	0.48
Cach. Paulista	3.47	3.56
Roosevelt	5.00	—

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
— V O L T A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Roosevelt	—	22.50
Cach. Paulista	0.06	3.12
Barra do Piraí	0.36	6.15
D. Pedro II	2.15	—

2) — Linha do Centro
TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)
— I D A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	20.19
Barra do Piraí	22.21	22.34
Três Rios	0.24	0.29
Juiz de Fora	2.17	2.27
Santos Dumont	3.28	3.35
Barbacena	4.54	4.57
Cons. Lafaiete	6.51	6.56
Belo Horizonte	11.00	—

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)
— V O L T A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Belo Horizonte	—	19.50
Cons. Lafaiete	23.53	00.01
Barbacena	1.59	2.01
Santos Dumont	3.05	3.10
Juiz de Fora	4.15	4.22
Três Rios	6.07	6.13
Barra do Piraí	8.03	8.12
D. Pedro II	10.15	—

PREÇOS DAS PASSAGENS
1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simple	Ida e Volta
Barra do Piraí	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Cach. Paulista	Cr\$ 224.00	Cr\$ 403.00
Roosevelt	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-4)
De Roosevelt para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simple	Ida e Volta
Cach. Paulista	Cr\$ 224.00	Cr\$ 377.00
Barra do Piraí	Cr\$ 266.00	Cr\$ 479.00
D. Pedro II	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

2) — Linha do Centro
TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simple	Ida e Volta
Barra do Piraí	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Três Rios	Cr\$ 201.00	Cr\$ 361.00
Juiz de Fora	Cr\$ 229.00	Cr\$ 410.00
Santos Dumont	Cr\$ 245.00	Cr\$ 441.00
Barbacena	Cr\$ 263.00	Cr\$ 473.00
Cons. Lafaiete	Cr\$ 289.00	Cr\$ 520.00
Belo Horizonte	Cr\$ 341.00	Cr\$ 614.00

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simple	Ida e Volta
Cach. Paulista	Cr\$ 188.00	Cr\$ 327.00
Barra do Piraí	Cr\$ 223.00	Cr\$ 400.00
Santos Dumont	Cr\$ 244.00	Cr\$ 435.00
Juiz de Fora	Cr\$ 258.00	Cr\$ 463.00
Três Rios	Cr\$ 283.00	Cr\$ 509.00
Barra do Piraí	Cr\$ 308.00	Cr\$ 559.00
D. Pedro II	Cr\$ 341.00	Cr\$ 614.00

Para outras informações, os interessados poderão dirigir-se à Agência D. Pedro II, diretamente ou pelos telefones: 43-2000 e 43-3360. Nas seguintes Agências: Roosevelt telefone 9-2939 e Belo Horizonte telefone 2-7950 e 2-7267.

A Administração da Central do Brasil, empenhada no aperfeiçoamento dos serviços, comunica ao público em geral, especialmente aos viajantes e Lavouros, que acaba de criar trens rápidos diretos entre Rio de Janeiro e São Paulo, Rio-São Paulo, Rio-Juiz de Fora, Belo Horizonte e Barbacena, para atender seus inúmeros clientes, que o têm distinguido por sua preferência.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

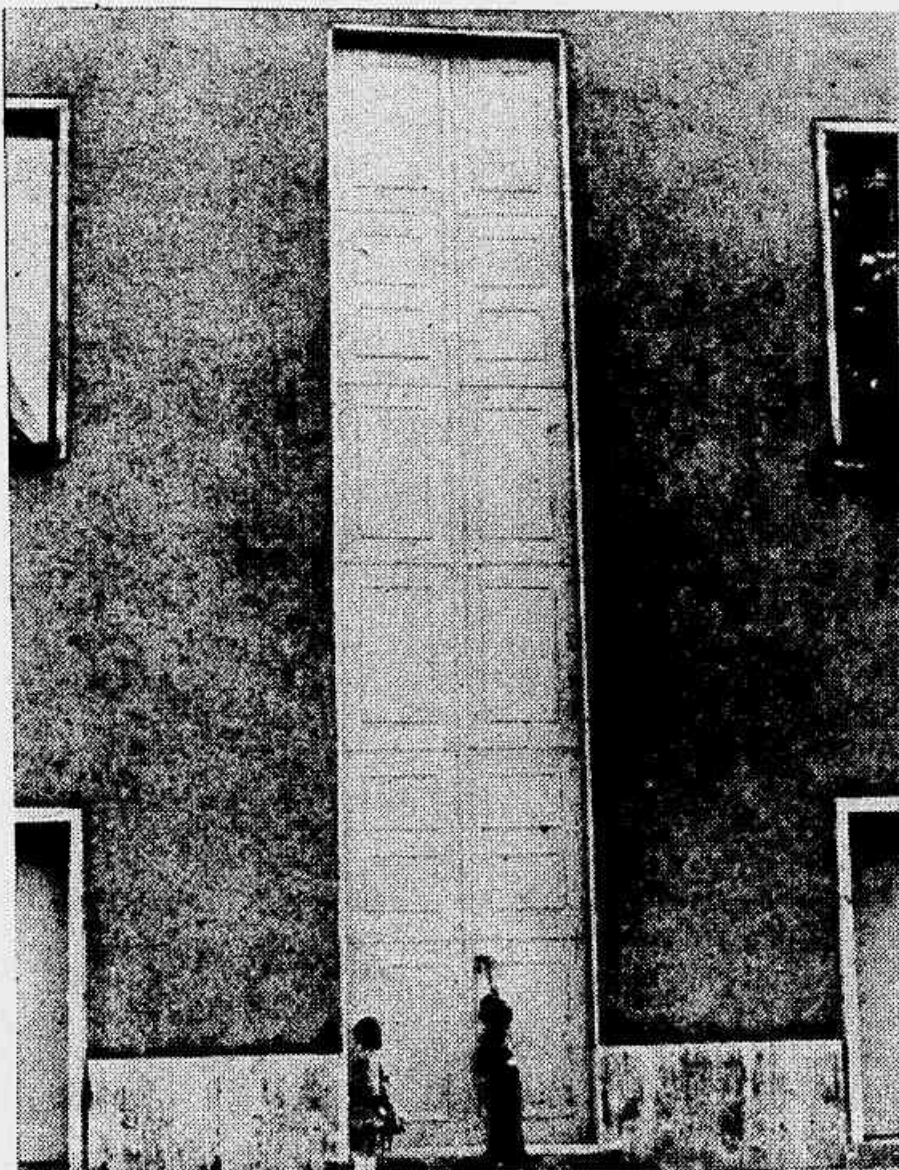


MISS CINEMASCOPE — Esta jovem é Rosalba Nery, eleita Miss Cinemascope num concurso realizado na Itália. Sua distração predileta é colecionar coisas. Tem 17 anos, e já recebeu doze propostas para trabalhar em Hollywood, o que prova que êsses cavalheiros do cinema norte-americano não dormem no ponto.

PAI E FILHO DA MESMA ALTURA — O cavalheiro que segura a criança é Mario Spada, anão famoso que mede 1 metro e 20 centímetros. A criança é Maria Spada (sua filha) que aos sete dias de nascida mede 87 centímetros. Os médicos dizem que dentro de dois anos Maria estará mais alta que seu diminuto pai.



OS 21 ANOS DO DUQUE DE KENT — O famoso (e irrequieto) duque de Kent completou 21 anos. A data foi comemorada com uma festa no Castelo de Warming. Tôda a alta nobreza inglesa compareceu. Nesse dia o duque entrou para o célebre regimento «Grey Regiment».



A PORTA MAIS ALTA DO MUNDO — Vejam a altura descomunal desta porta. Dizem que é a mais alta do mundo. Pertence ao teatro Schiller e leva aos bastidores do teatro. Explicação: por esta porta passam os cenários, que assim não precisam ser desmontados.

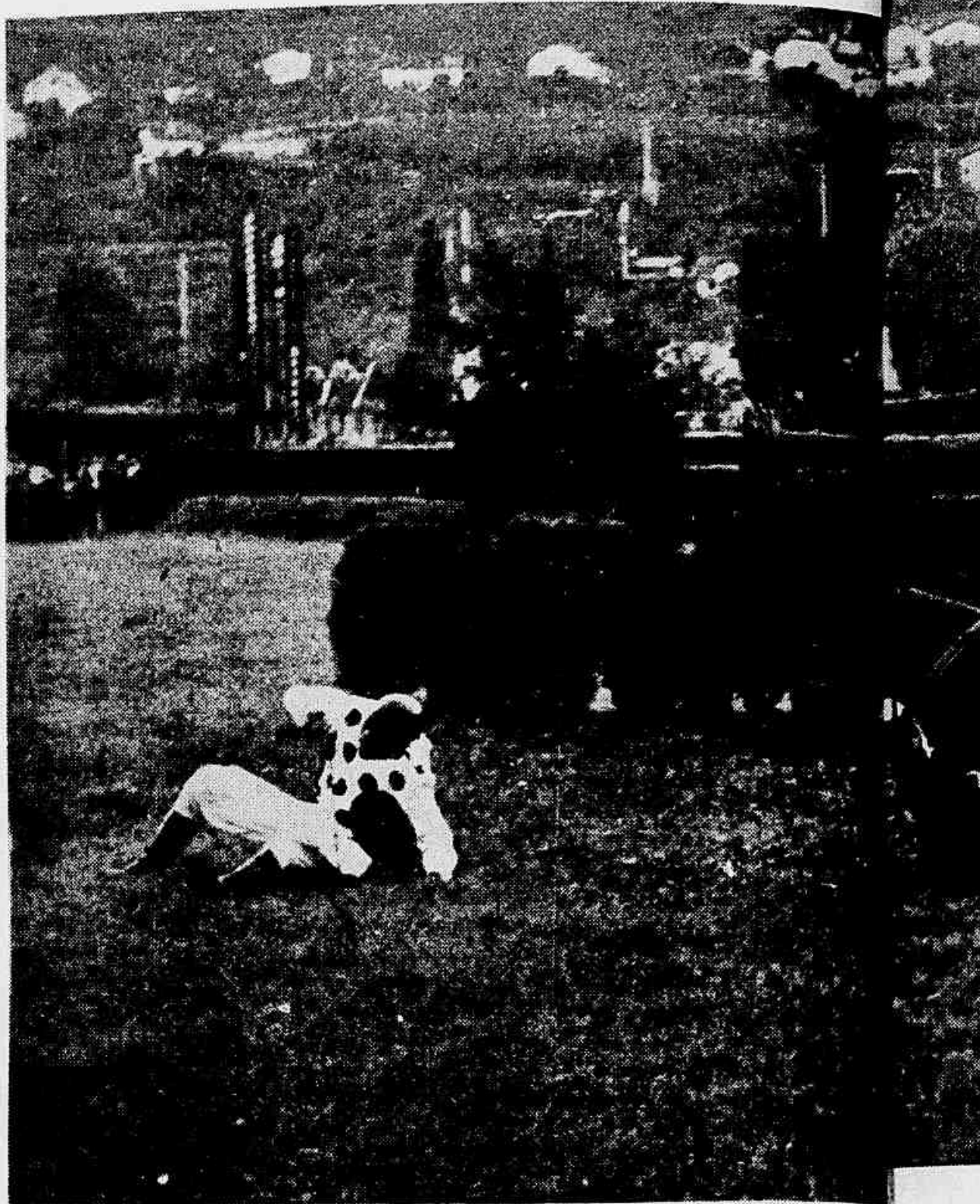


A BELA GENEVIEVE — Esta belíssima jovem que hoje é estrêla de cinema e de teatro na Europa teve um início de carreira curiosíssimo. Começou no rádio imitando o urro dos cavalos. Convenhamos que é um exagero do rádio europeu desperdiçar tanta beleza com vozes tão pouco poéticas. De qualquer maneira os produtores se rehabilitaram depois e aproveitaram melhor as evidentes qualidades de Genevieve.

KIM NOVAK SEM NOTÍCIA — Kim Novak, entra nesta página, por necessidade de paginação. Não sabemos nada de novo sobre ela, mas estamos convencidos que as reclamações não serão muitas e todos apreciarão nosso bom gosto.



LOLLOBRIGIDA JANTANDO SÒZINHA — Depois de meses de ausência Lollobrigida compareceu a uma «boite» em Roma. E o que é mais surpreendente: sòzinha. Seu fiel marido (e guarda costa feroz) não apareceu. Lollobrigida chegou, sentou, jantou, assistiu ao «show» e depois foi embora, sòzinha e satisfeita como quando ali havia entrado.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



UM TOMBO DE MILHÕES — No Grande Prêmio de Roma, o favorito absoluto das apostas, caiu, destruindo as esperanças (e o dinheiro) de milhares de turfistas. O favorito era o cavalo Peraldi (que caiu) e quem entrou em primeiro lugar foi a égua Catania.

O SORRISO DOS DUQUES — O duque e a duquesa de Windsor foram recepcionados num programa da televisão americana, intitulado «de pessoa a pessoa». Os duques fizeram muito sucesso. Como os duques são muito tímidos a transmissão do programa foi feita de um apartamento ultra secreto e privado do Waldorf Astoria Hotel.

HENRI FONDA EM ROMA — Depois de longa ausência Henri Fonda aparece em Roma. A ausência de Fonda da Itália coincidiu com seu desaparecimento das telas. Henri nunca escondeu a admiração que dedica a Itália. A seu lado a bela Aldera Francheti



VOU PROVAR QUE OS 5 DESERTOS SÃO APENAS 3 COMO AFIRMEI NA TV!

**113 CONCESSÕES DE PETRÓLEO NAS REGIÕES
QUE A TV CONSIDERA DESERTAS — MILHARES
DE HABITANTES — UM AVIÃO ESPECIAL PARA**

**A VIAGEM AO PERU — O PROFESSOR ESPERA
VOLTAR AO PROGRAMA «O CÉU É O LIMITE» E
EM CASO CONTRÁRIO RECORRERÁ A JUSTIÇA**

Reportagem de LUIZ MORENO

★ Rumo aos arredores da cidade de Lima, capital do Peru, deixou o Rio, apressada e secretamente, o famoso professor Otávio de Medeiros, que se celebrizou há pouco, causando viva comoção à população carioca, ao responder perguntas sobre geografia, num programa de televisão desta capital.

PROVAS «APLASTANTES»

— Vou, pessoalmente, coligar provas «aplastantes» de que os tais desertos de TUMEZ e SECHURA deixaram de ser desertos há mais de meio século, e que hoje se transformaram em povoadíssimas regiões, onde nada menos de 113 concessões petrolíferas se atropelam em busca do «ouro negro» em seu subsolo!

Como se sabe, o professor Medeiros vinha respondendo acertadamente às perguntas que lhe eram formuladas sobre a matéria em que se especializou, ganhando sucessivamente todos os prêmios em dinheiro, cujo valor aumentava semanalmente. Quando, porém, lhe pediram para mencionar os «5 desertos do globo», o «velhinho da geografia» só soube indicar 3 deles — deixando, por isso, de ganhar a importância de 400.000 cruzeiros.

«ABSOLUTAMENTE CERTO, ESTOU EU!»

— Vou provar que quem está «absolutamente certo» sou eu! Percorrerei toda a região, filmando, fotografando e, se possível, gravando em fita o ruído de todo o formigueiro humano que povoa hoje o «deserto» de dona Helena Rubinstein, do «O Céu é o Limite».

Explica o prof. Medeiros que dos entendimentos já havidos com a Sociedade de Geografia de Lima, e com o Instituto Geográfico e Militar do Peru, ficou constatada a veracidade das informações que chegaram ao seu conhecimento.

— Mas, isso para mim não basta! Quero ver com meus próprios

olhos e trazer as provas de que necessito para depois então agir em defesa de meus direitos.

AVIÃO ESPECIAL DA «PETROLEUM INTERNATIONAL Cº»

— Para isso já foi pôsto à minha disposição um avião especial da «Petroleum International Company», uma das muitas concessionárias dos poços petrolíferos de Tumez e Sechura, e na volta, então, veremos o que irá acontecer...

Conta o professor Otávio que logo que «esfriou a cabeça», depois do assédio da imprensa, do rádio, e da televisão (num só dia concedeu 18 entrevistas e gravou para 8 estações de rádio) — «começou a matutar sobre o caso»:

— Minha primeira providência foi consultar algumas obras especializadas, que só fui encontrar mesmo na biblioteca da Embaixada daquele país amigo. Fiquei convencido, então, que a pessoa a quem os patrocinadores do programa «O Céu é o Limite» confiaram para formular a pergunta cuja resposta foi considerada errada, valera-se de um obsoleto atlas de Aguillar ou de Monteiro, que são os dois únicos a considerar «desertos» aquela povoada região do Peru.

POPULARIDADE E POLITICA

Frisa o «velhinho da Geografia» que a sua popularidade continua a se manter firme, e que cada vez que vai à cidade, formam fila os automóveis que lhe disputam a «carona»:

E há também os oferecimentos dos partidos políticos para que me candidate à vereança nas próximas eleições... Dizem todos que é «uma barbada», embora eu ainda não tivesse tempo para pensar no assunto.

E finaliza:

— O que me preocupa, no momento, é tirar a limpo a questão dos «desertos» de dona Helena. Na volta, veremos então... Procure-me que vou voltar com a «bomba»...





Aspecto do coquetel realizado na Maison de France.

INDUSTRIAIS SUECOS RECEPCIONADOS NA MAISON DE FRANCE

◆ Por iniciativa da Companhia T. Janér Comércio e Indústria realizou-se recentemente na Maison de France, à Avenida Antônio Carlos, 58, nesta capital, um coquetel oferecido aos srs. Helge Wahren e Ingvar Grotte, diretores da Holmens Bruks och Fabriks A.A. e Svenska Cellulosa A.B., fábricas suecas de papel de imprensa. A recepção estiveram presentes numerosas personalidades do meio industrial brasileiro, bem como representantes da imprensa, etc.



O sr. H. Janér palestra com os visitantes suecos.

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO

A Europa está apavorada com a guerra. Capitais e pessoas sonham em mudar para o Brasil.

★

O culto a James Dean invade furiosamente a Europa. Meninas, mocinhas, moças, mulheres de todas as idades se apaixonam por James Dean depois de morto.

★

«Lucki» Luciano, o famoso «gangster» expulso dos E.E.U.U., está envolvido num processo de calúnia na Itália.

★

Judy Garland foi hóspede dos Duques de Windsor. Por causa disso deixou de ser citada na coluna de Elza Maxwell.

★

O rei da Iugoslávia (Pedro) não conseguiu sucesso com suas memórias recentemente publicadas em Londres.

★

Totó, o famoso comico italiano trocou o cinema pelo teatro de revista. Há alguns anos Totó fizera a troca inversa.

★

O ex-Rei Faruk já está desiludido de todos os sistemas de emagrecimento. Tentou tudo e não emagreceu 1 quilo. Dizem seus íntimos que ele vai tentar agora a cura pelo «Rock and Roll», que é a última moda na Europa.

★

Dick Haymes, último marido de Rita Hayworth, vai casar novamente.

★

Elizabeth Taylor vai passar uma semana em Roma. Há 24 anos que a bela estrela não vai à Itália.

★

A revista italiana «Tempo» está obtendo sucesso com a publicação das memórias de Vittorio Emanuele. O antigo rei da Itália deixou suas memórias com a seguinte advertência logo na primeira página: «escritas para não serem publicadas».

★

Por causa de Di Stefano (considerado o maior e o mais caro jogador de futebol de todos os tempos), os espanhóis reformaram uma lei.

★

O famoso capitão Townsend (que alguns círculos londrinos ainda esperam ver casado com a princesa Margaret), continua sua volta ao mundo.

★

Sartre, conta aos amigos que surpreendeu o seguinte diálogo telefônico: «Alô. E' você, seu grande imbecil». — «Não. Sou seu criado de quarto». Não quis citar os personagens.

★

Ugo Fregonese, o diretor ítalo-argentino, vai filmar «Don Quixote». Gari Cooper será Don Quixote e Lou Costello, Sancho Pança.

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M.A. BIEV

Desenho de RAMÓN

Especial para a «Revista da Semana» — Copyright Keystone e Pierre Horay — (Conclusão)

SERÃO necessários cento e vinte aviões pesados para conduzir o pessoal e o material ao local indicado. Tudo se acha pronto em princípios do mês de agosto. A Bomba de Hidrogênio deve explodir no dia 8 de agosto, no momento mesmo em que Malenkov falará ante o Soviet Supremo sobre o imperialismo americano e o seu monopólio atômico.

Mas, no dia 4 de agosto, o Serviço Meteorológico Siberiano prevê que os ventos soprarão do sudoeste. As nuvens radioativas poderão cobrir a região mais populosa de Tobolski. Malenkov renuncia ao seu lance de alta dramaticidade. É verdade que ele poderá assistir pessoalmente à experiência. E no dia 11 de agosto ele levanta vôo juntamente com Molotov e Crutchov em direção de Turchanski.

12. de agosto de 1953. A cabine de controle foi estabelecida em Bolshoi-Vodolpad, grande queda d'água a pequena distância da embocadura do rio Podporochnaia, no Tunguska inferior. Ela encontra-se a cerca de 100 quilômetros do local da explosão. Estabeleceram ainda três postos de observação distantes de 35 a 60 quilômetros.

Exceção feita dos grandes personagens do Kremlin, quase todos os membros do Politburo estão presentes. Eis aqui Piotr Kapitza. Está sozinho, como de costume. São 8 horas e 50 minutos. Anuncia-se que toda a região está deserta de homens num raio de 90 quilômetros.

Entretanto, Malichev enviou um esquadrão de vinte helicópteros e dez sirenes para passar pelo distrito apenas termine a experiência.

8 horas e 55 minutos. Reina um silêncio de morte. 8 horas e 58 minutos. Malenkov olha para Kapitza que está pálido de medo.

Deu-se o esperado contato. Desencadeia-se um verdadeiro inferno sobre a terra. Piotr Kapitza conserva-se imóvel. Ele não viu os outros recuarem diante daquele fenômeno monstruoso que acabava de se manifestar. Seus dedos se crispam sobre o cachimbo apagado — e com tanta força que as juntas ficavam brancas. Grossas gotas de suor escorrem-lhe pela frente. Tem o rosto pálido. Julga-se ver a cabeça de um morto...

Mas logo se recompõe. A cor retorna ao seu rosto. Os olhos não exprimem mais que o interesse do sábio... por aquilo que é sua criação. Dois dos três pontos de observação foram recobertos pelo gigantesco cogumelo, assim como o barco «Amos», que navegava a trinta quilômetros do Centro de Controle, ou seja, a mais de 70 quilômetros do local de explosão. A operação maior estava concluída. Mais tarde, seis nômades são encontrados mortos por efeito da radioatividade. Essas são as vítimas oferecidas em holocausto à bomba de Piotr Kapitza — a bomba de Satã.

O PECADO MORTAL DE KAPITZA

Kapitza pecou porque se arrogou o direito de pôr os homens no bom caminho, coisa que somente Deus e sua Santa Igreja têm o direito de fazer! Assim, o Santo-Sínodo do império russo justifica a excomunhão com o apoio aparente de Leon Tolstoi. Encontram-se poucos conceitos tão opostos como os de Leon Tolstoi e os de Kapitza. Ainda que Kapitza admire profundamente o famoso romancista, os dois são antípodas, quer pelos modos de ser, quer pelas ações. Entretanto, têm o mesmo destino. Isto Kapitza tem sempre presente no espírito. E talvez seja este fato

que o retenha na Rússia. Em todo caso, é essencial saber-se as razões da falha de Kapitza, daquilo que, na Rússia, chama-se traição.

Aqui surge um terceiro personagem, um cúmplice...

Na primavera de 1943, Jacob Souritz e Kapitza encontram-se frequentemente. Os dois jogam xadrez, bridge, bilhar, e passam por grandes conhecedores de Shakespeare e Milton. Em Souritz Kapitza encontra um poliglota que estudou ciências naturais. Essas relações provavelmente despertam suspeitas, mas não se sabe de coisa alguma. Kapitza está numa fase avançada das pesquisas. Os regimes da «fissão» e da «fusão» estão agora, no domínio puramente experimental. Já se construiu alguns ciclotrons e o «neutron», obra de Kapitza e de Mekser está para ser terminado. Prevê-se num futuro próximo, a explosão de laboratório. Brevemente serão dados os últimos retoques. Ao mesmo tempo, Kapitza está muito bem informado sobre o que ocorre nos Estados Unidos. Ele está ao corrente dos sucessos e das dificuldades de Oppenheimer. Mais tarde, segundo se diz, Kapitza ficou admirado pelo fato de que a bomba atômica não foi empregada entre fins de 1944 e 1945, contra a Alemanha.

Ele sabe tudo isto. E vê a coisa engrossar, amadurecer. Seus escrúpulos, que exprime em carta a Einstein e que nunca o abandonara, acentuam-se mais ainda, com o sucesso obtido por Oppenheimer, em fevereiro de 1943, quando este demonstra que a bomba atômica é apenas uma questão de tempo. Então, Kapitza propõe uma demarche que se poderia julgar ingênua, utópica. Mesmo que os seus colegas americanos aceitassem a sua proposta, é evidente que os serviços de segurança torpedeariam o empreendimento, de ambos os lados. É preciso atingir esta meta, e Kapitza segue o único caminho que encontra aberto.

Estabelece seus planos: escreve aos seus colegas ocidentais, convida-os para um encontro em solo neutro — um país latino, talvez a fim de evitar todos os ressentimentos. Seu propósito é matar, liquidar definitivamente esta luta feroz, em suma, paralisar a corrida armamentista. Por que será impossível? E para concretizar os seus desígnios, não recuará diante de nada.

CULPAVEL PELA CORAGEM

Assim pensa Kapitza ao estabelecer seu plano aparentemente tão simples. Ele passa em revista os seus colegas estrangeiros. A quem escreverá ele? A Oppenheimer, de preferência, porque este ocupa uma posição chave nos E.E.U.U., a mesma de Kapitza na Rússia. A Isidoro Rabi, que Einstein tem em grande conta? E os velhos colegas de Rutherford na Inglaterra, no Canadá e na Austrália. Esses também sentem escrúpulos do mesmo modo que Rabi e Oppenheimer. E os alemães? Max Planck está em primeiro lugar, naturalmente; mas seus oitenta e cinco anos de idade não permitem que o sábio faça uma longa viagem.

É devidamente a um russo que ele se dirige em primeiro lugar. Mais ainda: de todos os russos, Kapitza é o único que pode agir. Desde o fim de janeiro de 1943 sabe-se que o enviado extraordinário do Kremlin a Washington, Maximo Litvinov, será substituído mais tarde, no outono. Fala-se que quem vai substituí-lo é Troianovski, Jakov Souritz ou Molotov.

(Continua na página 58)



FORTUNA (and Power Company) **APRESENTA**

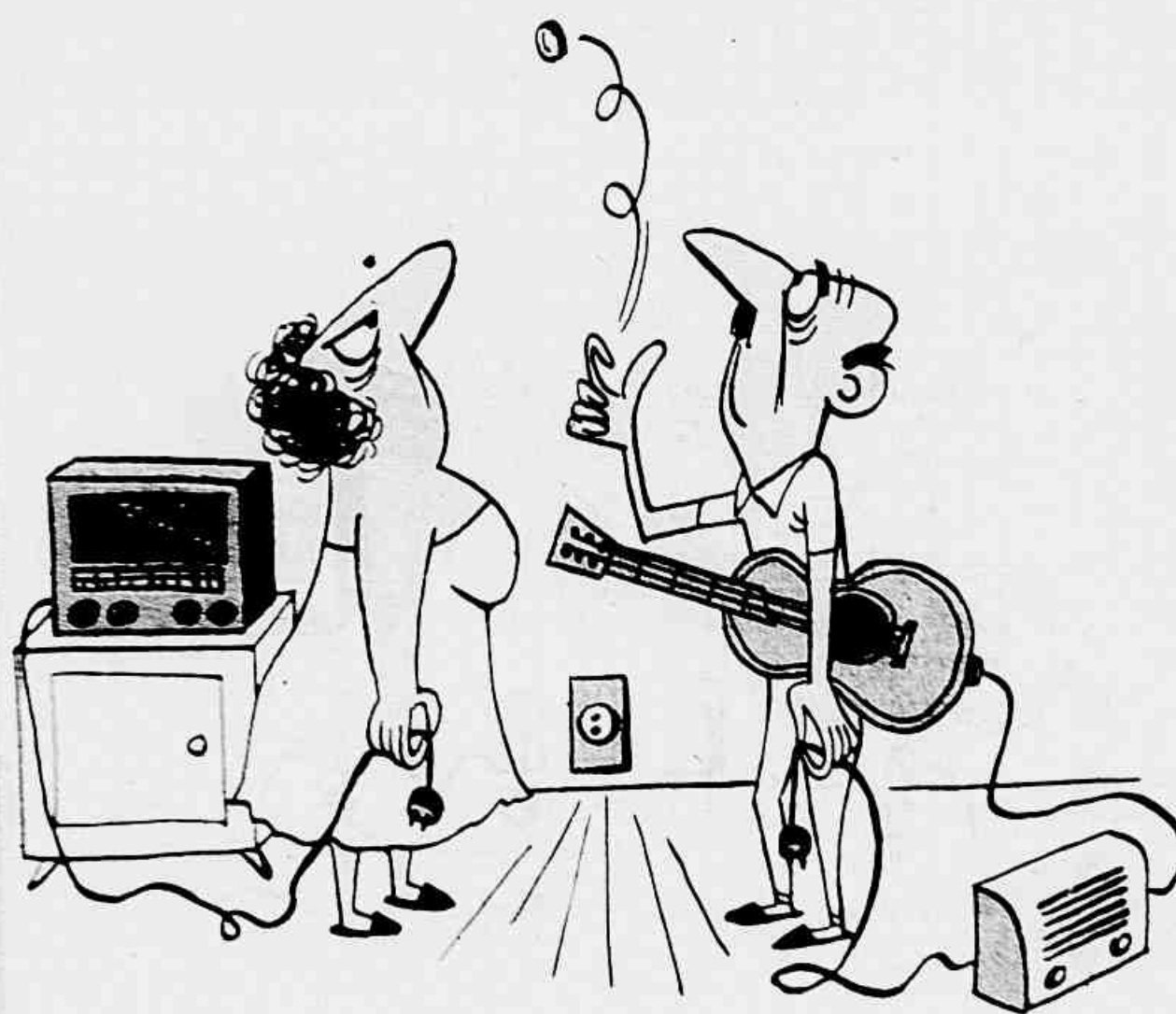
VIOLÕES EM KILOWATTS



ONTEM



HOJE





— «Rock and Roll»?
— Não: violão elétrico.



— Olha só a conta da luz Você não podia pelo menos tocar em fá menor?





CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

★ As 10 horas — se tiver fome, coma uma fruta ou um pouco de cenoura ralada com limão.

★ Almoço — Coma: ovo duro, presunto, ou um bife de chapa (sem gordura), alguns legumes frescos. Pode substituir a carne por um pouco de queijo magro (de Minas) para variar. Não beba líquido durante a refeição, porém, duas horas depois.

★ Lanche — Um chá sem açúcar, ou suco de frutas, alguns biscoitos ou torradas sem manteiga.

★ Jantar — Carne grelhada, salada, frutas frescas.

★ Antes de ir para a cama beba um copo d'água fria, com um pouco de limão se preferir.

★ Siga esse regime durante um mês que o seu organismo se desintoxicará e sua silhueta há de melhorar, certamente.

CAMINHE NAS PONTAS DOS PÉS

★ São tantos os exercícios de ginástica aconselhados para "tirar a barriga" que você pode escolher o de sua preferência. O principal é executá-lo diariamente, com regularidade para obter resultado satisfatório.

CUIDE DE SUA «SILHUETA». — Se as saias rodadas exigem a cintura fina, os vestidos e saias justos não admitem o ventre «saliente». Faça ginástica, faça regime, mas, o principal é que tenha «persistência». (Na foto: Carol Olimart — Paramount).

Sua "linha" no verão

★ Se você gosta de usar vestidos com muita roda, preste atenção especial à conservação de uma cintura delgada. Sei que saias franzidas ou pregueadas são as preferidas nos modelos de verão, pois rejuvenescem a silhueta e combinam com as sandálias abertas, mais confortáveis que sapatos de saltos.

★ Para conservar a silhueta, e a cintura sempre fina, experimente fazer um regime alimentar substancioso, mas com poucas calorias.

★ Pela manhã — Tome um copo de caldo de frutas e coma alguns biscoitos, sem manteiga.

★ Caminhar nas pontas dos pés, por exemplo, é ótimo. Caminhe cinco minutos, todas as manhãs no seu quarto, assim, que há de sentir algum resultado após quinze dias. Contraia bem os músculos do abdome.

★ Complete o tratamento, para tirar a barriga, evitando comer massas e muito pão.

★ ESTÃO DIMINUINDO AS LOURAS ?

Um estudioso de problemas raciais fez a seguinte revelação surpreendente: as loiras estão condenadas a desaparecer da superfície da terra. São mais frágeis do que as morenas e mais sujeitas a diversas doenças, por terem o organismo mais delicado. Pode-se prever que — doqui a um tempo relativamente longo, é verdade — só existirão morenas. O tal sábio prova o que diz: na Inglaterra, onde há sessenta anos havia 65 loiras em 100 mulheres, existem hoje só 25; nos países nórdicos diminuíram de 20 por cento, nesses últimos sessenta anos. Porém, o que o sábio não previu, é que loiras sempre hão de existir, se não autênticas, pelo menos «oxigenadas», já que, como diz um romancista célebre «os homens preferem as loiras».

★ OS DOIS MAIORES DESEJOS DA PRINCESA

E' bem verdade que desejamos sempre aquilo que não temos ou que não podemos fazer. A maioria das mulheres naturalmente ficará admirada ao saber quais as coisas que a Princesa Margaret, da Inglaterra, gostaria de fazer, exatamente porque não as faz. O «segrêdo» foi revelado por uma amiga íntima da princesa, e contado a um repórter britânico. Lá vai: lavar pratos e abrir, com as próprias mãos, uma garrafa de champanha. Só mesmo uma princesa poderia desejar lavar pratos!



SUGESTÃO PARA O LAR

Uma idéia interessante para um recanto de seu apartamento: uma cama-divã, forrada de xadrez, com almofadas iguais; ao lado, a mesinha para o rádio, revistas e cinzeiros. Na parede, sobre a cama-divã um armário fechado, com diversas portas independentes como se usa para armários de cozinha tipo americano. Apenas, aqui o revestimento é de fórmica colorida, com puxadores negros, quadrados. Sobre os armáriozinhos lugar para longa fila de livros. Completam a decoração bonitos pratos, de porcelana pintada a mão, na parede.



WEEK-END NA COZINHA

◆ Aprenda a fazer estas «trouxinhas» de massa. Poderá recheá-las à vontade, com carne, com legumes, com ovos picados, ou com doces e geléias. Poderá aproveitar, assim, sobras de galinha, de presunto ou de doces de lata.

Para 8 «trouxinhas», a receita é a seguinte:

1 — Peneire na tábuca de amassar ou mármore 250 gramas de farinha de trigo, com 1 pitadinha de sal. Junte 125 gramas de manteiga e amasse, pondo aos poucos um pouco d'água, até obter uma massa como para torta. Não amasse muito. Faça uma bola, enrole-a num guardanapo e deixe descansar meia-hora.

2 — Com o rôlo de abrir massa, abra-a até uma espessura de pouco menos de meio centímetro. Corte com a carretilha oito quadrados. Depois, das pontas que sobram, corte mais 8 círculos, de, mais ou menos, 2 centímetros.

3 — Ponha o recheio escolhido no centro de cada quadrado de massa. Vire as pontas, de maneira que se cruzem um pouco na junção. Ponha sobre as pontas um círculo de massa.

4 — Pincele as trouxinhas com gema de ovo. Asse em forno moderado, perto de meia hora. Se o recheio for salgado, sirva bem quente. Com recheios doces, pode esperar que esfriem.

NOTINHAS ÚTEIS

Escolha cores claras para as paredes, tapetes e cortinas de suas salas e quartos, se quer dar a impressão de que são maiores. As cores escuras, ao contrário, têm a propriedade de fazê-los parecer menores.

Se quer dar um gosto diferente à carne assada, polvilhe-a com um pouquinho de noz-moscada, depois de tê-la refogado bem. Fica uma maravilha!

Se você tem convidados e o cheiro do que se prepara na cozinha invadiu a sala, ferva um pouco de vinagre numa panela destampada que o cheiro forte de comida desaparecerá.

Para que as panelas de alumínio fiquem perfeitamente limpas por dentro — sem que você tenha muito trabalho para areá-las — encha-as com água, ponha uma colher das de chá de cremor de tártaro e deixe ferver. Ficarão como novas.

Quando os pregadores de roupa estiverem deixando marcar, por estarem já envelhecidos, o melhor que você tem a fazer é deixá-los de molho em água com um pouco de água sanitária.

Se os sapatos apanharam chuva, e depois de secar endureceram, esfregue-os com um pouco de glicerina ou de óleo de ricino, que o couro voltará a ficar macio. Deixe passar alguns dias, e engraxe-os, que ficarão novos outra vez.



Grand Monde internacional



Mike Todd, depois de um pedido de sua Liz Taylor, deixou de fumar charutos.

Infelizmente este colunista não poderá participar da festa «Noite no Rio» que se realizará no próximo dia 10 de dezembro em Nova York. Motivo: são «business» que não permitem que eu me afaste do Rio. Aliás estou sendo informado que pouca gente do nosso «high-society» participará dessa comentada festa. Até mesmo para a realização do «show», os organizadores desse acontecimento estão encontrando dificuldade em levar artistas de categoria. ♦ Parece que o Rei Hussien da Jordânia vai se divorciar da Rainha Dina, que é alguns anos mais velha do que o jovem Rei. Depois de divorciado o Rei Hussien deverá casar-se com a jovem Flávia Tesio. ♦ Algumas colunas cariocas confirmaram a «preview» que dei sobre o motivo que levou os marqueses de Portago a desistirem do divórcio. Agora, estou informado através de meu «gabinete social», que a marquesa (née Carol McDaniels) caminha para figurar na PRATELEIRA.

Pois o milionário americano que ela tinha como «date» não está mais interessado no caso. O mesmo acontece com o próprio marquês, que não deseja mais contacto com ela. ♦ Parece que ficou «gélido» o romance de Henry Fonda com a baronesa Aldera Franchetti. ♦ Mary Martin é atualmente em Nova York a artista mais bem paga na TV. Mary recebe 500.000 para cada meia dúzia de «shows».

★ **COM OS AVELAR** — Na noite de sexta-feira, o sr. e sra. Julio Avelar receberam figuras do «Society» carioca para um «souper» comemorando o noivado do nosso conhecido Albino Avelar com a bonita Maria Laura Duarte. Neste acontecimento no bonito apartamento do casal Avelar, predominou o jovem «High-Society» carioca. Naquela noite vi que as famílias Avelar e Duarte, estavam realmente felizes por terem selado com alianças e tudo o compromisso de noivado de seus filhos Maria Laura e Albino. Este colunista que há mais de três meses havia previsto tudo isso, foi cumprimentado por ambas as famílias. Daqui desejo toneladas de felicidades para os jovens noivos.

★ **Chegará esta semana ao Rio, a jovem senhora Gray Lefer, pertencente ao «High-Society» de S. Paulo.**

★ **Na noite de domingo realizou-se nos salões do Hotel Glória, um concorrido jantar em que o «Club do Eça», comemorou o 111º aniversário do famoso romancista português.**

★ **No dia 22 do mês que passou aconteceu a «mudança de idade» do Presidente do Banco do Brasil, sr. Sebastião Paes de Almeida. O sr. Paes de Almeida «decolou»**

Pequenos Flashes



A muito conhecida senhora Bia Coutinho, que na outra semana teve a sua «mudança de idade» (em São Paulo), conversa com o colunista Tavares (a vedette) de Miranda.

para S. Paulo, onde com sua família comemorou o acontecimento.

★ **O último «Week-end» em Guarujá, esteve muito concorrido. Entre as figuras do**

Vai estourar um escândalo no «café society».-grandes figuras estão envolvidas.

Gossips

Confidencialmente: Estou sendo informado que o «date» preferido do sr. Toninho Araújo, é a conhecida Gilda Joppert da Silva. Mas na noite da festa da «glamour», Toninho estava abraçadinho com a Zaida Saldanha, e a Gilda dançava rindo com todo mundo. ♦ Homero Lopes, jantara outra noite na boite «Fiesta», numa mesa de fundo em companhia de determinada jovem ainda não catalogada nas colunas sociais. ♦ Ricardinho Fazanelo, famoso pela sua herança, pelos seus romances e pelo seu tipo diferente, não tem sido visto em companhia de nenhuma beldade. ♦ A bonita Mary Spitzman Jordan, reatou seu romance com o sr. Cezar Thedim. Pois ultimamente os dois tem sido visto juntos, inclusive na festa da «glamour». ♦ De «preview» para vocês: o sr. Flávio Ramos e sua bonita esposa Sônia Moura Ramos, que há alguns meses estão separados, tratam da reconciliação. ♦ Bonita e com uma classe realmente «suspense», esteve no Rio a paulista Lorice Maluf. ♦ O famoso sr. Harry Stone, mudando mais de «dates» do que o ex-«play-boy» Porfírio Rubirosa. ♦ Raquel dos Santos Jacinto, depois de seu romance com o sr. Ricardinho Fazanelo, ainda não estreou nenhum «date». Até quando, Raquel? ♦ Baby Thomas, informa do planalto, que se encontra enferma. Por isso esta semana não tem notícias de «Gossips».



O sr. Albino Avelar, com sua bonita noiva, Maria Laura Duarte.

Planalto presentes, estava o jovem casal José Henrique Turner.

★ **A muito conhecida senhora Bia Coutinho do «High-Society» de S. Paulo, teve sua «mudança-de-idade» comemorada na noite do dia 24 no Oásis. Foi uma «soirée-snob» de «black-tie» organizada pelas senhoras Tânia Kovarik e May Lara Campos.**

★ **No último «Week-end» esteve no Rio o casal Horácio Láfer. O sr. Láfer ex-ministro da Fazenda, e um dos maiores financistas do país, deverá ocupar um dos principais ministérios na futura reforma ministerial.**

★ **O «FIESTA», funcionando de casa cheia apesar do pouco comparecimento ultimamente registrado nas noites cariocas. No «FIESTA» está um dos «maitres» de maior categoria do Rio, que é o «maitre» Costa, conhecido dos tempos do Vogue.**

★ **Na próxima semana vou promover um banho de verão aqui na minha piscina particular do Hotel Glória, com a presença de jovens beldades do «High-Society» carioca.**

Até a próxima.

LILIAN

É a nova "glamour" carioca

♦ LILIAN DE SOUZA CAMPOS — Foi escolhida por um júri do qual este colunista fez parte, a nova «GLAMOUR-GIRL» do «high-society» carioca. Antes do início dessa «soirée-snob» no «Golden» do velho Copa, comparecemos a um «party» com figuras exclusivas do nosso «high-society» no apartamento do casal Eduardo Duvivier. A minha amiga Léa, perfeita em receber, estava numa noite realmente feliz. No baile da «Glamour», uma jovem loura chamada Eloísa Dolabela e outra morena chamada Lilian de Souza Campos, eram as «vedettes». A primeira surgiu como candidata, embora contra sua vontade (pois não fazia parte da lista das «patronesses»), por exigência de certos colonistas, que nos últimos dias passaram a apontá-la como a futura «Glamour». Mas no final deixaram a bonita Helô entregue a própria sorte, e nada fizeram para lhe dar a vitória.

A segunda, filha do famoso e elegante Didu de Souza Campos (fazia parte da lista do programa de organizadores), teve sua candidatura apoiada por um forte grupo, e foi a vencedora. A bonita gaúcha Léa Pena, foi a surpresa da noite, aparecendo com uma beleza realmente «suspense», o que lhe valeu o segundo lugar.

A senhora Léa Affonseca Duvivier, a lançadora da festa «Glamour-Girl» no Brasil, e há vários anos sua grande e dedicada organizadora, foi mais uma vez muito feliz. A renda desse acontecimento reverteu em benefício do Serviço de Tuberculose do Patronato da Gávea.

(Fotos CARLOS)



A «beauty» Eloísa Dolabela em companhia do senhor Oscar Simon.



Jeff Thomas e a nova «Glamour-Girl» Lilian Souza Campos.



O «Embaixador de Hollywood no Brasil», Mr. Harry Stone com a «Glamour-Girl» de 55, srta. Rosinha Serzedelo Machado.

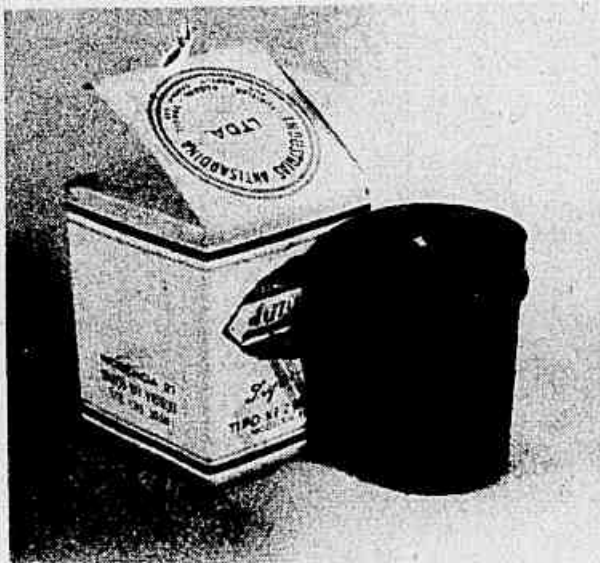


O sr. Ricardinho Fazanelo e a sra. Léa Duvivier e o cronista Antônio Maria, aguardam o resultado.



Sra. Lourdes Catão entre os senhores Carlos Eduardo de Souza Campos e o turfista e «gentleman» Pepe Caraballo.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



O ENIGMÁTICO KAPITZA

(Continuação da página 51)

Souritz e escolhido pelo Kremlin para ir ao local estudar o problema. Ele parte no dia 29 de março. E leva as cartas de Kapitza aos seus colegas estrangeiros. Passa pela Inglaterra. Teria entregue as cartas? É verdade: os relatórios americanos confirmam...

Durante o verão de 1943 sobrevém uma surpresa. Não é Troianovski quem substitui Litvinov. É André Gromvko, um desconhecido de trinta e quatro anos de idade. Não estaria ele admirado de ver um homem tão sem experiência ocupar um posto diplomático de tamanha importância no Ocidente? Para este enigma só há uma solução: Gromvko fez malograr o Plano Kapitza...

Como, então, explicar o fato de que Kapitza não tenha figurado na lista, tão longa, dos técnicos soviéticos que visitaram os Estados Unidos de 1943 a 1945?

Stalin tinha conhecimento da traição de Kapitza. Por que não o elimina? Ainda não é tempo. Ele pode esperar.

Kapitza vai ser destituído de todas as suas funções e de todos os seus privilégios. É o professor Ioffe quem o substituirá do ponto de vista de organização, enquanto a autoridade suprema será exercida pelo dr. Hertz, que chamaram da Alemanha.

Durante três anos Kapitza desempenha um papel apagado: encontra-se em disponibilidade. Ele continua a trabalhar no magnetismo, nas zonas vizinhas do zero absoluto e em seus isótopos, mas isto nada tem a ver com a «operação maior».

Stalin soube, assim, infligir-lhe a pena mais pesada. É como visitante, como espectador passivo que Kapitza assiste às experiências de Angara, em 1946.

Somente quando o Presidente Truman fez saber ao mundo que

havia dado instruções para a fabricação da Bomba de Hidrogênio é que se dá anistia a Kapitza, após uma insistente pressão de Ioffe e de Hertz que sabiam bem que, sem Kapitza, eles não chegariam o tempo, e que seriam necessários dois ou três anos para se poder replicar os Estados Unidos.

Dêsse modo, Kapitza é beneficiado por uma «anistia pessoal», após três anos de infortúnio.

A anistia, na Rússia, é uma espécie de «sursis». Para se perdoar é preciso que haja um princípio de recuperação. E mesmo para um Kapitza não haverá exceção.

O pecado de Leon Tolstoi residia no fato de que os poderosos do momento só não perdoam uma coisa: — A CORAGEM.

Kapitza cometeu este pecado. Piotr Kapitza, que conta atualmente sessenta anos de idade, é são e vigoroso: Ele pode viver ainda muito tempo... — FIM.

O VENTO

(Continuação da página 14)

Prisioneiro, abatido, ele se transfere para a zona da liberdade de onde vem o marulho noturno, o murmúrio intermitente das ondas. E ouve também uma cadência que se aproxima — o andar de Marilda, sempre harmonioso, proporcionado com os quadris e o torneado das pernas. Irrita-se consigo mesmo a esses pensamentos e as laudas datilografadas retesam-se em suas mãos agora enérgicas. Com a lapiseira dispõe-se a burlar a petição de desquite. Está em estilo sóbrio, direto, a seu gosto. Bem. Não precisa nenhuma alteração e resta apenas mostrá-la à esposa — assim tinha denominado Marilda muitas vezes no escritório — apor a assinatura de ambos, dar entrada em juízo.

Uma lufada investe mais forte pela sala. As folhas desprendem-se, espalham-se pelo chão, entre ele e Marilda que nem percebera — estava sentada na extremidade do sofá, quase diante de seus olhos. Curva-se rápido para apanhá-las e encontra a mão da mulher, solícita, gentil, perfeita. Seguram o mesmo papel, a petição judicial está aprisionada com brandura entre dedos que se reconhecem e estremecem um pouco nesse reconhecimento tímido. Os rostos, próximos, interrogam-se ainda que os olhos se evitem. E a aragem desfaz os cabelos da mulher, atira uma sedosa mecha sobre a testa do marido: uma carícia quase. Cada um adivinha o sorriso do outro, pressentem uma trégua que nenhum saberia dizer de onde nasce. Já não existe a irritação do calor, nem mesmo assim de joelhos e enlaçados o sentem. O silêncio se expande. Eles ignoram como erguer-se, pois a outra mão ainda sustém a folha.

O vento bate-lhes nas faces, tremulando o papel datilografado como a uma bandeirola branca — e a mostrar, pela janela, de que lado fica a liberdade do mar.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsão Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N.º

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88.00

FESTIVAL

Climax

Economize comprando agora, o seu refrigerador

Numa oferta especial de Festas, os revendedores dos Refrigeradores CLIMAX lançam o sensacional "**FESTIVAL CLIMAX**", vendendo, à vista, esse excelente refrigerador por apenas **cr\$ 17.415,00!** Aproveite agora essa oferta sem precedentes que vigorará **APENAS ATÉ O NATAL!**

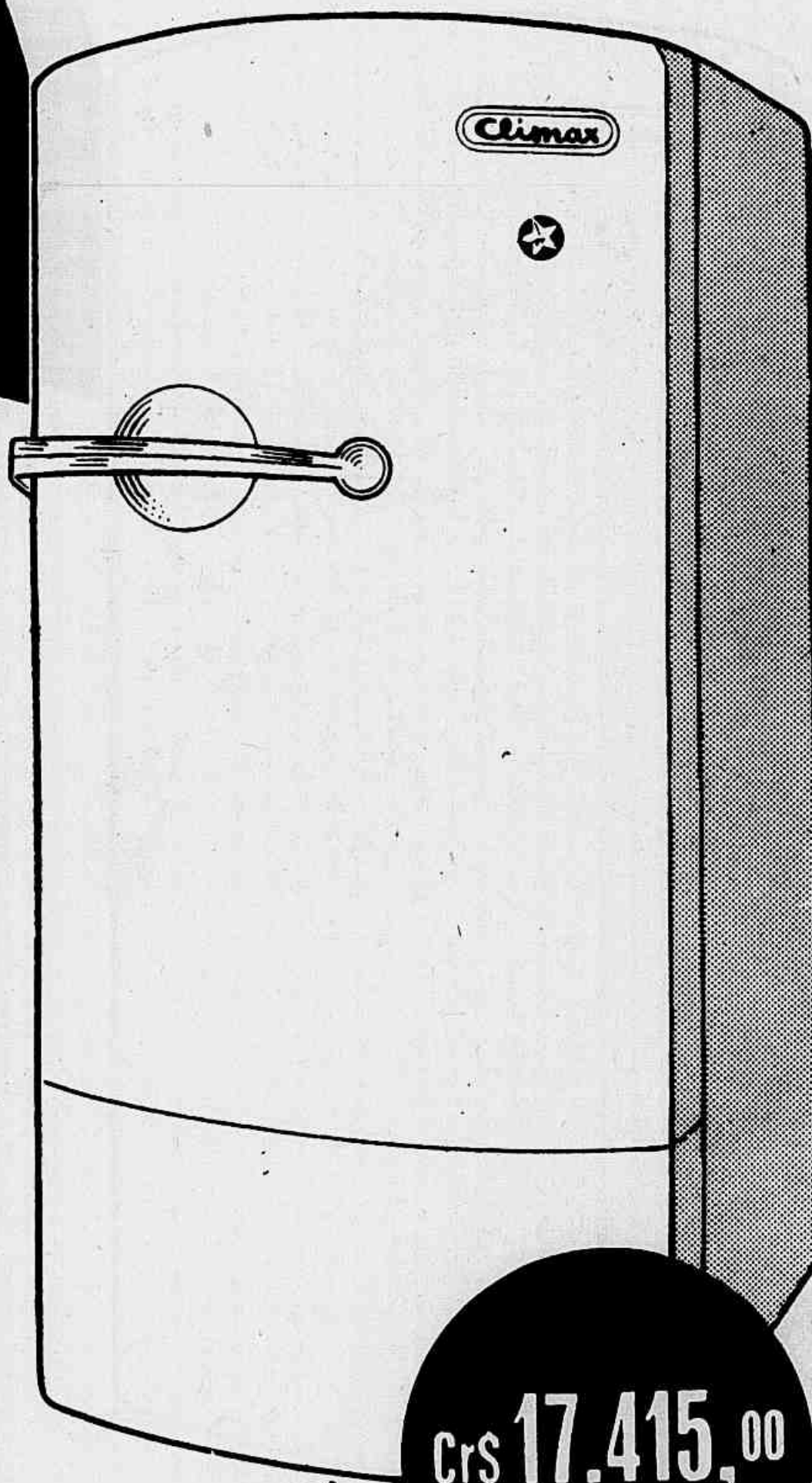
Fabricado e garantido pelas
INDÚSTRIAS PEREIRA LOPES S. A.

À VENDA NAS
BÔAS CASAS DO RAMO

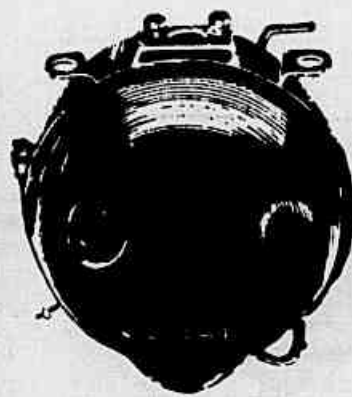
DISTRIBUIDORES
J. Isnard S.A.
(COMERCIO E INDUSTRIA)

Rua Buenos Aires, 113

**ORGANIZAÇÃO QUE RESPONDE
PELO QUE VENDE**



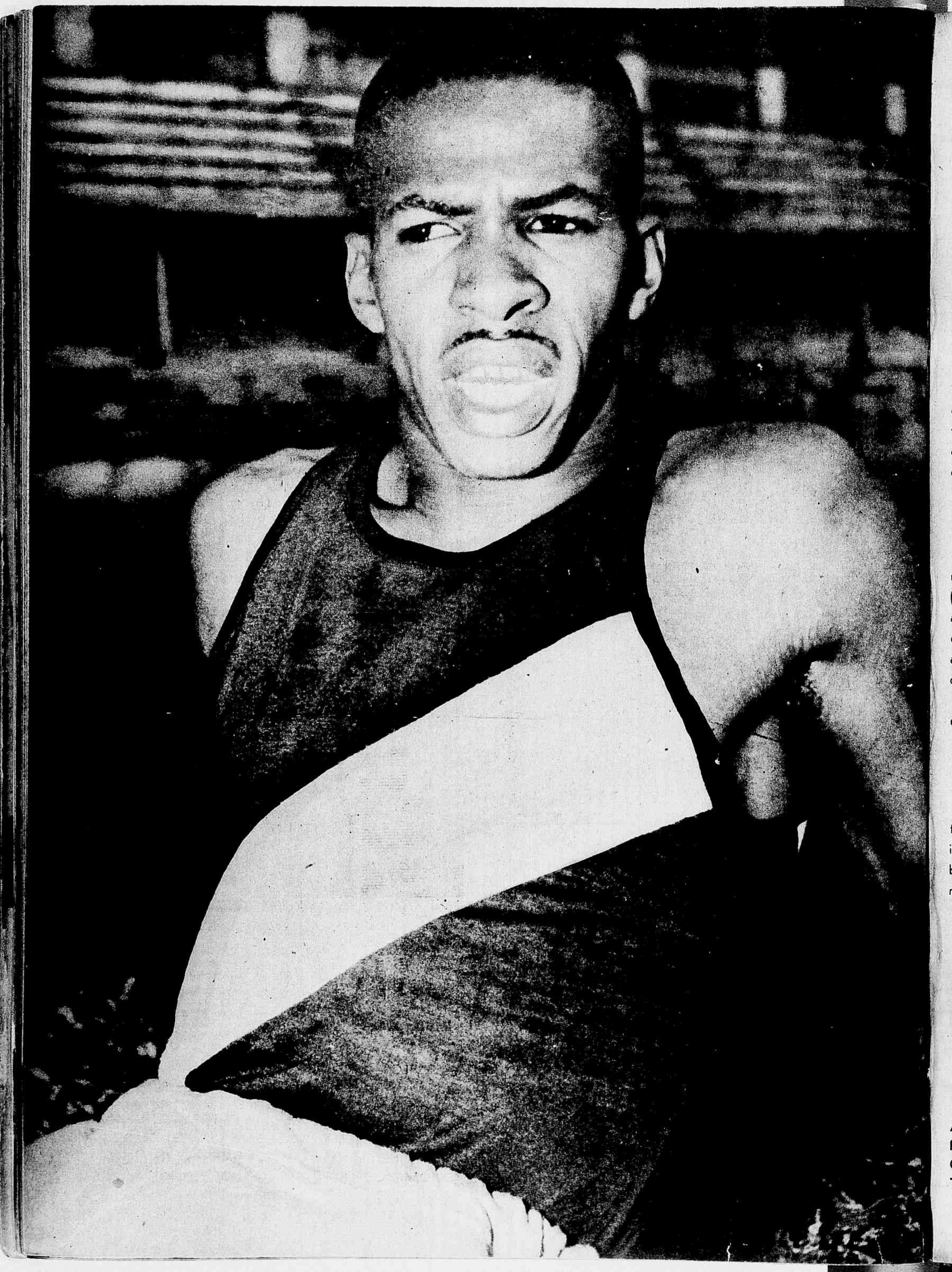
cr\$ 17.415,00
A VISTA



ESTÁ PROVADO, PELO TESTEMUNHO DOS TÉCNICOS E DE MILHARES DE FELIZES POSSUIDORES, QUE CLIMAX FUNCIONA TÃO BEM COMO O MELHOR REFRIGERADOR ESTRANGEIRO!



Exija o seu **CLIMAX** com a **ESTRELA DE PRATA**, galardão concedido pela Tecumseh Products Company, a maior fábrica de compressores do mundo, após ter submetido a severas provas o seu novo compressor Modelo P-91!



ORGULHOSO e satisfeito depois de ter conquistado o bicampeonato olímpico, Ademar declarou aos repórteres que poderia ter batido o seu próprio recorde mundial caso a pista estivesse em perfeitas condições.

Fumando o seu terceiro cigarro do dia, e conversando com os repórteres em francês, inglês e espanhol, Ademar deixava visivelmente transparecer a sua satisfação.

Tranquilo e quase indiferente à multidão de 100 mil pessoas que o aplaudia freneticamente, Ademar Ferreira da Silva encaminhou-se ao vestiário para receber as primeiras massagens.

O TRICAMPEONATO OLÍMPICO

Aos 29 anos Ademar levanta pela segunda vez seguida um título olímpico. E conversando com repórteres, 10 minutos depois de sua espetacular vitória, Ademar não considerou disparatada ou absurda a idéia de tentar o tricampeonato olímpico em 1960, quando estará com 33 anos. Ademar acabou sendo o único brasileiro a brilhar intensamente em Melbourne. Mas o clima tem sido acusado de sabotador das possibilidades brasileiras, pois tirou visivelmente a chance de muitos atletas.

ADEMAR QUASE NÃO IA A MELBOURNE

Ainda conversando com jornalistas estrangeiros Ademar fez uma revelação. Disse que quase não ia a Melbourne, pois suas ocupações (inclusive teatrais) não lhe deixavam tempo para treinar. Só um mês antes do embarque começou a cogitar seriamente da possibilidade de participar da olimpíada. Esperava que como em Helsinque seu adversário mais duro fosse o russo Cherbakov. Mas este não passou de um modesto 6º lugar.

Quem acabou assustando — disse Ademar — foi o japonês Kogake e o islandês Eirmason que fez magnífica exibição.

ESPANTADOS OS CRONISTAS COM ADEMAR

Os cronistas esportivos atualmente em Melbourne ficaram espantados com o desembaraço e os conhecimentos de Ademar que fala inglês, francês e espanhol com clareza e tranquilidade. Ficaram também entusiasmados ao saber que ele toca violão, e é ator e apaixonado de teatro.



ADEMAR BICAMPEÃO OLÍMPICO

Reportagem de AUGUSTO CARLOS

APESAR DA SUA VITÓRIA EM HELSINQUE EM 52 E DE SER CAMPEÃO MUNDIAL, ADEMAR NÃO ERA O FAVORITO — NOVO RECORDE OLÍMPICO: 16 METROS E 35 — O RECORDE ANTERIOR TAMBÉM PERTENCIA A ELE (EM HELSINQUE) COM 16 METROS

E 22 — ADEMAR SAIU DAQUI FORA DE FORMA, TEVE POUCO TEMPO PARA TREINAR, MAS GANHOU, DEMONSTRANDO UMA FIBRA INEXCEDIVEL — EM 60, VAI TENTAR O TRICAMPEONATO OLÍMPICO, FATO ÚNICO NO ESPORTE MUNDIAL.

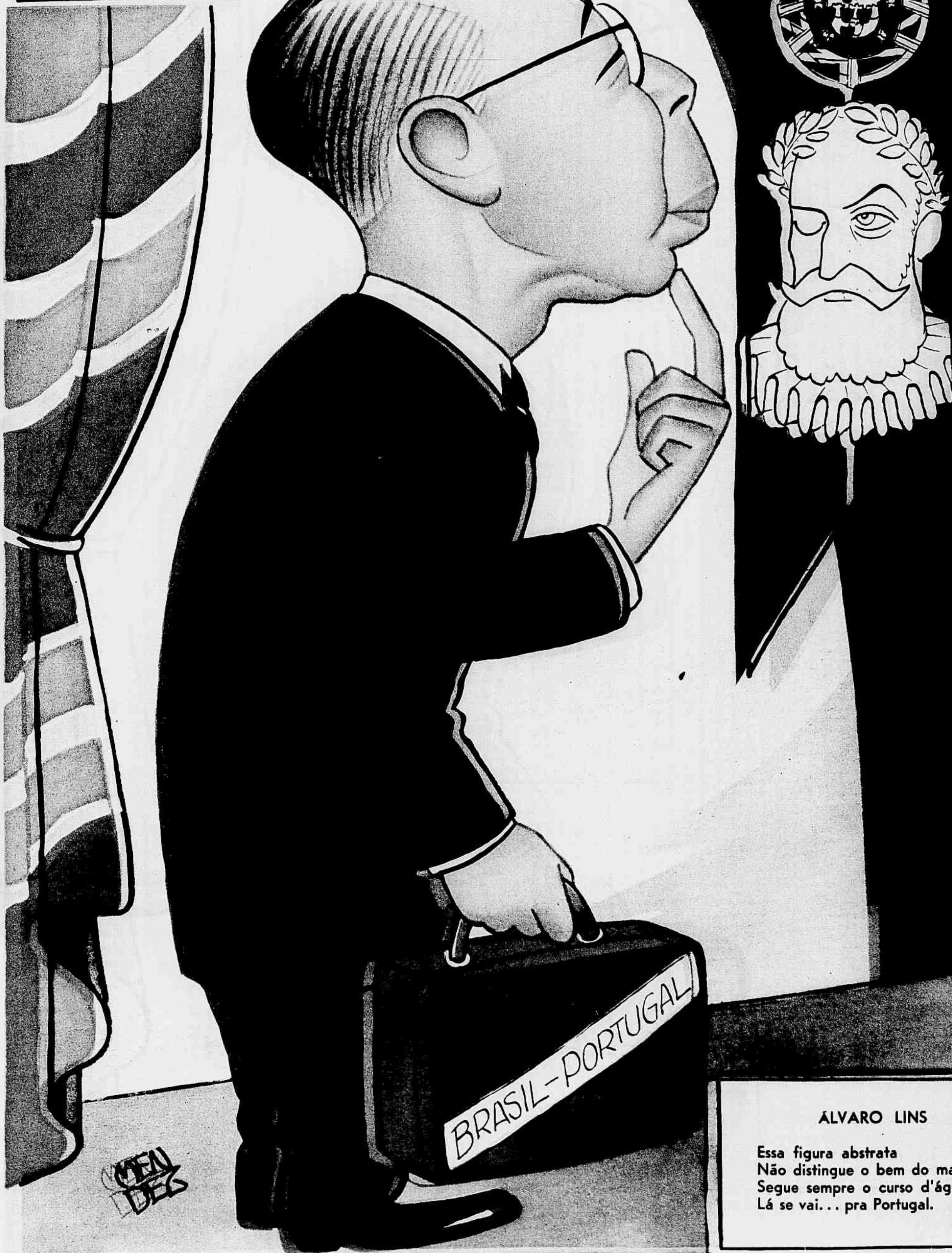


ÚLTIMO FLASH

SOLIDARIEDADE À HUNGRIA

● Foi o Diário Carioca que promoveu a maior solidariedade pública à Hungria, vítima do brutal assalto soviético. À Catedral acorreram milhares de pessoas para assistir à missa rezada pelo próprio Cardeal D. Jaime Câmara. O Presidente Juscelino Kubitschek compareceu acompanhado por D. Sara Kubitschek, foi muito ovacionado na entrada, rezou (foto) e foi embora, recebendo à saída ainda mais aplausos.

**A FIGURA
EM FOCO**



ÁLVARO LINS

Essa figura abstrata
Não distingue o bem do mal;
Segue sempre o curso d'água:
Lá se vai... pra Portugal.



nos centros elegantes do Brasil...

No Cotillon Club, de Pôrto Alegre, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem — bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam — Hollywood é o cigarro preferido!

hollywood

uma tradição de bom gosto

